ANO 56.º / 19 104 4$00

Diário de Lisboa

SEXTA-FEIRA 16 JULHO 1976

Fundador **Joaquim Manso**
Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

SOARES CONVIDADO OFICIALMENTE A FORMAR GOVERNO

O secretário-geral do Partido Socialista, Mário Soares, foi hoje oficialmente convidado pelo Presidente da República a formar Governo. O convite surgiu no decorrer do encontro do general Ramalho Eanes com a delegação daquele partido, precedido, aliás, por conversações do sucessor de Costa Gomes com representações similares da U. D. P., P. C. P., C. D. S. e P. P. D.

Aguarda-se para o início da próxima semana a apresentação à Assembleia da República do programa do novo Governo, já definitivamente elaborado em sucessivas reuniões de cúpula do P. S.

As conversações terão decorrido de forma positiva.

As delegações foram recebidas em audiências separadas, começando pela U. D. P, que foi a primeira a avistar-se com o Presidente da República e era constituída por Acácio Barreiros, Eduardo Pires e Joaquim Ortiz.

Falando aos jornalistas no final da audiência, que durou cerca de meia hora, afirmaram os representantes da U. D. P.:

«O sr. Presidente da República pediu-nos a opinião à base do artigo 190.º da Constituição, sobre a questão do primeiro-ministro e a nossa posição sobre o Governo que virá a ser constituído. A nossa posição é que deve ser cumprida a Constituição. De facto, em princípio, será o partido maioritário, maioritário relativamente, a indicar o primeiro-ministro. Isso é um problema desse partido e não temos que indicar dentro desse partido qual deve ser o primeiro-ministro. Fundamentalmente referimo-nos à questão do Governo, que não deve continuar o caminho das últimas medidas antipopulares do VI Governo. Deve ser um Governo que tome medidas populares e de acordo com a vontade dos trabalhadores, que respeite as conquistas populares, nomeadamente a Reforma Agrária e o controlo operário. Protestámos concretamente contra o último decreto sobre as comissões de trabalhadores, que de facto visa roubar uma conquista popular, uma conquista das organizações de vontade popular dos trabalhadores.»

Relativamente ainda ao Governo, os representantes da U. D. P. manifestaram ao Presidente da República que «qualquer medida antipopular será certamente contra o próprio povo» e reafirmaram que «pretender solucionar a crise à custa dos trabalhadores certamente não resolve essa crise, vai agravar a situação e portanto que a austeridade de que o povo trabalhador já goza há séculos, não é preciso pedir-lhe mais austeridade, e que serão responsabilizados os grandes capitalistas monopolistas».

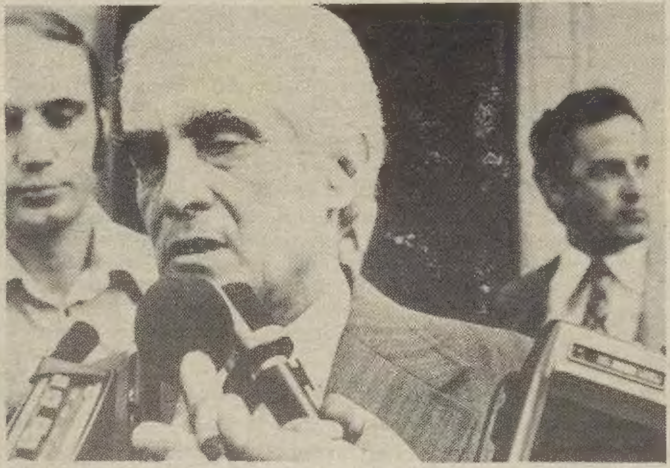
Disseram ainda que todas as leis que vão em favor de chamar «os imperialistas a investirem em Portugal são uma formjnde enforcar, de lançar o garrote ao pescoço do nosso povo».

Sobre a receptividade do Presidente da República às teses da U. D. P. afirmaram os representantes deste partido:

«O Presidente da República ouviu-as, escreveu-as. Algumas questões desejou aprofundá-las, mas disse que não teria tempo desta vez. Precisamente em questões que diziam respeito à divisão cidade-campo, em que a posição do general Ramalho Eanes era de que os trabalhadores das cidade não são explorados e que os trabalhadores do campo são extraordinariamente explorados, esses sim, a nossa posição é que realmente os camponeses das vastas áreas interiores do País são extremamente explorados, possivelmente os mais explorados, os mais oprimidos, mas que isso não se compadece com a exploração que o grande capital e o capital em

Continua na pág. 20

A delegação da UDP foi a primeira a ser recebida pelo Presidente da República. Ei-la quando era abordada pelos jornalistas



Álvaro Cunhal veio a seguir, acompanhado por Octávio Pato Blanqui Teixeira e Carlos Brito

Amaro da Costa, Rui Oliveira (ambos na foto) e Basílio Horta formavam a delegação do CDS

O embaixador da Guiné-Bissau, Júlio Semedo, apresentando cumprimentos ao novo Presidente

EANES RECEBEU CORPO DIPLOMÁTICO

(Pág.5)

GOLPE DE TEATRO EM BRAGA

"Corrécio" no hospital sob prisão

BRAGA, 16 — Uma força da G. N. R. transportada em duas viaturas e comandada por um oficial prendeu, ontem, em Braga, o cadastrado Eduardo Oliveira, mais conhecido pelo «Corrécio», contra quem havia, desde há muito, mandatos de captura. As viaturas policiais fizeram cerco à casa do Eduardo, o qual, ao ver-se descoberto, procurou escapar-se pelo rio Este, obrigando as autoridades a disparar. Atingido por uma bala foi imediatamente transportado para o Hospital de S. Marcos, onde lhe foi ministrado soro devido à perda de sangue e providenciado para o seu transporte para o Hospital de S. João do Porto, onde se encontra internado com uma bala alojada na região cervical. Informação dada esta manhã pelo Hospital de S. João adiantava que o referido indivíduo se encontrava consciente e a cuidado dos médicos.

Por outro lado, o não menos «famoso» Abel da Costa Oliveira, irmão e «companheiro de armas» do Eduardo, foi igualmente detido nesta cidade no seguimento de uma operação «stop» montada por forças da P. J., Polícia Militar e P. S. P., em colaboração com a G. N. R. local. O Abel, de 17 anos e que dá por profissão pintor de móveis, foi detido na freguesia de Gualter com mais três

Continua na pág. 20

20 PÁGINAS

Alta percentagem de reprovações em liceus de Lisboa

Numa breve ronda pelos liceus da capital, um facto é de sublinhar: as reprovações nas provas escritas dos exames oscilam entre os 50 e os 70 por cento, percentagem extraordinariamente preocupante e significativamente alta.

As razões que se avançam para este insólito número de «chumbos» fundamentam-se na desorganização a que se assistiu na colocação dos professores e no diploma legal que estabelece em três escalões e avaliação dos conhecimentos e que foi emanado já muito perto do início dos exames.

Um elemento do Conselho Directivo do Liceu da Amadora, um dos mais populosos da Grande Lisboa, salientou que, na generalidade, a ida dos alunos a exame funcionou mais como última hipótese dada pelo professor ao aluno do que justiças feitas aos seus conhecimentos. A média de dispensa por outro lado teria também sido grande. Alunos há que se viram contemplados pelos três escalões. Se numa disciplina tinham quase um ano de aulas, já noutra apenas as frequentaram durante oito semanas e noutras ainda só conheceram o professor a duas ou três semanas do exame. Este facto veio pertubar não só a preparação dos alunos como dificultar a avaliação dos conhecimentos por parte dos professores. Com efeito, se turmas havia que em determinada disciplina tinham sido normalmente leccionadas, outras turmas do mesmo ano e do mesmo curso e das mesmas disciplinas não tinham tido professor a não ser nas últimas semanas.

Enquanto no Liceu D. Dinis o número de reprovações é mais significativo no Inglês do curso complementar, já na Amadora a maior percentagem de «chumbos» pertence à disciplina de Física do mesmo curso. Atinge os 80 por cento. O Conselho Directivo do Liceu da Amadora, face à experiência deste ano lectivo, enviou já ao M. E. I. C. o que considera as condições mínimas para poder continuar

MULHERES TRABALHADORAS: ENCONTRO NO DIA 24

(Centrais)

Nacional

Política de A a Z

GOVERNO PROVISÓRIO NORMAL PARA UM GOVERNO

Os resultados das eleições presidenciais vieram trazer uma complicação suplementar à já difícil tarefa da constituição do primeiro Governo. Não pensamos só na extrema delicadeza da operação político-administrativa: passar do carácter «provisório» ao estatuto de «Governo constitucional». Operação que não poderá deixar de ser complicada pela desordem introduzida nas administrações, pela quebra do ritmo de trabalho, pela marginalização dos quadros através de depurações de sinal contrário, pela sobreposição de competências pela guerrilha partidária no seio dos departamentos e entre os departamentos pela diversidade dos critérios, pela tendência burocratizante, pela inclinação centralizadora. Não é democrática a estrutura do «Aparelho de Estado». E a organização de um Governo principiará pela renovação, pautada por critérios de economia de funcionamento e de eficiência, do seu próprio organigrama. O VI Governo Provisório era um monstro paralítico. Não funcionava como um colectivo. Não podia funcionar. Podia, simplesmente, dar-nos o imenso orgulho de possuirmos, neste cantinho da Europa, um Governo que rondava as oito dezenas de membros. Os próprios membros do Governo tinham perdido a conta aos seus pares, considerado o conjunto de ministros, secretários e subsecretários.

A essa versão gigantesca da ineficiência governamental e da burocratização administrativa, parece que se deveria opor no delicado trânsito do provisório para o definitivo, um Governo de outro tipo. Evidentemente, político. Os ministros deverão ser políticos que sabem rodear-se de competências técnicas, sem, todavia, com eles dividirem o «poder» em subsecretariados de fortuna. Mas esse «governo político» — e não o poderia deixar de ser um «governo socialista homogéneo» — deveria ser (deverá ser), um «governo operacional».

Constituição desse «governo operacional» está dependente a forma, o ritmo e a eficácia da acção governamental que urge desenvolver.

MAIORIA DE GOVERNO

Já tem sido reconhecido que o ambiente criado pelas eleições presidenciais e os seus próprios resultados, não se apresentam como os mais propícios «à tarefa a que o Partido Socialista meteu ombros». E notando-o, um observador inteligente, acrescentou: «Por um lado, o C.D.S. e o P.P.D. endureceram as suas posições respectivas; por outro lado, o P.C.P. insiste desesperadamente na sua participação no Governo. Interessa, por isso, analisar com mais cuidado a evolução da atitude de cada um destes partidos face ao próximo Governo P.S., a fim de dectar as saídas possíveis para as dificuldades criadas». Mas, António Reis, secretário nacional do P.S. segundo cremos, limita-se a considerar as dificuldades que esperam o próximo Governo (do P.S., homogéneo e minoritário), no plano político. Ao escrever as linhas transcritas era no plano político que se situava, sem ter em conta que aqueles que do insucesso do Governo P.S. esperam o «poder», são capazes de facilitar a formação de «um Governo» para o ver afundar-se na «crise», a várias dimensões, em que o País se encontra.

A «maioria parlamentar» que o Governo P.S. vier a alcançar, ou o simples consentimento para governar nos meses de Verão, poderá ser — que o P.S. se não iluda — a jogada táctica daqueles que serão críticos severos no próximo Outono e se apresentarão como salvadores competentes nos princípios do Inverno.

O primeiro Governo normal corre o risco de ser um «governo sazonal».

POSIÇÃO POLÍTICA E CAPACIDADE ADMINISTRATIVA

Nas circunstâncias actuais — e embora saibamos que as opiniões neste ponto se dividem — fórmula «Governo P.S. homogéneo» surge como a possível. Mas o problema, para o P.S., para a «esquerda», e para o País, não é um simples problema político. É um problema de competência e de eficácia. E devemos reconhecer, apesar do melindre que a afirmação envolve, que o P.S., ao longo dos sucessivos governos provisórios — o V exceptuado — contraiu dificuldades que não poderão ser minimizadas. Há sete meses que os sectores fundamentais da Economia, das Finanças e do Trabalho (com excepção do Comércio Interno) são dirigidos pelo P.S. Devemos esperar, portanto, que estejam definidas as opções e estabelecidos os métodos de trabalho que permitam uma recuperação que é inadiável. Devemos esperar que o partido que para si reclamou o «poder», esteja apto a exercê-lo, contando não só com a fidelidade política, com a dedicação pessoal dos militantes a que recorrerá, mas apostando na sua capacidade de trabalho, experiência e competência.

Este «governo político» deverá ser um «governo operacional». Será um «governo operacional», um «governo de combate», ou não será o Governo.

UMA DEFINIÇÃO CRUEL

Censurou Mário Soares aos jornalistas e considerou prejudicial à democracia, o interesse que a Imprensa vem manifestando pela composição do novo Governo. Há informação e há especulação, há revelação pressurosa em termos de concorrência profissional e há manipulação das informações, intrigas, insídias. É preciso distinguir. É preciso não condenar em globo.

Na realidade as informações transpiram, as indiscrições são correntes, as imaginações são férteis. E é por isso que, após a designação de variados nomes para algumas pastas, já, maliciosamente, se diz, perante sucessivas recusas, algumas das quais inesperadas, que o próximo Governo será um «governo por exclusão de partes».

Uma definição cruel que esperamos ver desmentida.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

"Um" deputado é "plural" ou "singular"?

Saber se uma pessoa física pode ser juridicamente considerada como grupo ocupou considerável parte dos debates de ontem na Assembleia da República.

Acácio Barreiros, UDP, defendeu que a sua condição singular na Assembleia não deveria obstar a que fosse considerado como grupo, o que lhe conferiria uma estranha condição plural. Moura Guedes, PPD, não discordou desta tese, mas José Luís Nunes, PS, e Vital Moreira, PCP, iriam contrariá-la. «São precisos pelo menos dois para formar um grupo», lembraria Vital Moreira e José Luís Nunes evocaria a própria Constituição que claramente expressa que só «os deputados» — no plural e não no singular — «eleitos por cada partido se podem constituir em grupos parlamentares».

Na votação iria prevalecer a argumentação do PS e PCP — «é ridículo ter que invocar argumentos para provar que um não é um grupo» — a qual aderiram sem excepções todos os restantes deputados presentes, com a natural excepção de Acácio Barreiros que, numa declaração final de voto, diria que «a UDP é uma força» e evocaria Engels e os G.D.U.P.'s.

Ultrapassado o problema levantado por Acácio Barreiros, a Assembleia prosseguiria a aprovação do regimento até ao artigo 28.º

Avançando-se na matéria que regula a eleição e competência do Presidente da Assembleia, decidiu-se contra a proposta da Comissão do Regimento que concedia ao seu mandato a duração de quatro anos, reduzindo-o para o período anual de cada sessão legislativa.

Da matéria em debate, é de destacar nova votação PS, PPD, CDS, esta favorecendo uma proposta «pepedista» que privilegia o posto do vice-presidente da mesa da Assembleia «proposto pelo segundo maior partido» nela representado, neste caso o próprio PPD.

Nova sessão decorre esta tarde, com a continuação do debate em torno dos artigos regimentais já apresentados.

E.R.

Primeiro governo constitucional: funções, competência, responsabilidade

O próximo Governo Constitucional Português, cujo Primeiro-Ministro será nomeado pelo Presidente da República, ouvidos o Conselho da Revolução e os partidos representados na Assembleia da República e tendo em conta os resultados eleitorais, é o órgão de condução da política geral do País e o órgão superior da Administração Pública que define e executa a sua política com respeito pela Constituição, por forma a corresponder aos objectivos da democracia e à construção do socialismo.

Nos termos da Constituição, o Programa do Governo será apresentado à apreciação da Assembleia da República no prazo máximo de dez dias a seguir à nomeação do Primeiro-Ministro e dele constarão as principais medidas políticas e legislativas a adoptar ou a propor ao Presidente da República ou à Assembleia da República.

O debate do programa governamental no Parlamento não poderá exceder cinco dias, podendo qualquer grupo parlamentar propor a sua rejeição, a qual necessita da maioria absoluta dos deputados em efectividade de funções.

Politicamente, compete ao Governo, para além de praticar os actos que lhe sejam cometidos pela Constituição ou pela lei, negociar e ajustar convenções internacionais, aprovar os acordos internacionais, bem como os tratados cuja aprovação não seja da competência do Conselho da Revolução ou da Assembleia da República ou que a esta não tenham sido submetidos e ainda referendar os seguintes actos do Presidente da República: nomeação e exoneração dos membros do Governo, sob proposta do Primeiro-Ministro, dissolução ou suspensão dos órgãos das Regiões Autónomas ouvido o Conselho da Revolução, nomeação e exoneração do presidente do Tribunal de Contas, do procurador-geral da República e dos representantes do Estado nas Regiões Autónomas; promulgação e publicação das leis da Assembleia da República e dos decretos-lei e decretos regulamentares do Conselho da Revolução e do Governo, bem como a assinatura dos restantes decretos, declaração do estadp de sítio ou do estado de emergência, mediante autorização do Conselho da Revolução, indulto e comutação das penas, nomeação dos embaixadores e dos enviados extraordinários e acreditação dos representantes diplomáticos estrangeiros, ratificação dos tratados internacionais, depois de devidamente aprovados e declaração da guerra em caso de agressão efectiva ou iminente e da paz, mediante autorização do Conselho da Revolução.

No exercício de funções administrativas, compete ao Governo elaborar o plano e o orçamento global do Estado com base nas respectivas leis, e fazê-los executar, fazer os regulamentos necessários à boa execução das leis, dirigir os serviços e a actividade da administração directa e indirecta do Estado e superintender na administração autónoma, praticar todos os actos exigidos pela lei respeitantes aos funcionários e agentes do Estado e de outras pessoas colectivas públicas, defender a legalidade democrática e praticar todos os actos e tomar todas as providências necessárias à promoção do desenvolvimento económico-social e à satisfação das necessidades colectivas.

No exercício de funções legislativas, compete ao Governo fazer decretos-lei em matérias não reservadas ao Conselho da Revolução ou à Assembleia da República, fazer decretos-lei em matérias reservadas à Assembleia da República, mediante autorização desta e fazer decretos-lei de desenvolvimento dos princípios ou das bases gerais dos regimes jurídicos contidos em leis que a eles se circunscrevam.

As funções do Primeiro-Ministro cessam com a sua exoneração pelo Presidente da República e o Governo é politicamente responsável perante o Presidente da República e a Assembleia da República. Durante a sua actividade, o Governo pode solicitar à Assembleia da República a aprovação de um voto de confiança sobre uma declaração de política geral ou sobre qualquer assunto relevante de interesse nacional.

Por outro lado, a Assembleia da República pode votar moções de censura ao Governo sobre a execução do seu programa ou assunto relevante de interesse nacional, por iniciativa de um quarto dos deputados em efectividade de funções ou de qualquer grupo parlamentar. Aquelas só podem ser apreciadas 48 horas após a sua apresentação, em debate de duração não superior a três dias. Se a moção não for aprovada, os seus signatários não podem apresentar outra durante a mesma sessão legislativa.

O Governo cai se o seu programa for rejeitado, se não conseguir aprovar uma moção de confiança ou se na Assembleia forem aprovadas duas moções de censura com, pelo menos, trinta dias de intervalo, por maioria absoluta dos deputados em efectividade de funções.

Os membros do Governo são civil e criminalmente responsáveis pelos actos que praticarem ou legalizarem, mas movido procedimento judicial contra um membro do Governo pela prática de qualquer crime e indicado por despacho de pronúncia ou equivalente, o processo só seguirá os seus termos, no caso de ao facto corresponder pena maior, se o membro do Governo for suspenso do exercício das suas funções.

O Governo é constituído pelo Primeiro-Ministro, pelos ministros e pelos secretários e subsecretários de Estado, podendo incluir um ou mais vice-primeiro-ministro. Não havendo vice-primeiro-ministro o Primeiro-Ministro será substituído na sua ausência ou impedimento pelo ministro que indicar ao Presidente da República ou, na falta de tal indicação, pelo ministro que for designado pelo Presidente da República, ouvido o Conselho da Revolução.

(Não aconselhável a menores de 13 anos)

post-scriptum

«Infantários onde a exploração continua»

Sob este título foi publicada, no vosso jornal, uma carta de uma leitora e, reconhecendo o colégio a que se refere, não posso deixar de exprimir a minha indignação perante a injustiça das acusações.

Longe de ser uma das «mamãs pecebes» citadas pela leitora, sou, como a maioria das outras mães das crianças frequentadoras deste infantário, uma mulher que trabalha para fazer face às despesas crescentes da vida e para poder proporcionar aos meus filhos uma educação que lhes permitirá, no futuro, preencher dignamente um lugar na vida e ganhar o seu sustento adequado por meio de um trabalho competente sem que tenham de recorrer à demagogia e à agitação para extorquir regalias imerecidas ao patronato.

A mensalidade de Esc. 1100$00 é, de facto, uma verba considerável; mas quando resolvemos inscrever os nossos filhos, tínhamos perfeita consciência da quantia e se a aceitámos, foi de nossa livre vontade. Há, sem dúvida, creches e infantários mais baratos e, como em qualquer negócio, compete ao comprador escolher a qualidade e o preço da mercadoria. Se a avó do aluno em questão quer que o neto aprenda alemão, o que, longe de ser um snobismo reaccionário, certamente seria uma vantagem real para ele, é justo que pague o preço deste colégio, possibilitando que a direcção pague os ordenados dos professores e educadores que, seguramente, não estão dispostos a ficar sem remuneração. E visto que os professores, educadores, empregados da secretaria e da cozinha têm o direito a 14 ordenados, não me parece exorbitante que os alunos pagem 10 mensalidades, embora durante o mês de Julho apenas tenham quinze dias de aulas — podendo, no entanto, frequentar a escola infantil durante o mês inteiro.

O facto do pátio não ter relva e flores não é de espantar, tratando-se de um estabelecimento no centro da cidade e, certamente, a mãe queixosa notara essa circunstância quando inscreveu o filho; portanto, não me parece uma causa justa para deixar de pagar as últimas mensalidades.

Sei, por experiência própria, que os alunos nunca se encontram sem vigilância o que, evidentemente, não exclui a possibilidade de uma criança cair, tropeçar ou bater em qualquer lugar. Como é do conhecimento de qualquer pessoa que lide com crianças, esses percalços não podem ser evitados nem pela mais rigorosa vigilância.

Permito-me concluir com uma nota pessoal: Durante o ano findo tive de lutar com sérias dificuldades financeiras e, em Abril de 1975 verifiquei, que me seria impossível continuar a pagar as mensalidades para os meus dois filhos que frequentam o referido jardim infantil. Informei a directora deste facto e da minha decisão de os tirar do colégio. Ora, a mesma directora, que tanto revolta a leitora em causa por «só se interessar pelo dinheiro», recusou-se a aceitar a minha sugestão e prontificou-se a conservar os meus filhos no infantário o tempo necessário e sem qualquer pagamento, receando que as crianças pudessem vir a ficar traumatizadas por uma interrupção brusca da sua frequência escolar.

Em gratidão por esta compreensão e preocupação que serve melhor os interesses dos alunos, a despeito das necessidades financeiras da direcção, sinto-me obrigada a refutar essas acusações.

Susana da Silva — LISBOA

«DL» — Ao dar publicidade a pontos de vista de leitores nossos, desejamos tornar bem claro que isso não pode significar concordância incondicional às ideias expressas. E julgamo-nos no direito de não dar publicidade a expressões que possam ser entendidas como insultos gratuitos e caluniosos.

Que se passa no Liceu de Portimão?

Parece haver desconexão entre as classificações atribuídas pelos professores do ciclo complementar e os reais conhecimentos dos alunos. Haverá diversidade de critérios da parte de quem classificou as provas do sétimo ano?

Como se explica que a grande maioria dos alunos tenha ido a exame confiadamente, com notas de 12, 13 e alguns até 14 num dos períodos, pelo menos, e tenha obtido as mais espantosas classificações desde o zero, um, quatro, seis... sobretudo nas provas de Filosofia, Físico-Químicas, Matemática?...

Se os alunos desconhecem as matérias, como foi possível terem obtido classificações aceitáveis durante dois anos de curso complementar?

Nós, pais, acreditámos, confiámos, nos professores dos nossos filhos.

Agora as pautas são uma lástima de reprovações que rondam os noventa por cento (ou mais...).

O que é que está errado?

Maria L.M. Ventura — Monchique

ECONOMIA E PROBLEMAS FUNDAMENTAIS

VÍTOR BENTO

A análise das dificuldades de base da economia portuguesa passa, como se tem dito, pela constatação da necessidade de importar produtos que nos são essenciais.

Entre nós, foi sempre difícil encontrar dados estatísticos que permitam fazer diagnóstico correcto e rápido das relações de causa e efeito de certas medidas tomadas. Tal resulta da falta de meios, humanos e materiais, nos serviços oficiais de estatística e do atraso cultural que leva as pessoas a não consideraram importante fornecer dados, ou a não os tratar em tempo. Também por outro lado, o sistema económico do regime anterior não oferecia insegurança para os centros de decisão capitalista, pelo que não se sentia tanto a falta de alguns dados e até os erros introduzidos na sua preparação.

Uma sociedade é como um organismo complexo. Os dados sobre a sua «saúde» e os sintomas de maior ou menor resistência são fundamentais para controlar o resultado da introdução de quaisquer medidas, neste ou naquele sector e os seus reflexos em outros sectores, ou em todo o organismo.

Utilizaremos portanto indicações genéricas.

Perto de um terço de todos os produtos que consumimos (as pessoas, as empresas, os campos, o Estado, etc.) são importados. Tal como um camponês precisa de vender parte dos produtos da sua propriedade, para comprar não só outros alimentos, o vestuário, etc., para o seu consumo pessoal mas também as sementes, os adubos, as máquinas, etc., para a sua lavoura, tem o País de vender ao estrangeiro os produtos ou serviços de que dispõe e que interessem aos outros, para assim poder pagar o que precisa de importar. A relação entre aquilo que vende e o que compra é alterado por várias razões, tais como: o desejo de melhorar o nível de vida, ou seja, de ter acesso a produtos das sociedades mais desenvolvidas e que se não podem fabricar localmente — o desinteresse dos mercados compradores pelos nossos produtos, devido a aparecerem outros concorrentes com melhores preços do que os nossos, ou porque estão com dificuldades económicas que os obrigam a privar-se deles, por não lhes serem essenciais —, por aumento súbito dos preços dos produtos, o que para a mesma quantidade, aumentaria muito a despesa total das compras ao estrangeiro e tal se torna incompatível. Todos estes três factores interferiam no agravamento da economia portuguesa desde 1973.

Outra característica do nosso sistema é a de que apenas exportamos cerca de metade do que importamos. Há, pois, um «buraco» crónico, uma parte do qual é coberta pelas remessas de emigrantes e dos turistas, ou por empréstimos. Parte do que consumimos tem sido, portanto, subsidiado por outros. Estas remessas vêm em moeda estrangeira (equivalente a produtos a comprar no mercado estrangeiro) e são convertidos em escudos (equivalentes a compras no mercado português e em que uma razoável percentagem é, como vimos, produzida localmente).

O valor do tal «buraco» é da ordem dos 50 milhões de contos. O valor das remessas dos emigrantes mais turismo tem sido da ordem dos 30 milhões. É preciso portanto ir buscar 20 milhões às reservas, acumuladas com a política de poupança do regime salazarista e realizada à custa de baixos salários; sem que tenham sido utilizadas para investimentos que criassem mais riqueza e resolvida, em parte, esta deficiência crónica da nossa economia.

As reservas que existiam em fins de 1973 eram cerca de 40 milhões de contos em moeda e cerca de 28 milhões em ouro.

A moeda gastou-se, por volta de Outubro/Novembro de 1975 e o ouro, que foi depois vendido ou colocado como garantia sobre os empréstimos (o que na situação actual, de não podermos pagar, é a mesma coisa) reduz-se, nesta altura, a cerca de metade daquele valor, após o último empréstimo efectuado. Estas contas são demasiado simplistas, pois haverá que contar com empréstimos e os juros pagos de dívidas recentes e do tempo das guerras coloniais, mas, dão uma ideia geral da situação. Tal significa que, se nada alterasse, as nossas reservas atingiriam o valor nulo, cerca de meados de 1977, o que as regras financeiras internacionais até não permitem. Mas, tal conduzirá, a esta cadência, ao colapso da economia, dentro de 6 a 12 meses. Acontece também este ano que, por razões às quais não são alheias, talvez, certas manobras da direita, têm baixado as remessas dos emigrantes (trocas no estrangeiro por escudos «fugidos», a taxas muito favoráveis, mercado negro, receio de desvalorização, enfim, de tudo um pouco). Por outro lado a ocupação turística também foi perturbada por incertezas políticas não contrariadas e pela ocupação dos hotéis pelos retornados.

Como se viu, qualquer perturbação nas remessas dos emigrantes ou no turismo afecta fortemente o nosso já deficitário poder de compra ao estrangeiro.

Dispensaram-se assim, para consumos, mais de 60 por cento das nossas reservas sem criar investimentos que anulassem esta deficiência de base da economia (e depois vê-nos dizer que «nós» somos cigarras...).

Duas vias são, em princípio, alinháveis para a resolução deste problema: baixar o consumo de todos ou de alguns produtos, substituindo-os, ou não, por produtos locais, equivalentes ou parecidos, reconvertendo hábitos ou então aumentando a produção do que o estrangeiro nos pode comprar. Este enunciado é simples, mas a sua aplicação prática não é fácil. Não só pelos efeitos indirectos, pois o aumento da produção exige a compra de mais equipamentos e matérias-primas e mais agravamento do défice, como, por outro lado, a quebra de importação de certos produtos vai afectar a economia, não só dos sectores envolvidos, mas também a de outros, por reflexo, dentro das interligações complexas de um sistema que é como um organismo (na imagem que se deu).

Governar uma nação exige opções políticas, isto é, a satisfação e adesão destes ou daqueles grupos ou classes sociais, de modo ao todo ser levado a certas metas. A medida que os problemas são mais complicados, menos possível é tentar as soluções tecnocráticas, isto é, desligadas de aspectos psíquicos, do comportamento colectivo, o que envolve conceitos tais como entusiasmo, disciplina, autoridade, exemplo de conduta, motivação, eliminação, etc. Numa sociedade em transição (ou com problemas graves de desiquilíbrio económico) é necessária uma forte intervenção do Estado (o que é contrário à propagandeada versão de Estado de Direito) que compense os mecanismos económicos de mercado, isto é, de livre oferta e procura. É preciso racionar ou aumentar o preço de um dado produto? É preciso não se importar, afectando o emprego aqui e acolá, o que é necessário depois remediar? É preciso «pedir» um esforço de produção, fazendo turnos de trabalho, de modo a tirar o maior proveito dos equipamentos e meios existentes? É preciso conceder o controlo das escalas salariais e repartição de benefícios aos trabalhadores por um lado e empresários, por outro, actuando o Estado como árbitro? É preciso não desiquilibrar os rendimentos de um certo sector (por exemplo, agora a chamada «aristocracia operária») distanciando-os dos outros mais desfavorecidos e com menor poder de compra (por exemplo, os reformados) procurando a concessão de salários indirectos que proporcionem emprego a outros trabalhadores (cantinas, férias nas instlações turísticas sob o controlo do Estado, senhas para compras de produtos, etc.)? É preciso ajudar a exportação destes ou daqueles produtos, que estão com boa aceitação nos mercados estrangeiros isentando de impostos as novas fábricas que os produzem ou garantindo um preço mínimo de exportação? É preciso incentivar o turismo criando o «escudo-turístico», ou seja uma taxa de câmbio preferencial para esta actividade? Enfim, um grande número de opções que fazem parte de um programa político que exige a intervenção do Estado. Daí lhe advirá a sua autoridade, da capacidade de intervir

Continua na pág. 4

BUENOS AIRES PERDE O FÔLEGO

O ministro argentino da Economia José Martinez de Hoz, que recentemente esteve em Paris, pediu à França novas facilidades financeiras e, possivelmente, créditos de investimento. O Partido Socialista protestou contra esta visita, achando que ela significava para o Governo francês «aceitar os assassinatos, a supressão das liberdades e a oficialização do terror».

É certo que desde o derrube da presidente Isabel Péron, a 24 de Março passado, até à chegada ao poder de uma equipa militar presidida pelo general Videla, a situação não melhorou na Argentina. De início bastante bem acolhida por uma população que a desordem, a corrupção e a falência económica tinham causado, a tomada do poder pelo Exército não permitiu resolver nenhum dos problemas que assolam este país quase sem forças.

No plano económico, ninguém estava à espera de milagres após meses de bancarrota. No entanto, o novo governo parecia resolvido a tornar mais lento o ritmo da inflação e a «passar de uma economia de especulação para uma economia de produção». O «plano económico» anunciado no princípio do mês de Abril e que previa um regresso à livre empresa não deu nenhum resultado. A dívida externa argentina é hoje de 10 biliões de dólares. A inflação atinge 350 por cento por ano e o poder de compra dos trabalhadores diminuiu para metade.

Incapazes de obter o concurso voluntário dos sindicatos e de fazer aceitar aos assalariados os sacrifícios necessários, os militares, primeiro conciliatórios e moderados nas suas declarações, endureceram a pouco e pouco a repressão, cedendo assim às pressões dos sectores mais conservadores do Exército e dos grandes interesses agrícolas, principais beneficiários da «nova linha» económica. A maioria das organizações operárias foram, a pouco e pouco, colocadas sob a tutela do poder, e alguns dos seus dirigentes, que de início tinham apoiado o general Videla, foram presos. A imprensa está agora submetida a um controlo rigoroso. No mês de Junho, por fim, quarenta e sete organizações de esquerda foram pura e simplesmente dissolvidas.

Mas, se no domínio económico e social os militares não triunfaram, eles também não conseguiram — longe disso — restabelecer um mínimo de ordem no país, o que era o seu objectivo prioritário. Pelo contrário, a violência política parece ter-se desencadeado e fez em três meses mais de seiscentas vítimas. A guerrilha registou êxitos espectaculares no próprio centro de Buenos Aires e na província, apesar de uma multiplicação das operações de limpeza. Por seu lado, a polícia oficial e os grupos de extrema-direita — principalmente o A.A.A. — entregam-se a uma sinistra concorrência em matéria de assassinatos políticos, raptos e torturas.

É, no entanto, neste terreno que o general Videla acaba de registar uma derrota espectacular. O novo chefe da Polícia, general Corbetta, nomeado no fim de Junho após o assassinato do seu predecessor, prometera — com o apoio do presidente — pôr fim aos «excessos da repressão». Os quadros da polícia, exasperados por um novo atentado atribuído aos Montoneros (extrema-esquerda) obrigaram-no a pedir a demissão.

Sob as pressões cada vez mais fortes dos partidários da «ordem», o general Videla parece hoje condenado, se quiser manter-se no poder, a não passar de mais um Pinochet. E a Argentina, efectivamente, a ser um novo Chile.

©(«Le Monde»)

SINDICATO DOS PROFESSORES

Rua das Gaivotas, 6 — Telef. 60 66 97
Rua do Conde Redondo, 22, 1.º — Telef. 55 65 30
—— LISBOA ——

CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO VERTICAL DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PARTICULAR

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores abrangidos pelo presente Contrato Colectivo de Trabalho Vertical para um plenário a realizar na 2.ª feira, dia 19 de Julho de 1976 pelas 21 horas, na Rua do Alecrim, 46-1.º em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto único — Esclarecimentos sobre a proposta vertical de revisão ao CCT.

NOTA: Este plenário realizar-se-á seja qual for o quorum alcançado.

OS SINDICATOS OUTORGANTES:
SINDICATO DOS TÊXTEIS
SINDICATO DOS RODOVIÁRIOS DE LISBOA
SINDICATO DOS SERVIÇOS DE PORTARIA E VIGILÂNCIA E LIMPEZA
FEDERAÇÃO DO SUL DOS SINDICATOS DE INDÚSTRIA HOTELEIRA
FEDERAÇÃO REGIONAL DO SUL DO SINDICATO EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO
SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

AOS TÉCNICOS DE CONTAS

Convidam-se os Técnicos de Contas, sócios deste Sindicato para as reuniões a realizar nos próximos dias 20 e 21, pelas 21 horas, nas suas instalações, Rua do Alecrim, n.º 46-1.º, nas quais estarão presentes Técnicos Economistas da Direcção Geral das Contribuições e Impostos, para darem esclarecimentos, quanto ao preenchimento da nova declaração Mod. 2 do Grupo A da Contribuição Industrial.

NOTA:

É conveniente os participantes virem munidos dos impressos referidos no Decreto-Lei 503-B/76.

Lisboa, 14 de Julho de 1976

A DIRECÇÃO

CURSOS DE VERÃO
EXAMES 1.ª ÉPOCA — SETEMBRO
INÍCIO EM JULHO

EXTERNATOS
Marquês de Pombal — Álvares Cabral
Rua Morais Soares, 93 — Tel. 820221 / 834658
Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica) Tel. 706974/5
PREPARATÓRIO-LICEAL
(GERAL E COMPLEMENTAR)
ADM. UNIVERSIDADE
(EXAMES «AD HOC» — Maiores de 25 anos)

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
Av. João XXI, 5-D — Rua Infantaria 16, 55-C — LISBOA

Nacional

ECONOMIA E PROBLEMAS FUNDAMENTAIS

Continuação da pág. 3

a contento do bloco social motor e não dentro das regras «selváticas» das actuações capitalistas tradicionais, como seja por exemplo a desvalorização da moeda, pura e simplesmente. Quem pode paga, quem não pode não paga! Até se chegar ao número desejado como consumo e portanto, de importação. Este género de medidas, sem complemento com outras de carácter político e social, não devem ser tomadas.

Quando analisamos as nossas importações e exportações uma das primeiras coisas que nos salta à vista é a de que mais de 10 por cento do nosso comércio se efectuava com as ex-colónias. Delas nos vinham matérias-primas e alimentos que são considerados essenciais para a nossa economia (de alguns deles temos talvez de abdicar se não arranjarmos uma solução). As economias — desses territórios estão em grande crise e não dispõem ortanto de meios financeiros para as suas próprias compras. Logo é por isso possível efectivar trocas. Para tal é preciso uma atitude política que terá de ser, no mínimo, de isenção.

O mesmo princípio era possível, alguns anos atrás, com os países do Leste. Actualmente consideram-nos, tal como o Ocidente, um pequeno país, aflito. No entanto, esses países, têm dificuldades em divisas estrangeiras e aceitarão em alguns casos a modalidade da troca. O mesmo se passa com alguns dos não alinhados e do Terceiro Mundo. O aprofundamento das relações comerciais com todos os países do mundo é essencial a uma perspectiva do nosso desenvolvimento futuro. O comércio com o exterior tem de ser controlado, ao nível de cada importação, por gente que conheça os sectores (os trabalhadores, por exemplo) pois chega-se ao paradoxo de se importarem produtos que são aqui fabricados e que não se vendem (isto até se passa com serviços públicos e empresas com intervenção!).

O nosso país importa grande quantidade de alimentos. É preciso reconverter o seu consumo e os hábitos alimentares, aumentando, por exemplo, a área de cultura de arroz, em prejuízo do tomate ou da vinha, no Vale do Tejo, e de outros rios mas, de preferência, com obras de hidráulica que aumentem a área irrigada. É preciso financiar a compra de gado a adquirir pelos camponeses da pequena propriedade e os das herdades colectivas, pois não se compreende que continuemos a importar proteína animal. Também neste caso se impõe que passemos a consumir mais aves e coelhos, animais de fácil criação. Não se compreende que tendo estaleiros e pescadores e metade do território rodeado por mar, não encontremos na pesca uma grande fonte da nossa alimentação, como já aconteceu no passado. Será necessário adquirir a tecnologia aos estrangeiros que a detêm. Mas sobretudo, começar! (Não é admissível que se gastem milhões de contos com a importação de bacalhau e se forneçam os «protagonistas» para os filmes sobre artesanato piscatório e simultaneamente se despendam milhões, nesse luxo que é Sines). O mesmo comentário é possível quanto à organização do Vale do Tejo (cujas inundações «fatalistas» já os economistas de há trezentos anos criticavam) e reconversão das suas culturas. A vinha é uma cultura que não deve ser feita — em economia planificada — nas zonas de terra rica, pela simples razão de que os produtos que é possível aí plantar têm preços muito mais controlados a nível internacional do que o vinho, que é produto tradicional (isto é, o valor «político» é diferente de produto para produto).

Quanto à indústria, é preciso criar organizações sectorais, a nível regional e nacional, que coordenem e identifiquem sectores de actividade, desde as compras das matérias-primas até à exportação e a importação de similares. Há equipamentos mal aproveitados e mal implantados, que podem produzir mais, em novas condições e que são resultado do improviso e da falta de capacidade de pseudo-empresários (não basta «empreender» é preciso que se faça bem e para o bem da comunidade).

Há que produzir o mais possível em Portugal daquilo que é susceptível de ser cá produzido. O conceito tradicional, entre nós, de que aquilo que é estrangeiro é melhor ou mais barato é um conceito falso em economia controlada, pois pode ser realmente melhor, o que não ajuda porém a ocupar mão-de-obra portuguesa, mas só é mais barato se houver dinheiro (estrangeiro) com que comprar. Os economistas e gestores portugueses têm que se adaptar a conceitos novos, que o regime fascista impediu, até, que fossem conhecidos. São conceitos de certo modo mais «humanos» no sentido em que é necessário nos adaptarmos, às nossas próprias capacidades, contando com a criatividade e capacidade das pessoas.

É evidente e já foi dito frequentemente ao longo destes dois anos, que é necessário privilegiar os equipamentos colectivos em detrimento dos individuais. Um caso típico é o do automóvel. Despenderem-se em 1974, mais de 4 milhões de contos na importação de automóveis. Evidentemente que ter um automóvel é uma justa aspiração das famílias e não é pelo lado da gasolina que a questão tem de ser abordada, pois essa é até uma das receitas fiscais, de mais fácil colecta para o Estado. As pessoas usarão o automóvel enquanto não tivermos meios de transporte colectivo ao seu alcance. Há agora que fazer toda uma campanha de reparações e manutenções que permita aumentar consideravelmente a duração do parque.

Quanto aos electrodomésticos cujo valor tem ultrapassado o 1 milhão de contos, é necessário que a sua fabricação se faça aqui, como está previsto, incorporando o mais possível de produtos locais.

Como já se viu, o turismo é outra fonte importante de receitas. É uma actividade falível, quer por razões acidentais de crise nos países de origem, quer pela desconfiança perante acontecimentos políticos, quer pelo aparecimento de um número crescente de novas zonas de turismo em outros países, concorrendo a preços muito favoráveis. Esta actividade permite ocupar a indústria da construção, vendendo a sua produção para o estrangeiro (através do aluguer da ocupação) atitude bem mais realista do que a apregoada construção de habitações sociais, para a qual não há dinheiro suficiente (quer para as casas, quer para as rendas). O turismo permite ainda ocupar bastante mão-de-obra, nos serviços e assim se vendendo as poucas coisas que temos melhor que alguns outros países: o Sol, e o mar (e atrás deles o vinho e outros produtos). Quanto ao turismo interno, também tem de ser fomentado, como um benefício indispensável para os trabalhadores. Deve estar fora de questão que numa situação económica difícil, como esta, os portugueses despendam dinheiro em turismo, no estrangeiro.

Aliviar os problemas do bem-estar das populações dependerá bastante da mobilização política dos trabalhadores e de outros estratos da população (exemplo: estudantes) utilizando os escassos meios disponíveis para deles tirar mais rendimento, melhorando o nível da assistência hospitalar, escolar, dos serviços sanitários, caminhos, centros de recreio popular, parques infantis, etc.

Foram abordados alguns aspectos da situação económica. A definição de medidas concretas está fora do âmbito deste artigo e exigiria discussão de pormenores, dentro de uma certa linha política de abordagem dos problemas.

Para resolver os problemas será necessário um grande esclarecimento das populações e a definição de um projecto político, o que os «profissionais» da política ainda não conseguiram realizar. Resta que outros o façam e esses só poderão ser os militares. Deverão, depois, encomendar a execução a quem faça e não a quem apenas promete que faz, como tem acontecido até agora. A impossibilidade de alterar a sociedade portuguesa, ou pior, o espectro de que venha a tornar-se muito pior do que era, terá que ser atribuída às lutas pelo poder, e estas à ganância dos «políticos» que não foram metidos na ordem por quem podia e não quis ou não soube fazê-lo.

«SOCIEDADE ESTORIL»

CAMINHOS DE FERRO DO CAIS DO SODRÉ A CASCAIS

SE VAI À PRAIA no **COMBOIO** da linha de Cascais, **NÃO SE SUJEITE A LONGAS DEMORAS** em bichas para comprar bilhete.

Utilize as **MÁQUINAS AUTOMÁTICAS**, práticas e **RÁPIDAS**, bastando trazer, em **MOEDAS** de 5$00, 2$50, 1$00 e $50 o **PREÇO EXACTO** do bilhete.

Os preços são:

CAIS DO SODRÉ A	PREÇOS 1.ª classes	PREÇOS 2.ª classe
Santos, Alcântara, Belém, Pedrouços, Algés	7$50	5$00
C. Quebrada, Caxias, Paço de Arcos, Santo Amaro, Oeiras	11$00	7$50
Carcavelos, Parede, S. Pedro, S. João, Estoril, Monte, Cascais	15$00	10$00

— NO REGRESSO utilize também as MÁQUINAS AUTOMÁTICAS existentes em quase todas as estações.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença de exploração para Portugal, da Patente de Invenção N.º 57 481, para «PROCESSO PARA A RECUPERAÇÃO DE MERCÚRIO DAS CÉLULAS DE CLORO QUE UTILIZAM CÁTODOS DE MERCÚRIO».

Trata:
CLARKE MODET & C.ª LD.ª
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.º
LISBOA 1

Transportado pelos Caminhos de Ferro Portugueses.

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)

EANES AO CORPO DIPLOMÁTICO

Novas descobertas situam-se no entendimento entre os povos

«O Povo português tem consciência de que as novas descobertas se não situam já ao nível de procura de terras desconhecidas, mas ao encontro de novas formas de entendimento e de cooperação entre os povos, solidários num destino comum, e em novos sistemas de organização, que contribuam eficazmente para a melhoria das condições de vida de cada homem e de cada sociedade», afirmou o Presidente Ramalho Eanes no decorrer da audiência de ontem ao Corpo Diplomático acreditado em Lisboa, que lhe foi apresentar cumprimentos.

A cerimónia, que teve lugar no Palácio da Ajuda, registou ainda a presença de Melo Antunes e Medeiros Ferreira, respectivamente na qualidade de ministro e secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, e de Sérvulo Correia, secretário de Estado da Emigração, além do coronel Garcia dos Santos, chefe da Casa Militar do Presidente e do capitão Sousa Pinto, seu ajudante-de-campo.

As felicitações do Corpo Diplomático apresentadas pelo decano, mons. Angelo Felici, núncio apostólico, que após referências ao passado histórico de Portugal e aos acontecimentos ocorridos após o 25 de Abril, concluiu não duvidar que Portugal, «fiel aos seus valores espirituais que em todos os tempos foram a sua força, sob a sábia condução de Vossa Excelência alcançará esse objectivo».

Ramalho Eanes sublinharia ainda na sua resposta a «Revolução do 25 de Abril, os seus objectivos generosos e as suas realizações: a descolonização, as bases de uma vida democrática e o novo projecto de vida colectiva definido no texto constitucional» como factos comprovativos da sua afirmação inicial de que as novas descobertas se situam agora no «encontro de novas formas de entendimento e de cooperação entre os povos».

Da parte da manhã o Presidente da República recebeu no Palácio de Belém as credenciais do núncio apostólico, facto que a France Press interpretou como «gesto de cortesia do General Ramalho Eanes para com a Santa Sé», permitindo àquele diplomata ser, da parte da tarde, na outra cerimónia, o porta-voz do Corpo Diplomático.

SE O TELESPECTADOR PAGAR AS TAXAS

R.T.P. poderá investir 2,7 milhões de contos nos próximos cinco anos

Se um número muito apreciável de telespectadores decidir passar da clandestinidade ao pagamento das taxas a RTP poderá vir a investir 2.700 mil contos nos próximos cinco anos. As taxas, mais a publicidade, seriam suficientes para a empresa pública se tornar realmente autónoma e melhorar a prestação do serviço de Televisão (como referiu o major Pedroso Marques, presidente do Conselho de Administração) num momento em que parece iminente a reconversão das emissões a preto e branco em emissões a cores.

Números, previsões e algumas novidades constituíram a matéria de uma reunião convocada pela RTP ontem à tarde para o salão no Hotel Ritz, a que se associaram o ministro e o secretário de Estado da Comunicação Social, respectivamente dr. Almeida Santos e tenente-coronel Ferreira da Cunha. Uma projecção audiovisual da Ciesa-NCK preencheu parte do programa. Seguiu-se «cocktail».

Entretanto o major Pedroso Marques, em jeito informal, anunciaria a aprovação quase certa do novo mapa-tipo, onde Carlos Cruz teve papel preponderante como director de Programas. Mais programação cultural, mais tempo para o telespectador infantil, e um reforço das produções portuguesas são as tónicas. A notar: a emissão da noite começaria às 18.30 com uma hora de TV infantil e juvenil.

OS CLANDESTINOS

Há centenas de milhares de possuidores de aparehos de TV que não pagam, nunca pagaram as taxas devidas. Taxas que são das mais baixas da Europa — como foi dito — inferiores à jugoslava (750$00) e muito abaixo do que esportulam os suíços (1.500$00). É para se autonomizar que a RTP vai lançar uma campanha publicitária tentando convencer os «clandestinos» a regularizarem a sua situação, aliás severamente punível, nos termos actuais pela lei. Assim, pequenos filmes serão passados no pequeno «écran», animados por Adriano Cerqueira, Fernando Balsinha, Gomes Ferreira e Maria Elisa. Tema: a televisão é de todos, precisa do telespectador, logo há que pagar as taxas.

Nada disto surtirá efeito, ou surtirá pouco, se a RTP não fizer uma nova arrancada de qualidade. De onde o mapa-tipo de Carlos Cruz e outras medidas, estas tocantes à dotação da empresa com meios — novo estúdio, inclusive novas instalações que permitam sair em definitivo, do Lumiar, finalmente a cor, tornada inelutável por pressão da tecnologia. É que hoje em dia certas peças sobressalentes para o sistema a preto e branco já só podem ser obtidas por encomenda especial (são verdadeiros protótipos), enquanto jovens países africanos, por exemplo, encetaram emissões de televisão a cores sem nunca haverem passado pelo preto e branco.

Tudo somado, a RTP está numa fase crucial da sua existência. Foi também esta ideia que nos ficou da reunião de ontem, maciçamente apoiada pelos quadros superiores da empresa.

Injúrias a Costa Gomes

É lida no próximo dia 21 no 2.º Juizo Correccional do Tribunal da Boa Hora a sentença do julgamento em que foram arguidos Maria Joaquina Riscado e João Allen, respectivamente directora e redactor do semanário «Vária 8». Os arguidos estão a ser julgados pelo crime de injúrias ao presidente cessante da República, general Costa Gomes, num artigo intitulado «Os bois pegam-se de caras», publicado no referido semanário. São testemunhas da ré, a poetisa Natália Correia, Maria de Jesus Facco Viana e o dr. José Augusto Gama. São testemunhas do réu, Maria Arlete da Silva e João Cabral Valente.

PUB

SINDICATO LIVRE DOS TRABALHADORES DE PANIFICAÇÃO, MOAGENS, MASSAS E SIMILARES DO DISTRITO DO PORTO

RUA DE SANTA CATARINA, 922, 4.º ANDAR — PORTO
—— TELEFS. 380484 - 318824 ——

SECTOR DE VENDAS

OS TRABALHADORES DA PANIFICAÇÃO DO SECTOR DE VENDAS (CAIXEIROS E DISTRIBUIDORAS (ES) REUNIDOS NA SEDE DO SINDICATO, NO DIA 14.7.76, PARA ANALISAREM AS FORMAS DE LUTA A ADOPTAR PELA NEGOCIAÇÃO DO C.C.T., APROVARAM POR UNANIMIDADE A SEGUINTE

MOÇÃO

1) **Que os caixeiros e encarregados de expedição não debitem o pão no dia 27, aos balcões, distribuidoras, distribuidores e colectivos;**
2) **Que os trabalhadores ligados às vendas sejam apoiados em todos os actos pelos do fabrico;**
3) **Que todos os trabalhadores façam «boicote» à saída de pão para carros de distribuição em que sejam os patrões a fazer a distribuição, bem assim como para todos os lugares de venda em que os patrões estejam a vender;**
4) **No caso de ser preciso este «boicote», os trabalhadores, qualquer que seja a sua classificação, devem proceder à distribuição pura e simples, a todas as pessoas que procurem o produto nesses locais.**

PORTO, 15 DE JULHO DE 1976

A DIRECÇÃO

Nacional

Contestadas declarações de Otelo sobre Costa Gomes

Círculos próximos do major Otelo Saraiva de Carvalho classificaram de «manipulação tendenciosa de um depokmento verdadeiro» as informações vindas a público sobre as declarações prestadas pelo antigo comandante do Copcon à Comissão de Inquérito encarregada de apurar o «caso das sevícias praticadas em presos políticos, depois do 25 de Abril».

Aqueles círculos, confirmaram a existência do depoimento de Otelo Saraiva de Carvalho nos termos noticiados, embora tenham considerado que a sua publicação visa «sobretudo atingir o 25 de Abril e não já o general Costa Gomes».

As mesmas fontes, contactadas pela ANOP, disseram que «a única atitude correcta de Costa Gomes, como Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, foi efectivamente a que tomou, ordenando ao Copcon prisões que anteiormente haviam sido recusadas pela Polícia».

«Essas prisões só viriam a efectuar-se depois do 28 de Setembro, quando a revolução estava em perigo», afirmaram aqueles círculos que acrescentaram: «Não se podiam fazer prisões indiscriminadamente e necessariamente teria que haver alguém responsável pelas missões confiadas às unidades militares».

Estes comentários foram feitos a propósito de uma notícia publicada no semanário «Tempo», e segundo a qual o major Otelo, nas declarações que prestou à Comissão de Inquérito, «incrimina severamente o general Costa Gomes como responsável por todas as acções do Copcon».

Em ABRANTES o DIARIO DE LISBOA vende-se na firma Casaca Martins, Lda. Praça Visconde de Abrançalha

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDUSTRIA METALURGICA E METALOMECANICA DO DISTRITO DE LISBOA

EM FRENTE PELA VERTICALIZAÇÃO DO SECTOR QUÍMICO

— Pelo Reforço da Unidade dos Trabalhadores!
— Pelo Reforço de todo o Movimento Sindical!

Camarada **Metalúrgico**, se trabalhas na Indústria Química no Distrito de Lisboa (Recauchutagem de Pneus, Tintas e Vernizes, Produtos Químicos para Agricultura e Indústria, Borracha, Resinosos, Colas, Cosmética, Óleos essenciais, Óleos vegetais, sabões e detergentes, plásticos, petróleos, explosivos, insecticidas, etc.), avancemos para a **verticalização,** para o reforço da nossa organização face ao patronato e à exploração.

Vamos pôr fim à situação herdada do fascismo (Sindicatos por profissão). Há que nos empenharmos nesta grande tarefa, que é a reestruturação do Movimento Sindical — Sindicatos Verticais:

CONVOCATÓRIA

Na sequência dos Plenários já efectuados, nos termos do artigo 12.º do Decreto-Lei n.º 215-B/75, de 30 de Abril, convoco uma **ASSEMBLEIA DE TRABALHADORES METALÚRGICOS** da Indústria Química a funcionar no dia 30 de Julho das 14 às 20 horas.

Nos seguintes locais:

ZONA DE LISBOA	MESA DE VOTO
Se trabalhas na Sociedade Nac. Sabões	Na empresa
Se trabalhas na Petrogal	Na empresa
Se trabalhas na Petroquímica	Na empresa
Se trabalhas na Repenicado Bengala	Na empresa
Se trabalhas nas outras empresas	No sindicato dos Metalúrgicos Calç. Ribeiro dos Santos-3-2.º

ZONA DE ALVERCA	MESA DE VOTO
Se trabalhas na Macedo & Coelho	Na empresa
Se trabalhas na Sonadel	Na empresa
Se trabalhas na Nitratos	Na empresa
Se trabalhas na Soda Póvoa	Na empresa
Se trabalhas nas outras empresas	Na Delegação do Sindicato dos Químicos Rua César Augusto Gonçalves Ferreira, Lt. 11-Alverca.

ZONA DE SACAVÉM	MESA DE VOTO
Se trabalhas na Robbialac	Na empresa
Se trabalhas na Lever	Na empresa
Se trabalhas na Fima	Na empresa
Se trabalhas nas outras empresas	Na Delegação do Sindicato dos Metalúrgicos Praça da República n.º 66-A-Sacavém

ZONA DA AMADORA	MESA DE VOTO
Se trabalhas na Pereira & Brito	Na empresa
Se trabalhas na Titan	Na empresa
Se trabalhas na Hoesht-Resiquímica	Na empresa
Se trabalhas nas outras empresas	Na Delegação do Sindicato dos Químicos Rua Diogo Bernardes, 4-B-Amadora

PONTO ÚNICO: Integração dos trabalhadores Metalúrgicos da Indústria Química, no Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Química do Centro.

— NA UNIDADE A FORÇA DOS TRABALHADORES!

Lisboa, 14 de Julho de 1976

P'LO PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
a) **António Joaquim Catarino David Carvalho**

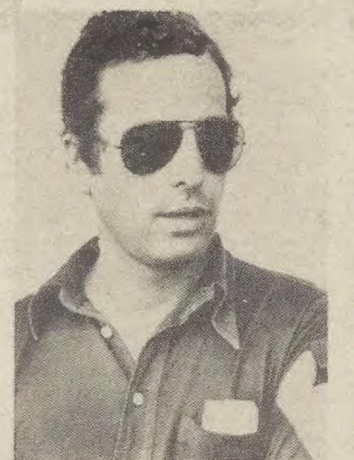
Nacional

Equimetal: processos utilizados devem-se à imaginação dos trabalhadores

Há dias atrás ocorreu um acontecimento ao qual demos o devido relevo e que surpreendeu alguns dos nossos leitores: foi o facto de que pela primeira vez foi utilizado entre nós o método de rebocar por mar uma pesada torre de ferro com cem toneladas de peso e trinta e seis metros de comprimento, e que dadas, portanto, as suas dimensões e peso não poderia ser transportada por terra.

Essa torre foi assim transportada do Barreiro para Sines, flutuando como um submarino, para o que lhe foi aplicado um peso suplementar de cerca de duas toneladas de ferro para servir de «lastro» para que a «proa» da torre ficasse um pouco acima da linha de água.

A empresa onde esta inovação ocorreu tem o nome de Equimetal, e fica já ali na margem sul, na área ocupada pelas empresas do grupo CUF. Para obtermos informações mais detalhadas sobre esta empresa e a sua actividade, deslocámo-nos ao Barreiro, onde começámos por interrogar o eng. João Franco sobre os aspectos técnicos da construção da torre.



Eng. Nunes Serra: Dentro em breve iremos construir aqui no Barreiro e em Sines Wagons para a CP

«DL» — Do ponto de vista técnico, a construção desta torre levantou alguns problemas?

João Franco — A Equimetal está perfeitamente apta a fazer estes trabalhos, e a construção em si deste aparelho processual não pôs qualquer problema. Do ponto de vista tècnico, o único problema que trouxe à Equimetal, como traria a qualquer outra empresa da nossa dimensão, foi a sua movimentação, já que o seu peso é de cem toneladas, e o comprimento de 36 metros, e nós não possuimos nem gruas nem outros aparelhos capazes de elevar pesos desse nível.

A peça começou por ser construída em várias partes; essas partes foram formando conjuntos sucessivos, até que se chegou ao conjunto geral.

O próprio transporte do conjunto geral até ao cais aqui no Barreiro foi feito por processos um pouco fora dos normais; e cabe referir a este propósito que os processos utilizados se devem apenas à imaginação dos trabalhadores da Equimetal, que idealizaram um sistema que consistiu em calçar com umas madeiras a torre processual, o que foi possível porque se elevava um pouco, servindo-nos de uma grua de capacidade mais fraca, uma das pontas da torre; isto realizado num lado, fez-se idêntica operação no lado oposto, conseguindo-se assim elevar suficientemente a torre de maneira que a zorra do camião pudesse passar por vaixo da torre. A partir daí, e por um processo inverso, foi-se retirando os calços de madeira, de forma que a torre assentasse na zorra. Foi desta maneira que foi possível trazer a torre para o cais de onde foi posta a flutuar.

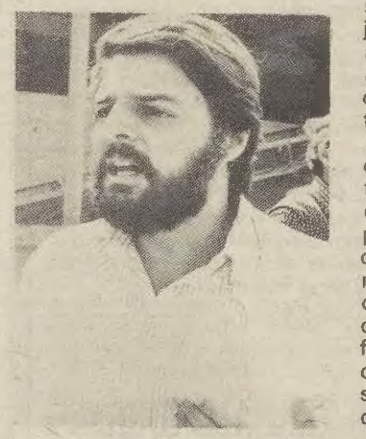
À parte este problema, a construção da torre não nos levantou como já sublinhei, qualquer tipo de dificuldades técnicas. Trata-se de um tipo de equipamento para refinarias de petróleo que estamos perfeitamente aptos a construir, juntamente com mais quatro ou cinco empresas nacionais. De resto, nós já fabricâmos várias torres deste tipo, embora mais pequenas; a que acabamos de enviar para Sines é a sexta de uma série que fabricamos para a Sacor, quando esta deu início à sua actividade de refinação e ainda quando, mais zarde, ampliou a sua refinaria.

«DL» — É o único tipo de equipamento que fabricam?

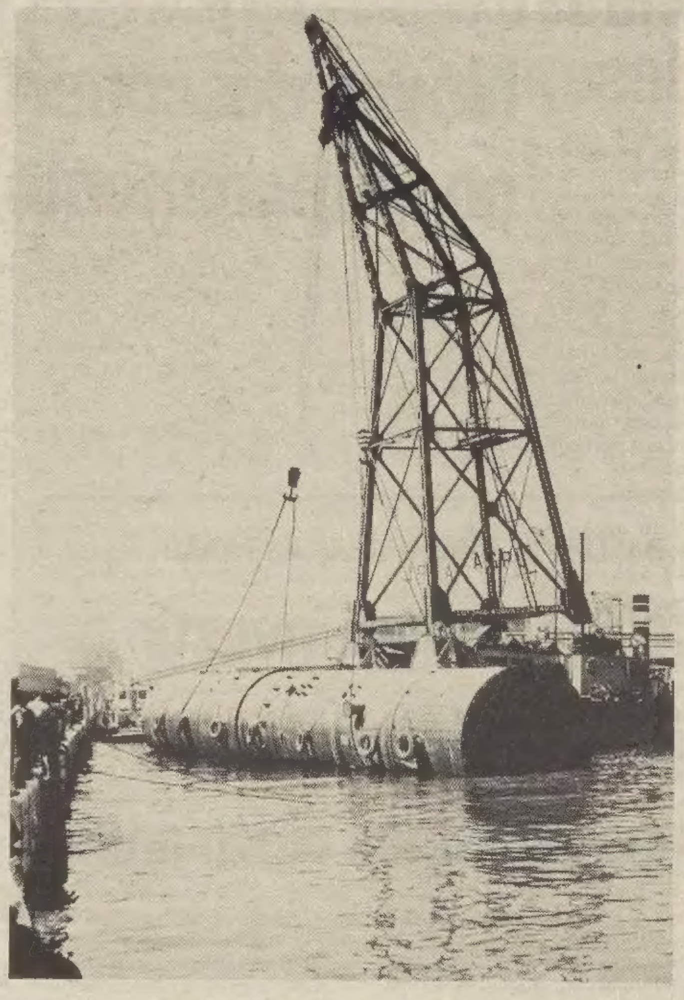
João Franco — Não, nós fazemos outro tipo de equipamento para refinarias e fabricamos igualmente outros aparelhos, elementos prefabricados para caldeiras, portanto para geradores de vapor, desde os aparelhos de pressão, aos ebulidores, todas as paredes tubulares, enfim, o aparelho no seu conjunto.

Além disso, começamos agora a construir para estas torres processuais de refinação a parte que era a mais difícil para nós portugueses, que era a parte do projecto em si. Neste momento já realizamos também o projecto, e o projecto da torre que acabamos de rebocar para Sines foi realizado em todos os detalhes por nós, aqui na Equimetal.

Nas caldeiras, as coisas são mais complicadas, pois aí é necessário uma técnica superior, mas também já começámos a dar os primeiros passos na parte do projecto e estamos já a fazer umas caldeiras, portanto geradores de vapor, em que nós nos ocupamos não só da fase de construção mas também do projecto o que significa uma maior participação da indústria nacional nos investimentos em curso no País.



Eng. João Franco: Estamos aptos a fazer estes trabalhos



A torre processual construída pela Equimetal para a refinaria de Sines no momento em que era posta a flutuar

NUNES SERRA: VAMOS CONSTRUIR «WAGONS» PARA A CP

A Equimetal está instalada na área ocupada pelo grupo CUF. O eng. Nunes Serra, director da Equimetal, conta-nos porque é que a Equimetal passou a ser uma empresa independente:

«A Equimetal é uma empresa que teve a sua entidade jurídica a partir do início do ano de 1974 — começou por declarar o eng. Nunes Serra, director da Equimetal — e antes disso era uma divisão metalomecânica da CUF, talvez com cinquenta anos de existência. A decisão de separaj esta empresa do restante grupo de que fazia parte surgiu devido a razões de desenvolvimento próprias à Equimetal que, como empresa metalomecânica, tinha uma vocação diferente daquela que têm basicamente as restantes empresas do grupo, que são sobretudo indústrias químicas.

«DL» — Qual é a situação da empresa do ponto de vista de encomendas em carteira?

Nunes Serra — Nesta altura estamos a finalizar uma série de encomendas grandes que tínhamos em nosso poder. Dentro em breve iremos construir aqui e em Sines «wagons» para a CP. Em Sines construiremos «wagons» ao ritmo inicial de um e meio por dia, passando depois para dois ou três por dia. Isto quer dizer que a seguir às férias, a partir de Setembro, teremos a nossa capacidade utilizada em cerca de 70 a 80 por cento. Devo no entanto salientar que existem muitas consultas que se admite irão preencher a nossa carteira de encomendas nos meses mais próximos. Admite-se também que a mais longo prazo, se se concretizem os investimentos que estão previstos no País, isso preencherá não só a nossa capacidade de produção como a de todas as metalomecânicas nacionais e eventualmente estas até serão insuficientes para cobrir todas as necessidades, se os investimentos previstos forem efectivamente para a frente.

A C. P. INFORMA:

NOVOS HORÁRIOS DOS COMBOIOS

Linha do Oeste, Linhas do Vouga (Aveiro a Viseu), Linhas do Vouga e Dão (Espinho a Sernada do Vouga), Ramal da Lousã e Linha de Coimbra a Figueira da Foz (Via Pampilhosa)

A partir de 11 de Julho de 1976, são alterados os horários de diversos combóios das linhas acima citadas, pelo que se aconselha aos senhores passageiros consultem os respectivos Cartazes-Horários, que se encontram afixados nas nossas estações.

Também qualquer esclarecimento sobre o assunto pode ser prestado pelas seguintes secções de informações:

— Estação de Lisboa (Rossio) — Tel. 326226

— Estações de Porto (S. Bento) e Porto (Campanhã) Telefs. 311616/555699

— Estação de Coimbra — Telef. 27263.

SOCIEDADE «ESTORIL»

LINHA DE CASCAIS

AVISO

CARTAZ HORÁRIO H 38

Por motivos técnicos imperiosos, a partir do dia 13 de Julho (noite de segunda para terça) e até aviso em contrário, são suprimidos os comboios n.os 18 e 15, com partida de Cascais às 4 horas e de Cais do Sodré, às 4.30 horas, respectivamente.

PALMA DE MAIORCA
AGORA VÔOS ESPECIAIS DIRECTOS TAP
1 SEMANA
PARTIDAS:
Julho 14, 21, 28
Agosto 4, 11, 18, 25
Setembro 1, 8, 15, 22
Preços excepcionais desde * 3.420$
* a vantagem dos voos especiais
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

EXCURSÕES abreu em autopullman
TRADIÇÃO NA QUALIDADE
Se está interessado numa excursão de pequena duração (1, 2 ou 3 semanas) peça nos o livro (grátis) "EUROPA 76"
ANDALUZIA – 10 dias
Partidas: 19/6, 10/7, 7, 21/8, 4/9 Esc. 6800$
ESPANHA ANDORRA E LOURDES – 11 dias
Partidas: 16/6, 21/7, 4, 18/8, 8/9 Esc. 7900$
VERÃO AMENO – 21 dias
Espanha, França, Luxemburgo, Alemanha, Holanda, Bélgica e Inglaterra.
Partidas: 5/8, 9/9 Esc. 22170$
ESPANHA E FRANÇA – 15 dias
Partidas: 11/7, 15/8, 12/9 Esc. 11400$
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 320021
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

DE FÉRIAS COM O Diário de Lisboa
Aceitam-se assinaturas de férias pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 4$00 por exemplar
NÃO SE ENVIÀM RECIBOS À COBRANÇA

LAS PALMAS
AGORA VÔOS ESPECIAIS DIRECTOS TAP
1 SEMANA
PARTIDAS:
Preços excepcionais desde * 4.440$
* a vantagem dos voos especiais
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu fundada em 1840
LISBOA
PORTO
COIMBRA
FARO
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

1 SEMANA EM PARIS
PARTIDAS (avião especial TAP):
Agosto: 3, 10, 17 e 24
Preços excepcionais desde * 5.490$
* a vantagem dos voos especiais
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Nacional

Ministro da Habitacão deseja recuperação capitalista?

Por despacho de 2 de Julho corrente, o ministro da Habitação, Urbanismo e Construção, eng. Eduardo Ribeiro Pereira, decidiu nomear uma comissão de inquérito «à actuação do Serviço de Coordenação e Desenvolvimento da Construção do F.F.H. (Fundo de Fomento da Habitação), ao mesmo tempo que suspendia, «preventivamente» das suas funções naquele serviço — durante o período de duração do inquérito — o eng. Fonseca Ferreira.

Esta acção do titular da Habitação — que trabalhadores do F.F.H. interpretam, ou como «cortina de fumaça para esconder a sua incapacidade, ou que ligam a tentativas de «reestruturar o F.F.H. para a recuperação capitalista» — insere-se, segundo fontes próximas daquele organismo, em todo o processo culimnado há dias com o pedido de demissão da Comissão Directiva do Fundo, a qual se baseou, nomeadamente, no facto de que «faltaram ou foram conhecidas com grande demora as decisões e orientações solicitadas superiormente e que se consideravam imprescindíveis para a solução de problemas, por vezes, prementes».

Registe-se que por entraves postos à sua actividade (pelo ministério) o F.F.H., que em 1975 lançou a construção de 27 mil fogos, apenas conseguiu, no 1.º semestre deste ano, lançar a construção de 7000. Somente o programa dos Contratos de Desenvolvimento continuou a mostrar-se dinâmico e a manter o ritmo de lançamento de fogos, mas pelos impasses criados quanto à celebração de contratos e comercilaização de fogos, por falta de decisão ministerial, esse programa atravessa agora uma grave crise, enquanto que por igual incompetência, nada se fez no controlo das construções clandestinas.

O ministério, que tem sido bastante contestado, quer pelos entraves postos à actividade do F.F.H., quer pela falta de apoio às pequenas e médias empresas privadas de construção, é ainda criticado pela sua ambígua política de solos que, segundo as mesmas fontes, não visa senão permitir de novo a desenfreada especulação imobiliária e consequente elevação dos preços de habitação.

O ministro, homem ligado à Associação Nacional dos Empreiteiros de Obras Públicas, e responsável por apreciáveis quantias gastas em decoração, mobiliário e nos automóveis (todos de grande luxo) do seu ministério, pretenderia ssim abrir de novos as portas aos chorudos lucros dos grandes empreiteiros. Registe-se que do seu gabiente faz parte um membro destacado do C.D.S., e que a nível de outros departamentos do ministério existem elementos ligados a poderoso grupos monopolistas.

Daí que a nomeação da citada comissão de inquérito e a suspensão do eng. Fonseca Ferreira, integradas no processo de travar a intervenção do Estado no sector da Construção Civil e de o reprivatizar, são factos que põem em dúvida as intenções «socialistas» de um ministro, que, ainda por cima é deputado do P.S. à Assembleia da República.

Comércio Externo quer alargar relações com Terceiro Mundo

Está em elaboração pelo Fundo de Fomento da Exportação e pela Direcção-Geral do Comércio Externo um plano da Secretaria de Estado do Comércio Externo que tem como objectivo o alargamento das relações de Portugal com o Terceiro Mundo, nomeadamente África e América Latina.

Quinze países deste bloco já foram contactados.

Este alargamento de relações insere-se na política do Ministério do Comércio Externo de aumento de exportações e diversificação do mercado. De acordo com os contratos que interessam ser firmados, Portugal fornecerá os seus habituais produtos de exportação em troca do fornecimento de matéria-prima desses países. Os mesmos contratos visam eliminar, tanto quanto possível, o recurso a países intermediários.

PUB

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos

SEDE — Rua Joaquim António de Aguiar, 66-3.º-Esq.º — LISBOA

Foi publicado em alguns órgãos de informação uma convocatória da Assembleia Geral do nosso Sindicato para o próximo sábado, dia 10, pelas 14.30 horas, com a finalidade de analisar, discutir e tomar medidas face ao relatório elaborado pela Comissão de Inquérito eleita na Assembleia Geral de 8 de Maio.

Tornando-se impossível a esta Comissão apresentar o seu relatório por forma a que este pudesse ser analisado nas Assembleias Regionais que precedem, conforme determinam os Estatutos, a Assembleia Geral, **torna-se nula essa convocatória**, pelo que se convoca a Assembleia para o dia 17.

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 33.º dos Estatutos do Sindicato e no cumprimento da proposta aprovada na Assembleia Geral realizada em 8 de Maio de 1976 convoco a Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos para o dia 17 (sábado), pelas 14.30 horas, no INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO (Salão Nobre) com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

PONTO ÚNICO: — **Análise, discussão e medidas a tomar face ao relatório elaborado pela Comissão de Inquérito.**

Lisboa, 6 de Julho de 1976.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Amilcar Santos Carvalho

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

CONVOCATÓRIA

A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul, CONVOCA TODOS OS TRABALHADORES dos sectores Têxtil, Lanifícios, Vestuário, Tinturarias e Lavandarias para importantes reuniões regionais que se irão realizar nos locais, dias e horas descriminados no quadro em anexo, para discussão da seguinte Ordem de Trabalhos:

ORDEM DE TRABALHOS

1.º **Análise da situação político-económica e às medidas decretadas pelo Governo.**
 a) Cortes de energia
 b) Decretos 471/76, 530/76 e Controlo de Gestão (entre outros)

2.º Contratação Colectiva e política Salarial
 a) Situação do nosso C. C. T. Vertical
 b) Análise à situação das empresas em Cooperativas, Autogestão, com intervenção do Estado, Nacionalizadas e outras (em «dificuldade»)

3.º Outros Assuntos

— NÃO FALTES A TUA COMPARÊNCIA É IMPORTANTE!
— CONTRA A RECUPERAÇÃO CAPITALISTA À CUSTA DOS TRABALHADORES!
— CONTRA O DESEMPREGO, PELO DIREITO AO TRABALHO!
— CONTRA O TERRORISMO E CONTRA O FASCISMO, UNIDADE POPULAR!
— OS NOSSOS PROBLEMAS SÃO OS MESMOS DE TODOS OS TRABALHADORES. SÓ UNIDOS E ORGANIZADOS OS RESOLVEREMOS!

— VENCEREMOS

Lisboa, 15 de Julho de 1976

P'LA DIRECÇÃO

CONVOCATÓRIA

DIA	HORA	LOCAL ONDE SE REALIZA A REUNIÃO	ZONAS CUJAS REUNIÕES ABRANGEM OS TRABALHADORES DAS SEGUINTES LOCALIDADES OU TERRAS
18/7/76 (DOMINGO)	15 horas	UNIÃO DO SINDICATOS DE TORRES NOVAS	TODO O DESTRITO DE SANTARÉM (Torres Novas, Mação, Minde, Santarém, Almeirim, etc.)
18/7/76 (DOMINGO)	21 horas	DELEGAÇÃO DO SINDICATO EM MOSCAVIDE	TODA A ZONA DE MOSCAVIDE (Moscavide, Sacavém, Vila Franca, Alhandra, Alenquer, etc.)
19/7/76 (2.ª-feira)	21 horas	DELEGAÇÃO DO N/ SINDICATO NO CACÉM	TODA A ZONA DO CACÉM (Cacém, Mem Martins, Sintra, Sabugo, Achada, Torres Vedras, etc.)
21/7/76 (4.ª-feira)	21 horas	DELEGAÇÃO DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS EM ALmada	TODA A ZONA DE ALMADA E A ZONA DE SETÚBAL
22/7/76 (5.ª-feira)	20 horas	DELEGAÇÃO DO N/ SINDICA- NO BARREIRO	TODA A ZONA DO BARREIRO (Alhos Vedros, Montijo, Seixal, Coina, Barreira, etc.)
23/7/76 (6.ª-feira)	15 horas	INSTALAÇÕES FABRIS DA MELKA/ÉVORA	TODA A ZONA DE ÉVORA
24/7/76 (sábado)	15 horas	DELEGAÇÃO DO N/SINDICATO EM PORTALEGRELEGRE (ou noutro local a indicar)	TODA A ZONA DE PORTALEGRE (Aviz, Santa Eulália, Elvas, Portalegre, Fortios, etc.)
25/7/76 (Domingo)	15 horas	SALÃO DA VOZ DO OPERÁRIO	REUNIÃO GERAL DE TRABALHADORES, SÓCIOS OU NÃO DE TODOS OS DISTRITOS QUE O NOSSO SINDICATO ABRANGE

AOS TRABALHADORES DA INDUSTRIA DE PRODUÇÃO, TRANSPORTE E DISTRIBUIÇÃO DE ENERGIA ELÉCTRICA

As Direcções dos Sindicatos Signatários, reunidos em plenário de Sector na sede do Sindicato dos Electricistas do Sul, no dia catorze de Julho de mil novecentos e setenta e seis, decidem:

1 — Protestar junto do Ministério da Indústria e Tecnologia contra o ostracismo a que foram votadas, quando da apresentação aos trabalhadores do **Documento Qualificativo dos Trabalhadores da Indústria de Electricidade,** na medida em que se ignoraram pura e simplesmente as suas organizações de classe — os Sindicatos, em flagrante violação com o que preceitua a Constituição.

2 — Denunciar o carácter divisionista de tal Documento, bem como dos meios utilizados na sua apresentação, tanto mais que já estão a elaborar um novo Contrato Colectivo de Trabalho Vertical para o Sector.

Lisboa, 14 de Julho de 1976

Sindicato dos Armazéns do Norte
Sindicato dos Cobradores
Sindicato dos Contínuos e Porteiros
Sindicato do Comércio de Évora
Sindicato da Construção Civil de Lisboa
Sindicato dos Electricistas do Centro
Sindicato dos Electricistas do Norte
Sindicato dos Electricistas do Sul
Sindicato dos Engenheiros do Norte
Sindicato dos Engenheiros Região Sul
Sindicato dos Engenheiros Técnicos
Sindicato dos Escritórios de Aveiro
Sindicato dos Escritórios de Braga
Sindicato dos Escritórios de Lisboa
Sindicato dos Escritórios do Porto
Sindicato dos Escritórios de Setúbal
Sindicato das Madeiras
Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa
Sindicato dos Metalúrgicos do Porto
Sindicato dos Metalúrgicos de Setúbal
Sindicato Oficiais Máq. Marinha Mercante
Sindicato Rodoviários de Lisboa
Sindicato dos Técnicos de Desenho
Sindicato Telecomunicações
Federação Escritórios do Sul
Federação dos Metalúrgicos
Federação Têxteis e Vestuário

Trabalho

OPERÁRIO AMEAÇADO DE MORTE

"Lanço-me eu ao mar para a consciência lhes pesar menos"

Vocês façam aí duas filas para terem a certeza que não fujo. Não quero que fiquem com remorsos na consciência. Em vez de serem vocês a deitarem-me ao mar, lanço-me eu e acabou-se. Foi o que disse aos tipos quando me vi perdido. Naquela altura eu estava certo que a minha vida ia chegar ao fim. Tinha visto uma luzita lá longe e pensei que devia ser um barquito de pesca. Bom, o pescador talvez dê conta e diga às autoridades. Ao menos que me recolham o corpo». Este é o passo mais espantoso do dramático depoimento que nos fez, de viva voz o operário da construção civil António Manuel da Cruz, delegado sindical da firma Construções Imobiliárias «Segurança» de Alves e Filipe Ld.ª

António Manuel da Cruz fazia parte de um piquete de vigilância que ocupava um barracão da firma em Camarate, com a intenção de não serem retirados materiais e equipamentos ali existentes pelos patrões, que, vai para cerca de quatro meses, não pagam salários.

Noite adiantada, perto das quatro da manhã do dia 8, um grupo armado (barras de ferro, uma pistola e uma espingarda de 5 tiros) constituído por dois patrões, um motorista, um guarda de obras, um encarregado e o pai de uma empregada de escritório da firma, entraram pelo barracão adentro e expulsaram o piquete operário, obrigando os seus elementos a entrar para uma carrinha Ford, sob a ameaça das armas. A carrinha arrancou e foi «despejando» os operários junto da estação do Rossio, da estação dos barcos para o Barreiro e do Cais do Sodré, o que se explica pelo facto de todos eles residirem fora de Lisboa. No barracão ficou de guarda, com a espingarda, um dos indivíduos do grupo dos patrões.

A MAIS LONGA VIAGEM DE UM OPERÁRIO

Nem todos os operários, porém, foram despejados assim. Após a paragem no Cais do Sodré ficou na carrinha, rodeado pelos seis do grupo dos patrões, o delegado sindical António Manuel da Cruz. O último dos seus companheiros ainda tentou, inultilmente, que a porta da Ford» se não fechasse, pressentindo que nada de bom estaria a ser preparado ao seu camarada prisioneiro. Implacável, a carrinha arrancou em grande velocidade, rumo à estrada marginal.

O que então se passou é o próprio Cruz quem conta, de memória fresca (pudera!) e em linguagem terra a terra. São palavras de operário e está tudo dito:

«Começaram logo por me tirar os óculos para me deixarem ainda mais desanimado. Protestei, perguntei o que queriam de mim e eles começaram logo: *tu está nos últimos minutos da tua vida. Vais ser* **lançado ao mar**.. Sozinho ali, com aqueles seis macacos, eu comecei a pensar: **António, estás arrumado**.

«O carro seguia em grande velocidade e eles a insultar-me. Chamaram-me chulo, cabrão, filho desta e daquela. Obrigavam-me a olhar para trás para eu não topar o caminho. Dei conta mesmo assim de passar em Cascais, que eu conheço. Julgo que avançaram depois para o Poço do Inferno, mas a partir daí já não sei aonde me levaram, que nunca fui para tais lados. Houve um que me deitou a mão ao pescoço. Outro continuava com a pistola. E eu, com o medo a afligir-me e sem poder fazer nada, que não podia mesmo.

«O Rocheta e o Pacheco (que são os patrões) e os demais, ora um ora outro, faziam perguntas: *Foram os bandidos do Sindicato que vos mandaram? Responde, anda, que tu vais morrer se não responderes. Eles hão-de ver, esses malandros do Sindicato. O teu Sindicato e outros aí hão-de arder todos. Vais ver. Espera aí* **uns quinze dias**. E enquanto seguiam com esta conversa, e eu a dizer que eu e os meus camaradas só queríamos que nos pagassem os salários que nos devem, porque temos mulher e filhos, eles davam-me arrepelões e continuavam com os insultos.

«Às tantas passamos por uma mata que nunca mais acabava e há um que diz: *O melhor é deixá-lo aqui, para que os bichos logo dão cabo dele.* Depois pareceu-me que voltavam atrás pelo mesmo caminho e passado algum tempo estávamos outra vez ao pé do mar. Aí pararam. Vi um paredão e ali ao pé um farol, mas não sei ao certo dizer que sítio era. O mar ficava lá muito no fundo e eu pensei que se me deitassem abaixo, já chegava morto à água. Os tipos aí saíram cada um por sua vez para fazerem as necessidades. Disse que também precisava e um responde-me que eu queria era fugir, mas que não escapava. Deu-me uma lata de óleo para fazer ali e eu expliquei que tinha outra necessidade a ver se o convencia, mas o tipo não foi nisso. Então é que me senti perdido e lhes disse, conforme já contei, que me deitava eu ao mar para eles não ficarem com mais peso na consciência».

O REGRESSO

«Estivemos naquele sítio, perto, talvez de um quarto de hora. Depois arrancaram outra vez com a carrinha. Continuavam com perguntas: Quem queria acabar com as firmas, quem nos aconselhava, se era no Ministério do Trabalho ou no Sindicato que nos davam ordens, por aí fora. Eu respondia sempre o mesmo: nós só queremos os nossos salários.

«Mas, às tantas, comecei a reparar que a carrinha estava a voltar pelo mesmo caminho e comecei a ter uma esperança de escapar daquela com vida. A certa altura mostram-me um appel para assinar, um papel em que eu me considerava despedido por minha vontade. Mas não assinei. Eles voltaram com as ameaças, mas não conseguiram nada.

«Depois já amanhecia conheci o sítio onde estava. Era Cascais outra vez. Pareceu-me que eles já não estavam de acordo com o destino que haviam de me dar, embora me insultassem sempre, que me davam um tiro, que me deixavam estendido, e tal. Mas a mim estava-me a nascer uma alma nova. E quando consegui ver que estávamos em Alcântra senti um calorzinho que me fez crescer um palmo. Já havia trânsito, muita gente na rua a caminho do trabalho. Já podia gritar, fazer alarido, que, acontecesse o que acontecesse, alguém havia de me dar ajuda. Então disse-lhes eu:

Até agora têm sido vocês a fazer perguntas, mas agora pergunto eu: o que é julgam que eu vou fazer depois disto que me fizeram a mim? Julgam que me vou calar? Que não vou às autoridades?

Malandro disse-me um deles **não te lembras do que prometeste?**

*Daquilo que me obrigaram a dizer já não me lembro de nada. e o meu nome no papel é que vocês não têm que eu não vos dei nem dou. E saibam que saio daqui, que vou sair mesmo e a polícia logo de ca*minho **há-de saber isto**.

Andaram, andaram, deixamo-lo aqui, deixamo-lo além, acabaram por me trazer até perto do barracão em Camarate e obrigaram-me a montar na motoreta e a desandar. Não queriam que eu fosse logo era ter com os meus camaradas. É claro que eu fui para casa, que era o que eu precisava. Na motoreta já eu me sentia mais leve que um passarinho».

Acaba aqui o relato da mais incrível viagem que um operário jamais terá feito, para cá e para lá, na Estrada Marginal, a horas mortas, e com a morte na alma. Mas a história continua.

DE HERODES PARA PILATOS

António Manuel da Cruz, operário e delegado sindical, cumpriu. Foi participar o que se passara à PSP do Lumiar. Foi também à GNR. Ao que ele presume, terá havido «encostanço» de uma corporação para outra. Aconselham-no a ir ao Ministério do Trabalho. Dizem-lhe no Ministério que aquilo é caso para a Polícia Judiciácria. Vai à Judiciária. Atendem-no com alguma relutância, «mas sempre lá ficou escrito aquilo que eu lhes contei». *Agora vamos ver* — comentam os operários que o acompanhavam no momento em que o repórter acabava de tomar nota do que para trás ficou escrito.

Em luta há meses pelos seus direitos, os operários da «Seguradora» e da «Socicol» (cujos patrões são os mesmos) continuam sem receber os seus salários. Os materiais e equipamentos com que procuraram salvaguardar no imediato a sua sobrevivência têm estado guardados no barracão de Camarate, por homem do patrão que está lá dentro com a espingarda de cinco tiros.

No prosseguimento das diligências que não se cansam de desenvolver, os delegados sindicais, entre eles António Manuel da Cruz, estiveram ontem, mais uma vez, acompanhados pela Direcção do Sindicato da Construção Civil no Ministério do Trabalho. Mais uma vez também, os patrões não compareceram. Ante a sua ausência, os representantes do ministério que os tinham convocado, mais não fizeram que anular a reunião posto o que mandaram os presentes embora. Ontem, foi tudo. *Agora, a ver vamos.*

PUB

ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES 25 DE ABRIL DE LINDA-A-VELHA

RECTIFICAÇÃO

Na publicação deste anúncio, no nosso jornal, no passado dia 13 de Janeiro do corrente ano, por lapso foi omitido a entrada destes Estatutos a — CONSTITUIÇÃO DE ASSOCIAÇÃO DE MORADORES — tendo saído também com gralhas e imprecisões o parágrafo sete, do artigo décimo nono, do capítulo terceiro «Direcção» e o artigo vigésimo nono (morte) e o artigo trigésimo do Caíptulo Quinto «Do direito à habitação». Para efeitos de rectificação, publicamos a seguir na integra os referidos extractos.

CONSTITUIÇÃO DE ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

No dia treze de Junho de mil novecentos setenta e cinco, neste Cartório Notarial de Oeiras, perante mim, Manuel Vicente Faria, notário deste Cartório, compareceram, como outorgantes:

Primeiro:

ANTÓNIO JOÃO VASQUES, casado com Caetana de Jesus Magoito sob o regime de comunhão geral, natural da freguesia e concelho de Viana do Alentejo, com residência habitual em Linda-a-Velha, Rua Fontes Pereira de Melo, n.º 21, Concelho de Oeiras.

Segundo:

JOAQUIM MANUEL RODRIGUES DA SILVA, casado com Amélia Augusta Fernandes Faustino da Silva sob o regime de comunhão de adquiridos, natural da freguesia de Carnaxide, Concelho de Oeiras, com residência habitual no Bairro do Olival, em Linda-a-Velha.

Terceiro:

ROGÉRIO CAROLA MIRA, casado com Maria Luciana Conceição Mira, sobo regime de comunhão geral, natural da freguesia de Vila Nova de Baronia, Concelho do Alvito com residência habitual na Rua Fontes Pereira de Melo, n.º 25, em Linda-a-Velha.

Verifiquei a entidade dos outorgantes por me terem exibido os seus bilhetes de identidade respectivamente n.ºs 1225052 de 17-11-70; 5233703 de 22-1-975 e 5031825 de 31-5-73, arquivo de Lisboa.

OS OUTORGANTES DECLARARAM: Que constituem entre si uma Associação de Moradores do bairro 25 de Abril de Linda-a-Velha nos termos constantes dos estatutos seguintes:

III

DIRECÇÃO

Artigo décimo nono:

SETE) Ter uma reunião ordinària pelo menos de quinze dias e todas as extraordinàrias que forem necessárias.

CAPÍTULO QUINTO

DO DIREITO À HABITAÇÃO

Artigo vigésimo nono: (MORTE)

UM) — No caso de falecimento do sócio, a Associação transmitirá automaticamente o direito de habitação ao agregado familiar do falecido que com ele vivia em comunidade de mesa e habitação.

DOIS — Se porem os descendentes não habitarem com o falecido na altura da sua morte, a Associação transmitir-lhes-á o direito de habitação do fogo se vierem efectivamente a ocupá-lo e se não forem proprietários de outro fogo.

TRÊS) — Se no caso do número 2 deste artigo habitavam com o sócio falecido outras pessoas em comunidade de mesa e habitação, a Associação terá que ter em conta na atribuição do direito de habitação, os direitos e necessidades dos descendentes que quiserem vir habitar o fogo e os direitos e necessidades das pessoas que viviam em comunidade de mesa e habitação com o falecido.

Sendo possível um acordo poderão ambos ocupar conjuntamente o fogo, já que os seus ascendentes também o faziam; não sendo possível tal acordo, deverá atender-se na atribuição do direito da habitação à vontade que o sócio falecido haja manifestado por escrito à Associação.

Não sendo possível o acordo, e não tendo o sócio falecido manifestado qualquer vontade, será a Assembleia Geral a decidir ponderando muito bem as necessidades de ambas as partes.

QUATRO) — Se a nenhuma das pessoas mencionadas nos numeros anteriores deste artigo vier ocupar o fogo, deve a Associação, em Assembleia Geral, transmiti-lo a outro sócio necessitado.

A Assembleia Geral pode atender, nessa decisão, à indicação escrita deixada pelo sócio falecido que não tenha descendentes, de seu irmão ou sobrinho.

Artigo trigésimo

..Nos casos de desistência e de expulsão a Associação decidirá em Assembleia Geral a atribuição do fogo a outro sócio necessitado.

marrocos

TANGER
· FIM DE SEMANA desde 2.390$ com banho
· UMA SEMANA

CIDADES IMPERIAIS
· UMA SEMANA

PARTIDAS SEMANAIS AOS SÁBADOS E SEGUNDAS-FEIRAS DE ABRIL A DEZEMBRO
* Aviões da Royal Air Maroc
* Bons hotéis, quartos c/ banho
* Alojamento e peq. almoço ou
* 1/2 pensão, ou pensão comp.
* Transporte aerop./hotel/aerop.
* Qualidade + economia

RESERVE JÁ!

VIAGENS RAWES

Lisboa-Correspondência: R. Bernardino Costa 47
Expediente: Trav. do Corpo Santo, 15 Tel. 37023!
Faro-Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel. 23195

I. S. A.

ASSEMBLEIA GERAL DE ESCOLA

Segunda-feira (19/7/76) pelas 10,00 horas

ORDEM DE TRABALHOS:

- Informações
- Reestruturação do Ensino

Trabalho

PLENÁRIO DA INTERSINDICAL

Reforço da unidade é tarefa prioritária

«Unir os trabalhadores em torno dos seus interesses de classe», foi o objectivo principal do plenário da Intersindical Nacionàl, realizado na passada segunda-feira, com a participação activa de mais de uma centena de sindicatos, representando mais de um milhão e duzentos mil trabalhadores.

Na conferência de Imprensa que o secretariado da Inter ontem promoveu, a propósito do plenário, declarou Álvaro Brandão, elemento daquele secretariado que «o reforço da unidade na acção do movimento sindical é a principal consequência imediata deste plenário». Sobre as conslusões do mesmo, prosseguiu Álvaro Brandão:

«A unanimidade dos pontos de vista expressos, verificada aliás em plenários anteriores, apenas pode admirar e contrariar aqueles que, tomando os desejos pela realidade, sempre jogaram na divisão dos trabalhadores, escamoteando que os interesses de classe destes são idênticos.»

Aquele membro do secretariado da Inter acrescentou que o plenário decidira «a formação de uma Comissão para apoiar o Secretariado nas diligências a efectuar no sentido de dialogar com os órgãos do poder, comissão que será composta pelas associações dos mais importantes ramos, tais como a Federação dos Metalúrgicos, Têxteis, Lanifícios e Vestuário de Portugal, Rodoviários, Escritórios, Ferroviários, Panificação, Bancários e «outros sectores julgados necessários».

No plenário nacional, foram aprovadas unanimemente deliberações relativas à responsabilização do Governo pela situação criada pelos cortes de energia, a exigência da abertura de um inquérito em que o movimento sindical participe, a denúncia de chantagem do patronato da C. I. P. e a necessidade de pôr termo às ilegalidades que estão a ser cometidas, o pagamento integral dos tempos de paralisação e as proibições das alterações dos horários de trabalho.

Centenas de trabalhadores do comércio de todo o País levaram a efeito, no último fim-de-semana, uma Jornada de Apoio à Reforma Agrária, comemorando assim o primeiro aniversário da criação da Federação Sindical do sector, estrutura única a nível nacional. Em excursão ao Alentejo, os trabalhadores do comércio procederam à entrega de dois tractores a unidades colectivas de produção — Cooperativas 1.º de Setembro (Évora) e Custou mas Foi (Beja), — confraternizaram com os trabalhadores rurais empenhados na Reforma Agrária. «Esta Jornada serviu para reforçar a unidade a nível nacional dos trabalhadores do comércio, reforçando ainda a sua consciência sobre a necessidade do apoio activo à Reforma Agrária, uma das principais bases para a construção de uma sociedade mais justa, a sociedade socialista» — comenta, a propósito a Federação Nacional dos Sindicatos dos Trabalhadores do Comércio

ENGENHEIROS DOS CTT

Despacho de Marcelo Curto é "ingerência na vida sindical" — afirma o SINTEL

Dois despachos do secretário de Estado do Trabalho, referentes à representatividade sindical dos engenheiros dos CTT suscitaram tomadas de posição de duas organizações sindicais: o SINTEL (Sindicato Nacional dos Trabalhadores do Sector das Telecomunicações dos CTT) e do Sindicato dos Engenheiros da Região Sul.

Assim, em primeiro despacho de 7 de Junho, Marcelo Curto, afirmava que a representatividade sindical dos engenheiros dos CTT competia aos Sindicato dos Engenheiros até que fosse efectuada, nos termos da lie, a verticalização da categoria nos sindicatos criados no âmbito da empresa.

O segundo despacho, datado de 2 de Julho, revoga expressamenteo primeiro e atribui a representatividade daqueles engenheiros ao Sindicato Nacional dos Trabalhadores de Correios e Telecomunicações SNTCT, «um dos sindicatos verticais da empresa».

Sobre a questão, pronunciam-se portanto, dois sindicatos: o dos Engenheiros afirma que a sua organização sindical é a continuação da Ordem dos Engenheiros «que foi um sindicato dos engenheirós trabalhadores por conta de outrem, durante muitos anos» e que «os sindicatos dos Engenehriso têm os seus estatutos a partir da revidão dos Estatutos da Ordem dos Engenheiros, devidamente registados dentro dos prazos da Lei das Associações Sindicais para os sindicatos existentes anteriormente ao 25 de Abril de 1974».

Ainda o Sindicato dos Engenheiros: «Porque não houve nenhum processo de verticalização para os engenheiros dos CTT é óbvio que estes profissionais só podem ser representados pelos Sindicatos dos Engenheiros». E um protesto sobre a argumentação utilizada pelo secretário de Estado: que «a função desempenhada pelo engenheiro ao serviço dos CTT não exige ou quasse nunca exige a habilitação profissional específica de um engenheiro».

«UMA INGERÊNCIA22

Retomando este ponto, que resulta do facto de o dr. Marcelo Curto ter ouvido o SNTET (e só), o SINTEL afirma que «é inconcebível que uma entidade oficial ao nível de secretário de Estado do Ministério do Trabalho se permita fazer tal acusação. Esta colide frontalmente com a idoneidade profissional de todos os engenheiros dos CTT, cuja posição tomada apoiamos inteiramente».

E a terminar esse comunicado, o SINTEL, dirige-se directamente ao secretário de Estado: «Se, em vez do SNTCT tivesse sido consultado o SINTEL ficaria melhor informado quanto aos conhecimentos que são exigidos aos engenheiros para poderem desempenhar efectivamente a sua missão. Finalmente, dr. Marcelo Curto, lamentamos ter de dizer-lhe que consideramos a sua actuação uma ingerência em assuntos que só aos trabalhadores dizem respeito. E os trabalhadores não podem, não devem ser atirados uns contra os outros, nem contra as suas organizações de classe que se propõem defendê-los».

Negociações em conserva

A reunião entre os Sindicatos dos Trabalhadores de Conservas e as Associações patronais, respectivas, marcada para ontem, na delegação do Ministério do Trabalho, em Setúbal, não chegou a realizar-se em virtude de não terem comparecido os representantes do patronato. Assim se malogou, mais uma vez, a possibilidade de ser posto termo ao conflito que neste momento se arrasta com uma redução na produção (30 por cento) e impedimento por parte dos trabalhadores da saída das conservas das fábricas.

Contudo, a pedido das Associações patronais do Norte e por estes se mostrarem dispostos à negociação foi marcada outra reunião para segunda-feira, na Associação Armadora de Pescas Longínquas. Tal facto parece representar uma cedência da parte dos Sindicatos, que até há pouco tempo apenas aceitavam negociar conjuntamente com as três associações patronais directamente comprometidas na discussão do novo CCT para o sector.

«LUTA» NO NORTE

Unidos nos seus piquetes de vigilância, os trabalhadores conserveiros de Matosinhos continuam a impedir que uma lata sequer de conservas saia das fábricas. Ainda ontem, na «Vasco da Gama», a entidade patronal tentou fazer sair a mercadoria, levando mesmo para junto da fábrica à guarda fiscal. O facto motivou a imediata mobilização de trabalhadores de outras unidades fabris. A determinação e a unidade dos operários impediu, assim, que fosse levada por diante aquela tentativa patronal.

S.C.C.

Prior Velho não participa

Não se confirma a informação divulgada esta anha pelo «Diário de Notícias» segundo a qual os trabalhadores da Sociedade Nacional de Cervejas teriam rejeitado participar na reestruturação do sector, dirigida pelo Ministério da Indústria. Tal posição doi assumida apenas pelos trabalhadores de um dos sete estabelecimentos da S. C. C., no Prior Velho, durante um plenário ali realizado.

A empresa, no seu conjunto, ainda não tomou posição sobre o problema, segundo informação recolhida junto da comissão de trabalhadores da S. C. C.

Tal decisão foi tomada em virtude de um recente despacho do M. I. T. «exigindo que a decisão política *empresa única* condicione as possíveis soluções técnicas para os problemas do sector» — segundo o texto da proposta aprovada.

Rolsol em questão

Representantes dos trabalhadores das três fábricas da firma Rolsol (Porto) apresentaram-se hoje no Ministério da Indústria para, em conjunto com a comissão de gestão, representantes do Governo e do Sindicato do Vestuário do Porto, tentarem ultrapassar a fase difícil em que a empresa se encontra.

No grupo de trabalhadores incluem-se os que são da linha que preconiza a intervenção estatal como forma de melhor garantir a continuidade dos postos de trabalho na empresa, e aqueles que pretendem o regresso do patrão, que, no ano transacto se ausentou do País, deixando a forma em péssimas condições.

Têxteis promovem discussões

O Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul vai promover uma série de reuniões regionais, com o objectivo de serem discutidos pelos trabalhadores a situação política e económica e as medidas decretadas pelo Governo, nos pontos que se relacionam com os cortes de energia e com os decretos 471/76, 530/76 e controlo de gestão.

Da ordem de trabalhos fazem também parte a análise da contratação colectiva e da política salarial com um ponto específico dedicado à análise da situação das empresas em cooperativas, autogestão, com intervenção do Estado, nacionalizadas e outras em dificuldades.

As reuniões efectuam-se em Torres Novas e em Moscavide, no dia 18; no Cacém, no dia 19; em Almada no dia 21; no Barreiro, no dia 22; em Évora, no dia 23; em Portalegre, no dia 24; e, em Lisboa, na «Voz do Operário», no dia 25.

PUB

EDP-REDE DE DISTRIBUIÇÃO UEP-SUL

Restrições de energia — Cortes programados

Dias 19 a 23 de Julho, inclusive

Avisam-se os Senhores Consumidores de energia eléctrica em AT e BT que na semana acima indicada os cortes de corrente programados realizar-se-ão no período das 14 horas às 17 horas com os mesmos horários da semana anterior.

Para efeitos de segurança, o facto de as linhas serem desligadas não significa que não possam voltar a ser ligadas em qualquer momento, pelo que deverão ser consideradas permanéntemente em tensão.

Pela ELECTRICIDADE DE PORTUAL, E.D.P.
(U.E.P.-Sul)

CASA COSTA

Vendeu ao seu balcão mais um

SEGUNDO PRÉMIO

27367 com 1200 contos

CASA COSTA

75, RUA DE S. PAULO — LISBOA - 2

Nacional

Dia 24, em Lisboa

Encontro de mulheres trabalhadoras — o arranque à passividade?

«O mais importante de tudo, porém, é que as mulheres trabalhadoras deste País se arranquem à passividade que ainda domina uma grande parte delas e passem a interessar-se activamente pela transformação das estruturas que regem as suas vidas» — afirma num dos textos de apoio para o Encontro Nacional das Mulheres Trabalhadoras, que se realiza no próximo dia 24 no Instituto Superior Técnico, o departamento das Mulheres Trabalhadoras da Intersindical Nacional.

«E acontece ainda mais qualquer coisa de muito importante: é que o futuro que assim está em jogo não é apenas o nosso: é o dos nossos filhos e o das nossas camaradas.

Por isso, não se julgue que vela menos pelo seu bébé a mãe que o deixa confiado a alguém e vai para um organismo sindical lutar pela transformação da vida. Nesse momento, não está a embalar-lhe o berço, mas está a alargar o caminho por onde ele há-de passar, um dia» — salienta-se ainda no mesmo documento.

Pela primeira vez, depois do 25 de Abril, as mulheres trabalhadoras estarão reunidas, a nível nacional, para tratar dos seus problemas específicos. O grupo organizador, do qual fazem parte diversos sindicatos (Escritórios, Bancários, Electricistas, etc) está já a enviar os convites às organizações sindicais e de base. Cada participante (dez por cada organismo) tem direito a um voto.

Serão convidados alguns organismos mas sem características partidárias. Pensam também convidar Maria Lamas. Como símbolo da luta antifascista e pelos direitos da Mulher. A menor ou maior participação neste Encontro depende da divulgação feita pelos sindicatos junto das suas trabalhadoras.

ABORTO: TEMA EM DISCUSSÃO

«O aborto é uma realidade que não pode ser negada. Efectivamente até esta data o Movimento Sindical não se tem virado muito para este problema, porque nós sabemos que há ainda muitas correntes contrárias à legalização do aborto». «Correntes, quais?».

«Bom, por exemplo as religiosas. Considerando que o aborto é um flagelo que ataca as mulheres, é uma questão primordial que interessa às mulheres» — disse Beatriz Santana do Secretariado da Inter. Aliás, num dos textos de apoio exige-se que «seja reconhecido o direito à mulher ao aborto livre e gratuito, atendendo a que o aborto é uma realidade que não se pode ignorar e que a actual situação apenas põe em perigo a saúde e a vida da mulher e, ainda, que ele surge ou deve surgir como último recurso face a uma gravidez não desejada».

As mulheres trabalhadoras irão debruçar-se, no próximo dia 24, sobre o problema do aborto. Serão discutidas e aprovadas moções. É um bom avanço ver o Movimento Sindical a preocupar-se com a questão do aborto. Deixou de ser apenas uma questão «pequeno-burguesa», de «intelectuais frustradas» e das «feministas» como se ouviu dizer a muito boa gente já depois e, muito depois, do 25 de Abril.

A Sogantal foi outra das muitas fábricas portuguesas onde as mulheres estiveram à frente da luta. Nem sempre fácil. Nem sempre vitoriosa

A liberalização dos contraceptivos também deverá ser abordada. Só desse modo se evitarão os milhares de abortos que se fazem, por mês, neste País.

AS DENÚNCIAS — O COMBATE

Os textos de apoio são muito claros na exposição que fazem da situação da mulher.

No conjunto da nossa população as mulheres representam 52 por cento, embora só 25 por cento da população activa sejam mulheres. «É evidente — dizem — que as causas da pouca participação das mulheres no processo produtivo têm de ser procuradas na política desenvolvida pelo fascismo durante cerca de meio século, nas inexistentes condições de protecção social que a sociedade lhes assegura e nas inúmeras descriminações que ainda existem no sistema de salários praticados, no acesso ao trabalho, nas suas condições de segurança, na sua qualificação, nas promoções, etc».

Lado a lado com a situação das trabalhadoras surge uma outra, quarto a nós, ainda mais grave. A das donas de casa. Em 1970 cerca de 50 por cento da população feminina em Portugal era «doméstica». E como vivem estas mulheres? Os textos de apoio são muito precisos:

«A mulher fica limitada pelo trabalho doméstico ao qual dedica toda a sua vida, que lhe limita por consequência os seus interesses e diminui consideravelmente todos os estímulos que lhe possam vir do contacto com o mundo exterior. Fica «espartilhada» no «seu mundo» totalmente artificial e desenraizado duma actividade colectiva e de toda a sua riqueza. As tarefas destinadas à dona de casa são repetitivas, dia após dia, tudo o que se faz é igual, e os seus horizontes, já de si limitados, vão-se fechando cada vez mais».

Referindo-se à difícil tarefa de educação dos filhos que geralmente se atribui à mulher, à dona de casa, perguntam: «Que interesses poderá suscitar nos filhos uma mulher cuja vida é tão monótona, tão segregada do mundo em que eles irão viver mais tarde? Que sabe ela de psicologia, pedagogia, saúde infantil? Que horizontes culturais possui? Que vivências ou criatividade tem para transmitir?».

Transmitirá, naturalmente, o conformismo que possui, carregado da educação ancilosada que recebeu cheia de tabus, de formações que não estão abertas à transmissão de um conhecimento real e natural das coisas, e imporão o de outras, para as quais as crianças não estão motivadas.

A SAÚDE

Também neste Encontro de Mulheres Trabalhadoras serão colocadas questões de interesse para toda a comunidade. A assistência, é uma delas.

Vejamos alguns dos números:

O número médio de pessoas abrangidas por médico é 1.100, considerando só as abrangidas por Caixas de Previdência e 1.340 se tivermos também em conta as abrangidas pelos Fundos de Previdência das Casas do Povo.

O número médio de pessoas abrangidas por enfermeiro é de 2.200, no primeiro caso, e de 2.740 no segundo.

Número de partos sem assistência — 17,4 por cem partos.

Número de pessoas por cama dos hospitais — 164.

Número de crianças que morrem no 1.º ano de vida — 45 por mil vivos.

Número de crianças que morrem de 1 a 4 anos — 291 por cem mil habitantes.

Perante isto, no Encontro de Mulheres vai ser exigida a criação do Serviço Nacional de Saúde, que o custo dos cuidados de saúde sejam suportados pelo Estado e não pelos trabalhadores isoladamente, e a socialização do sector comercial e industrial farmacêutico, planificando, reconvertendo e racionalizando a gama de medicamentos existentes, alterações de que resultará a diminuição de produção com vista a permitir que toda a população possa ter acesso, gratuitamente (ou pagando importância simbólica) aos produtos necessários à sua saúde.

O problema da 3.ª idade estará também na ordem do dia. Importa que sejam postos à disposição dos trabalhadores, serviços que sejam estruturados e geridos em colaboração com os sindicatos, tendentes à sua preparação para a reforma e que seja prevista a ocupação de postos de trabalho, em regime de tempo parcial, para idosos que não pretendem abandonar a vida activa».

O departamento de Mulheres da Intersindical já está a receber a adesão de dezenas e dezenas de trabalhadores. Cabe a elas, a nós, lutar ali pela aprovação das moções que possam orientar as reivindicações das mulheres na luta pela sua emancipação. «Vamos lutar pela aplicação, na prática, das moções ali aprovadas» — disse-nos ainda Beatriz Santana. Veremos o que acontece neste Encontro Nacional de Mulheres Trabalhadoras.

Applied Magnetic. Centenas de mulheres lutaram contra uma multinacional. A fábrica foi encerrada. As trabalhadoras foram para o desemprego

Nacional

"Caso único no País"

Sindicatos da indústria conserveira são dirigidos por mulheres

Os trabalhadores da indústria conserveira estão a lutar pelo novo contrato de trabalho sob a orientação dos respectivos sindicatos. O que muita gente ignora é que as direcções desses sindicatos são «dominadas» por mulheres.

«Caso único no País» — diz-nos um elemento da Inter. Falámos com algumas dessas dirigentes. Maria Helena Fialho, presidente da direcção do Sindicato de Setúbal e Maria do Rosário de Fátima, vogal, e ainda com Maria Luísa Ernesto, presidente da direcção do Sindicato de Portimão.

Falaram da exploração a que foram sujeitas antes do 25 de Abril. Dos problemas que têm tido desde que assumiram os destinos dos sindictos; da preocupação que têm em que os sindicatos se coloquem também ao serviço e necessidades das mulheres; das críticas a que são sujeitas por homens e mulheres. Mas estão confiantes e conscientes. «Na indústria conserveira existem cerca de doze mil trabalhadores, dos quais onze mil são mulheres. Porque não haveríamos de ser nós a assumir a orientação de um ramo de actividade de onde somos a esmagadora maioria?» — perguntam.

A SIRENE APITOU TRÊS VEZES

Três mulheres trabalhadoras. Nenhuma delas tem o exame da 4.ª classe, apesar de saberem ler e escrever. «Mais de 90 por cento das trabalhadoras da indústria conserveira são analfabetas» .. diz-nos Maria do Rosário. Para obviar a esse problema, vão ser criados cursos de alfabetização. «Só faltam as instalações». Uma comissão da direcção está a tratar disso. É formada por: Maria Antonieta Augusto Cartaxo, Maria Fernanda Vieira Chagas e Virgínia Maria Salgado Martins.

Maria do Rosário de Fátima tem 48 anos. Foi para a fábrica aos 14. Treze a catorze horas eram o «horário» dessa altura, a 1$80 à hora. «Nunca tivemos trabalho fixo. Se vinha peixe, trabalhávamos e ganhávamos. Se não vinha, passávamos dias e dias à espera».

O processo de esperar varia de região para região. Algumas mulheres iam para os portões da fábrica. Outras eram chamadas por um rapaz que percorria as casas. Finalmente, a sirene. Quando a sirene apitava, as mulheres e os homens tinham de ir para o trabalho. Muitas vezes de noite. «Se por acaso nos recusávamos, já o patrão não nos dava trabalho nessa semana».

«Mas quando havia peixe (compravam em grande quantidade) o trabalho não tinha interrupção. Eram os serões Muitas vezes tentámos lutar contra isso. Aparecia logo a Polícia Internacional (diz-nos a presidente do Sindicato de Portimão), os cães-polícias em Setúbal. Enfim, a repressão».

A sirene, agora, ainda apita. Mas já ninguém se levanta de noite para ir trabalhar. Têm um horário fixo. Nessa altura os homens tinham três dias de trabalho certo. As mulheres só conseguiram 24 horas por semana com o contrato assinado depois do 25 de Abril. Lutam agora pelas 45 horas por semana para homens (estes conseguiram-nas no anterior acordo de trabalho) e para as mulheres.

CEM ESCUDOS POR UM FILHO

Todas estas trabalhadoras tiveram filhos. As condições durante a gravidez e no parto eram inexistentes. «Quinze dias antes do parto metíamos «baixa» e cinco dias depois já estávamos outra vez na fábrica. Precisávamos do dinheiro» — disse uma delas.

Pelo nascimento de um filho o subsídio era de 130 escudos, mas trinta ficavam para o hospital. Por isso, estas mulheres estão motivadas para a questão do controlo da natalidade. Irão participar no Encontro das Mulheres Trabalhadoras. As dirigentes de Setúbal já efectuaram sessões de esclarecimento em algumas fábricas sobre os textos de apoio. A questão do aborto é uma das mais focadas. «Somos pelo aborto, na medida em que não temos creches nem infantários para pôr as crianças. E se eles se fazem na clandestinidade, porque não fazê-los nos hospitais com o mínimo de condições?»

As dirigentes de Setúbal, no entanto, já principiaram a trabalhar no sentido de arranjar estruturas de apoio para as mulheres trabalhadoras. Para a entrada em funcionamento de um infantário só «faltam as instalações».

Não esquecem também estas mulheres a dupla exploração a que foram (e são) sujeitas. «Muitas de nós tínhamos de nos levantar às 4 da manhã. Para deixar tudo pronto, roupa lavada, comida para o marido. Muitas de nós chegávamos já arrasadas ao trabalho. Cheias de sono. Depois era o trabalho». Pesado. O regresso a casa. Tratar dos filhos. Aturar o marido...

No trabalho, as condições de higiene não existiam. «Salvo uma ou outra fábrica, são tudo barracões velhos». Luvas ou fatos para as câmaras frias eram «reivindicações sumptuárias». Por isso, só no novo contrato que os patrões se recusam agora a discutir, aparecem essas exigências.

«O MARIDO NÃO DEIXA»

Estas trabalhadoras falam das suas experiências. Localidades diferentes — a mesma exploração. No Algarve, por exemplo, os trabalhos mais pesados sempre foram para os homens. Em Setúbal, não.

A presidente da direcção do Sindicato de Setúbal tem apenas 32 anos. A seca do bacalhau é o seu trabalho. Até ao 25 de Abril, ela e todas as suas camaradas descarregaram peixe dos barcos. «Umas ficavam dentro dos barcos, outras na prancha com risco de caírem ao mar. E carregávamos, carregávamos caixas e caixas sem descanso. Depois havia sempre um encarregado a gritar com a gente. Enquanto estas minhas camaradas sempre foram sindicalizadas, nós na seca do bacalhau só o fomos depois do 25 de Abril. Quando eu comecei a trabalhar, tinha 14 anos, ganhava 2$50 à hora. Tínhamos de descontar $30 para a Junta Nacional da Caixa dos Pescadores. Cerca de 500 mulheres descarregavam peixe. Depois do 25 de Abril, esse trabalho ficou apenas para o «sexo forte». Os homens de Alcochete vêm a Setúbal fazer esse trabalho».

Mas elas são agora dirigentes de sindicatos. Nenhuma daquelas com quem conversámos tem problemas com os maridos por causa da sua actividade sindical. Maria Luísa Ernesto vem a Lisboa as vezes que forem precisas. Portimão-Lisboa-Portimão. «Sou livre — diz Maria do Rosário de Fátima — o meu marido encara bem». «Mas ele também faz parte do sindicato ou de comissão de trabalhadores?». «Absolutamente nada, mas não se importa que eu faça».

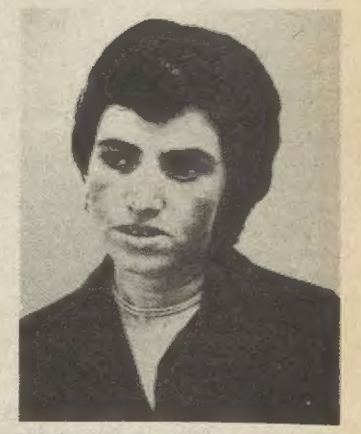
Mas, conta uma das dirigentes de Setúbal que uma das suas camaradas nunca se pode deslocar a Lisboa porque «o marido não deixa».

Quanto ao tempo que gastam com essa tarefa, Maria do Rosário foi peremptória: «Gasto o tempo que for preciso». Claro que as críticas se sucedem pelo facto dos sindicatos serem dirigidos por mulheres. «Saíram homens para entrar mulheres?» — dizem. «O que é que as mulheres lá fazem?» — perguntam homens e mulheres. «A maioria dos homens ainda não compreende» — reafirmam estas dirigentes. Mas a maioria das donas-de-casa também não. «O que elas querem é vadiagem» costumam dizer. «Não estão dentro do ambiente» — justificam estas mulheres.

Agora, contudo, o fundamental é conseguir o novo contrato colectivo de trabalho. Levar os patrões a sentarem-se à mesa das negociações. E cabe às direcções destes sindicatos (dirigos por mulheres), onde os homens também estão representados, organizar a luta para conseguir os seus objectivos. Sem exames da 4.ª classe, elas sabem perfeitamente defender os seus pontos de vista. A força, vem-lhes de um passado da mais «miserável exploração». Que começava muito antes da sirene tocar...

Fernanda Mestrinho

Esta fábrica de indústria de conservas é estrangeira. As condições de trabalho existem. Cá são, salvo algumas excepções, velhos barracões — dizem-nos estas dirigentes



Maria Helena Fialho é a presidente da direcção do Sindicato de Setúbal

Maria Luísa Ernesto — presidente da direcção do Sindicato de Portimão

«Mais de 90 por cento das trabalhadoras da indústria conserveira são analfabetas» — disse Maria do Rosário de Fátima, outra das dirigentes de Setúbal

Estrangeiro

Nasce uma "Declaração Universal dos Direitos dos Povos"

FERNANDO ANTÓNIO ALMEIDA

ARGEL, Julho — «O sistema americano só pode sobreviver na América se se tornar num sistema mundial», disse (citando o presidente ianque Truman) o velho lutador antifascista e socialista italiano Lelio Basso, (ex) presidente do (ex) Tribunal Russel II, que se dissolveu depois de se ter consagrado à denúncia das violações dos Direitos do Homem na América Latina. As palavras do senador italiano eram bem claras; o inimigo principal dos povos são os Estados Unidos que, para sobreviverem com a estrutura actual, têm que impor t seu próprio sistema económico ao resto do mundo, mesmo se o caminho passa pelos Pinochets, Geisels, Videlas e outros que tais, ou mais brandos, como os de agora aí da nossa terra...

Reunida em Argel de 1 a 4 do corrente sob a iniciativa oficial de duas organizações paralelas, a Fundação Internacional para o Direito e para a Libertação dos Povos, a que preside L. Basso, e pela liga que leva o mesmo nome, a Conferência sob o Direito dos povos procedeu, após três dias de debates, à proclamação da «Declaração Universal dos Direitos dos Povos».

Presentes personalidades progressistas de todo o mundo. Europeus (italianos da Universidade de Florença, de Bruxelas, franceses como A. Soboul, Payot, secretário-geral da Federação Internacional dos Direitos do Homem, o embaixador da Suécia em Argel, um irlandês do Sinn Fein (que reivindicou, sem vergonhas de euroriquismo, a pertença da Irlanda ao Terceiro Mundo), espanhóis, etc... com estes, outros contestatários: dos Estados Unidos (um professor da Universidade de Princetown outro da de Nova Iorque, J. Petras, que diria entre outras coisas justíssimas que «o desenvolvimento do país baseado numa colonização que exterminava os índios, devia fazer passar os EU do anticolonialismo ao colonialismo») e um português, o ex-ministro Mário Ruivo.

Mas o grosso dos participantes vinha do Terceiro Mundo. Dá América Latina vários ex. Homens como Juan Bosch, ex-presidente da República Dominicana, Pedro Vuskovic, ex-ministro de Allende, a viúva deste, Laura, Miguel Arraes, ex-governador de Pernambuco, Raimundo Ongaro, ex-dirigente sindical argentino, todos ex por obra e graça da Ciocracia. Depois representantes do Vietnam, da Guiné-Bissau, de Angola e delegados de numerosos movimentos de libertação ou simples personalidades. Gente do Sara Ocidental, da Palestina, do Irão, da Namíbia, do Líbano, da Guiné Equatorial (a que foi espanhola), das Canárias, da Bolívia, da Argentina, do Chile, e por aí adiante.

A data da proclamação da Declaração foi escolhida a dedo, de pêlo na venta. Em 4 de Julho de 1776 proclamava-se outra Declaração: a da independência dos Estados Unidos onde entre outras coisas está escrito que «todos os homens são criados iguais, que o seu Criador os dotou de certos direitos inalienáveis, entre os quais a vida, a liberdade e a busca da felicidade; que, para garantir estes direitos, os homens instituem governos cujo justo poder emana do consentimento dos governados» e que «quando uma longa série de abusos e de usurpações, invariavelmente orientados para o mesmo fim, marca o desígnio de os (aos homens) submeter a um despotismo absoluto, é o seu dever derrubar o governo culpado e buscar novas formas de salvaguarda para a sua futura segurança».

Depois da abertura da conferência pelo representante do país que a albergou — a Argélia —, tomou a palavra Lelio Basso que citou justamente este trecho da declaração americana para justificar a realização da conferência — «para denunciar a contradição... violenta entre a proclamação de há dois séculos e a atitude actual dos EU e para retomar a marcha do direito contra a força, proclamando em 4 de Julho de 1976 em nome dos povos oprimidos uma Carta dos Direitos dos Povos». E acrescentou L. Basso: «Mas qual foi a reacção dos EU quando eles foram confrontados a estes princípios que eles próprios tinham proclamado? Foi exactamente a que tinha tido o rei da Inglaterra dois séculos antes: meterem a saque os mares, desvastarem as costas, queimarem as cidades do Vietname da mesma maneira que mandaram mercenários a diferentes partes do mundo, à Guatemala de Arbens, à Angola independente, a fim de terminar a obra de morte, de desolação e de tirania. Na América Latina e na Ásia, derrubaram, ou tentaram derrubar os corpos legislativos livremente eleitos, para instaurar uma tirania absoluta».

E depois de denunciar o imperialismo americano e o papel das multinacionais europeias e japonesas, Basso acrescentaria, justificando este salto qualitativo que levou da denúncia da violação dos Direitos do Homem ao seu complemento natural, a denúncia da violação dos direitos dos povos: «Já não nos podemos limitar a condenar as violações dos Direitos do Homem como se fosse possível eliminar estas violações, conservando o sistema. Só combatendo o sistema lutamos realmente contra estas violações».

A tónica estava dada e era clara como água.

Pedro Vuskovic, economista, debruçou-se sobretudo sobre a exploração económica, lembrando que a dívida dos países do Terceiro Mundo aos países ricos é «da ordem dos 150 biliões de dólares, obrigando os nossos pobres países a pagar unicamente de juros um tributo de 12 biliões de dólares por ano às nações mais ricas» e ainda que «as disposições do mercado internacional fazem com que os países do Terceiro Mundo cobrem 30 biliões de dólares pela exploração de matérias-primas que são pagas pelos países consumidores por 200 biliões».

Uma das intervenções mais originais, talvez tenha sido a do americano James Petras, professor da Universidade de Nova Iorque que, depois de salientar o actual papel de subversão que desempenham os EU no mundo inteiro, dá uma síntese explicativa do processo que os levou a esta situação. «A herança anticolonialista dos EU, explicou Petras, serviu só para duas coisas: minar o colonialismo tradicional europeu e mascarar as relações económicas do seu neocolonialismo». E mais adiante: «... a guerra de independência americana foi o primeiro movimento de libertação nacional a alcançar os seus objectivos, instalando ao mesmo tempo nos espíritos as noções dos direitos do homem. Foi igualmente uma revolução económica que deu um golpe decisivo no mercantilismo. Mas o movimento continha o seu protesto o seu germes de corrupção pelas ambiguidades do seu carácter ao mesmo tempo burguês e revolucionário.

Depois, prosseguiu J. Petras, o próprio tipo do desenvolvimento do país baseado numa colonização que exterminava os índios devia fazer passar os EU do anticolonialismo ao colonialismo. A consolidação da independência, por meio da anexação de novas terras, devia igualmente transformar o país numa potência imperialista, entregando-o às contradições que existem entre capitalismo, imperialismo e democracia. A via passava a estar aberta à aventura colonial no Terceiro Mundo, nas Filipinas e algures.

Mas o momento decisivo foi quando os EU saíram das guerras deste século entre as potências capitalistas, como potência nitidamente dominante. Os excedentes de capitais que tinham acumulado à custa da Europa serviram-lhes para investimentos maciços em todo o mundo. Mas, para que estes investimentos não fossem ameaçados, foram levados a manter os países do Terceiro Mundo debaixo de uma dura vigilância, fazendo, sempre que podiam, suceder o neocolonialismo à descolonização.

É assim que o seu esforço à escala mundial para influenciar a seu favor os termos de troca entre o Terceiro Mundo e os países imperialistas, paradoxalmente, não é senão a manifestação da sua nova declaração de independência».

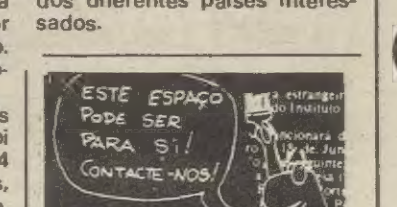
Diversos oradores se sucederam na tribuna centrando as suas intervenções na denúncia do imperialismo e na reivindicação do direito dos povos a disporem de si próprios, como Miguel Arraes que tratou o tema da «dependência na América Latina». De notar também as palavras do delegado da OLP (Organização de Libertação da Palestina) que reiterou a proposta da sua organização para a criação na Palestina de um Estado para judeus e árabes: «Queremos somente regressar à nossa pátria, recuperar os nossos direitos e construir um Estado realmente democrático, onde todos os cidadãos viverão em paz. É a solução mais revolucionária que até hoje foi proposta por um movimento de libertação. Somos por um Estado democrático e laico».

A Declaração Universal dos Direitos dos Povos que foi aprovada e proclamada em 4 de Julho consta de 30 artigos, precedidos de um preâmbulo, e está dividida em sete secções — direito à existência, à autodeterminação política, direitos económicos, direito à cultura, direito ao meio ambiente e às riquezas comuns, direitos das minorias, sendo a secção VII reservada às garantias e sanções.

O preâmbulo proclama que «todos os povos do mundo têm igual direito à liberdade, o direito de se libertarem de toda a ingerência estrangeira e de dotar-se do Governo da sua escolha, o direito, se estão submetidos, de lutar pela sua libertação, o direito de beneficiar na sua luta da assistência dos outros povos». Entretanto no texto propriamente dito, a Declaração começa por afirmar o direito de todos os povos à própria existência. De notar nesta secção I a especificação do direito de regresso de um povo ao território donde tenha sido expulso, o que se aplica nomeadamente aos palestinianos e aos sarauís. De sublinhar igualmente e secção III que trata dos direitos económicos dos povos: «todo o povo tem um direito exclusivo sobre as suas riquezas e os seus recursos naturais (art. 8)», que se enquadra na linha das reivindicações dos países do Terceiro Mundo e em que a Argélia tem tido um papel de alavanca, assim como o art. 10 que estipula que «as trocas internacionais devem fazer-se em condições iguais e equitáveis». A Declaração afirma também o direito dos povos a escolherem o seu próprio sistema económico e social (art. 11). Enfim o art. 28 — secção VII — legitima o recurso à força para recobrar direitos não reconhecidos.

Poderá a Declaração ser mais que um feixe de boas intenções e tornar-se num documento que valha dentro do Direito Internacional? Poderá transformar-se este instrumento, fruto do esforço de alguns homens de boa vontade, num instrumento jurídico aceite pelas instâncias internacionais? Afirmativamente o dava a entender alguns dos congressistas, fazendo prever uma batalha a levar a cabo «sem muitas ilusões, mas sem pessimismo», nas palavras de um deles. Aliás parece ter sido esta a intenção com que foi elaborada a Declaração: saltar para o foro internacional e começar por ser adoptada, ainda que sujeita a modificações, por certas organizações «terceiro-mundistas», como os países não alinhados, e mesmo a própria OUA e outras organizações regionais, antes de ser dado o grande passo em frente em direcção das Nações Unidas.

Registe-se para finalizar a formação de uma comissão sócio-económica para o estudo das relações entre as multinacionais, Estados nacionais e sindicatos. A comissão que terá provavelmente a sua sede em Milão, propõe-se estudar o papel das sociedades multinacionais no mecanismo imperialista, as relações que se determinam entre elas, a política dos governos nacionais e a organização da classe operária dos diferentes países interessados.



A Viking I tentará detectar "martemotos"

PASADENA (CALIFÓRNIA), 16 — (ANOP) — A Viking I continuou ontem a orbitrar serenamente ao redor de Marte, enquanto os cientistas em Pasadena discutiam as nuvens de poeira e os «Martemotos» (sismos marcianos) que a sonda norte-americana poderá detectar após a sua aterragem no planeta.

O dr. Seymour Hess, responsável pelos instrumentos meteorológicos transportados a bordo do módulo de aterragem da Viking I, afirmou que espera que ocorram «coisas interessantes».

«Não ficaríamos surpreendidos por ver uma frente fria passar e ficaríamos deliciados se observassemos uma nuvem de poeira a passar por cima do aparelho» — disse Hess.

Os peritos responsáveis por estas experiências denominam «demónios de pó», pequenos redemoinhos de vento que arrastam consigo poeiras.

Entre os instrumentos para registar a temperatura de Marte, a sua pressão atmosférica e o vento, encontra-se um anemómetro que pode avaliar ventos de até 536 quilómetros por hora.

Devido ao facto da atmosfera marciana ser extremamente ténue — disse Hess — um vento de 160 quilómetros por hora não seria nem de longe tão forte em Marte como na terra e certamente não conseguiria derrubar uma pessoa que estivesse de pé.

O sismógrafo que está a bordo do módulo de aterragem tentará detectar «martemotos» — Equivalente marciano a terramotos — e o estrebuchar de vulcões —, revelou o dr. Don Anderson, do Instituto de Tecnologia da Califórnia.

Qualquer sismo marciano provará que o planeta é ainda geologicamente activo e os cientistas podem utilizar as ondas de choque provocadas, para aprenderem muito mais sobre o interior do planeta, do que o que presentemente sabem.

Se não for detectado qualquer tremor do solo son

— isso será uma prova de que os acidentes da superfície, tal como os quatro altíssimos vulcões que são pontos de referência, «são provavelmente de origem extremamente antiga».

Hoje, a Viking I fotografará, a partir da sua órbita, uma planura setentrional onde a segunda sonda Viking deverá poisar o seu módulo de aterragem, em Setembro próximo.

Amanhã, a Viking I tirará a última série de fotos à encosta Ocidental da bacia de Chryse

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

DELEGADOS SINDICAIS

CONVOCATÓRIA

Convocamos todos os Delegados Sindicatos para os plenários de zona a realizar no próximo dia 19 nas seguintes localidades:

Almada — na Delegação às 18.30
Barreiro — na sede às 21 horas
Setúbal — no refeitório do Inatel às 21 h
Sines — na União Local às 21 horas

Estes plenários, para cuja importância chamamos a atenção, terão a seguinte ordem de trabalhos:

1. — Informações
2. — Política Salarial
3. — Contratação Colectiva.

P. S. — Serão distribuídos documentos considerados inconscitucionais.

Barreiro, 15 de Julho de 1976

A DIRECÇÃO

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

LIGAÇÃO FERROVIÁRIA AO ALGARVE

Dada a afluência de público aos fins de semana, particularmente nesta época do ano, a C. P. decidiu efectuar um desdobramento ao comboio n.º 8013 com partida do Barreiro e que segue pela Linha do Sul por Beja.

O desdobramento em questão seguirá pela linha do Sado com partida daquela estação pelas 19.05 horas.

A referida circulação servirá as estações de Pinhal Novo, Setúbal, Funcheira, Tunes, Algoz, Alcantarilha, Poço Barreto, Silves, Estombar (Lagoa), Portimão, Mexilhoeira Grande e Lagos, onde chegará pelas 0.35 horas.

Estrangeiro

Com um apelo de Carter

Terminou a convenção do Partido democrático

NOVA YORK, 16 — (R.) — Jimmy Carter aceitou ontem, à noite, formalmente a nomeação presidencial do Partido Democrático e lançou um apelo aos compatriotas para partilharem da sua fé no futuro dos Estados Unidos.

«Temos andado à deriva, há muito tempo» — disse Carter aos 3000 delegados que o aplaudiam e acenavam com bjndeiras na convenção nacional do partido. Os delegados interromperam 57 vezes, com ovações ruidosas, o seu discurso de 25 minutos.

«Devemos ter fé novamente. Queremos ser outra vez orgulhosos. Desejamos de novo a verdade» — observou Carter.

O momento o triunfo do candidato democráta, um político desconhecido quando iniciou a campanha presidencial, há 19 meses, encerrou a mais harmoniosa convenção do Partido Democrático dos últimos anos.

Contrastou com as azedas lutas políticas internas nas convenções que nomearam os candidatos Hubert Humphrey e George McGovern, vencidos nas urnas, respectivamente, em 1968 e 1972.

Os democratas pensam que em Carter encontraram o homem que pode voltar a ocupar, em nome do partido, a Casa Branca.

Dispõe já de uma vantagem nítida nas sondagens à opinião pública em relação a ambos os candidatos republicanos, o presidente Gerald Ford e Ronald Reagan.

Após o discurso de Carter, candidatos democráticos que foram vencidos na campanha das eleições primárias apareceram para trocar apertos de mão, enquanto os delegados aplaudiam, numa manifestação de unidade.

O governador do Alabama, george Wallace, sorridente, cujas ambições presidenciais forjm este ano esmagadas pelo conterrâneo sulista, foi, em cadeira de rodas, até à tribuna para participar naquele momento de glória.

Os delegados permaneceram de pé e bateram palmas ao ritmo de «happy days ate here again» e a convenção encerrou finalmente com todos gritando, cheios de júbilo, «We shall overcome», o hino do movimento dos direitos civis dos anos 60.

Algumas senhoras que se achavam na convenção choraram emocionadas quando Carter salientou o tema de nova fé nos Estados Unidos.

«Temos sido feridos e ficado desiludidos... A tragédia do Vietname e do Camboja, a desgraça de Watergate e o embaraço causado pelas revelações da CIA poderiam ter sido evitados se o nosso governo tivesse reflectido com base no julgamento sólido, no bom senso comum e no elevado carácter moral do povo norte-americano» — notou.

Antes de Carter chegar, a convenção nomeou formalmente o senador Walter Mondale, do Minnesota, um liberal, de 48 anos, candidato do partido à vice-presidência.

O senador Mondale deverá ajudar a ganhar os votos dos negros e dos sindicalistas e, vindo de um Estado do Norte, trará equilíbrio territorial à campanha de Carter.

O liberal Mondale candidato à vice-presidência dos EUA

NOVA IORQUE, 16 (R) — O senador Walter Mondale, escolhido ontem por Jimmy Carter para concorrer à vice-presidente, possui o impecável passado liberal requerido para apagar alguma desconfiança que persiste nos Estados do Norte acerca do candidato presidencial do Partido Democrático.

Contrabalançando o facto de o candidato presidencial ser do Sul do país, mais precisamente, da Geórgia, Mondale é de Minnesota, no Norte, Estado agrícola e mineiro de fortes tradições liberais, cujo filho mais famoso é o senador Hubert Humphrey.

O principal problema de Mondale, durante uma breve incursão na campanha presidencial em 1974, foi a sua dificuldade em estabelecer contacto com o público. Tem um estilo reservado e coloquial, que não consegue aquecer ao rubro a assistência. No entanto, traz para a lista Carter um prestígio considerável entre os sindicatos e uma reputação de defensor dos fracos e desfavorecidos.

O senador nasceu em 5 de Janeiro de 1928 em Ceylon, Estado do Minnesota, filho do reverendo Theodore Mondale e sua mulher. Não completara ainda 20 anos quando desempenhou papel activo na política, colaborando na campanha do senador Humphrey para «mayor» de Minneapolis.

Depois de se formar em Direito na Universidade do Minnesota, tornou-se, em 1960, o procurador-geral mais jovem do seu Estado, posto que exerceu durante quatro anos.

Foi nomeado para o senado em Dezembro de 1964, para ocupar o lugar deixado vago pelo seu mentor, Humphrey, que se demitira para assumir a vice-presidêncie.

Eleito em 1966 e reeleito em 1972, a sua acção no Senado tem sido marcada por um trabalho sem alarde, mas eficaz, em legislação liberal.

Chefiou a luta pelo enfraquecimento do «filibustering» no Senado — a estratégia do debate ilimitado, muitas vezes utilizada para impedir a aprovação de leis liberais. Foi ele também a ponta-de-lança da legislação sobre a reforma fiscal e a assistência à infância.

O senador, que é mais conhecido pela alcunha de «Fritz», é casado com Joan Adams, de quem tem dois filhos e um filha.

Retirada síria total exigida no Líbano

BEIRUTE, 16 — (ANOP e R.) — Palestinianos estão a insistir numa retirada completa de forças sírias do Líbano antes de se deslocarem a Damasco para participarem em conversações de paz, segundo revelou Rádio Beirute.

A sua atitude aparentemente dura prevê um mau resultado para a reconciliação entre a Síria e os palestinianos recomendada, no princípio da semana, por ministros árabes dos Negócios Estrangeiros, reunidos no Cairo.

Se uma delegação palestiniana for a Damasco, não incluirá Yasser Arafat, presidente da Organização de Libertação da Palestina (OLP) — disse a rádio esquerdista.

Os palestinianos julgam que a intervenção militar da Síria no Líbano visa esmagar o seu movimento.

Em Baalbek, chefes políticos e religiosos desmentiram notícias de recontros envolvendo soldados sírios na cidade.

Entretanto a EMBAIXADA NORTE$AMERICANAEMBeirute anunciou hoje que vai organizar a evacuação dos cidadãos dos Estados Unidos residentes no Líbano e encerrar os seus serviços e instalações.

Matou 260 pessoas o sismo em Bali

JACARTA, 16 — (R.) — Sabe-se agora que pereceram cerca de 260 pessoas nos abalos telúricos que assolaram na quarta-feira a ilha paradisíaca de Bali, arrasando vilas e aldeias inteiras e transformando casas sólidas de tijolo e cimento em escombros.

Segundo funcionários governamentais, os sismos, atingindo 5,5 e 5,6 pontos na escla de Richter, não afectam os centros de turismo ao Sul da ilha.

Fotografias inseridas na Imprensa local de hoje nostraram ruas transformadas em montões de ruinas, sendo as únicas estruturas deixadas de pé os portões com ornamentações em pedra que se encontram à entrada da maioria das vilas de Bali, a fim de conservarem ao longe os espíritos malignos.

O número mais elevado de vítimas deu-se na regência norte de Buleleng, onde a agência noticiosa semi-oficial Antara disse haver 237 mortos e milhares de feridos.

Os tremores de terra foram os últimos de uma série registada na Indonésia, nas últimas semanas. Os piores ocorreram na província de Irian Jaya, onde perderam a vida 5000 pessoas devido a desabamentos de terra provocados por sismos, em fins de Junho. .

Auxílio de emergência começou a seguir de avião para as vítimas da província de Irian Jaya, incluindo milhares de cobertores, tendas de campanha e roupas da base militar norte-americana de Guam.

Contudo, anunciou-se que se perderam toneladas de arroz lançadas do ar pelas brigadas de socorro aos aldeões, indígenas que vivem ainda em condições existentes no tempo da Idade da Pedra, porque ninguém em terra sabia o que fazer com o cereal.

A vizinha Papua-Nova Guiné enviou batata doce, a dieta da maioria dos indígenas da região.

Outras promessas de víveres, dinheiro e medicamentos estão a seguir para as áreas devastadas.

Possível amnistia em Espanha abrangendo presos políticos

MADRID, 16 (ANOP e R) — O novo Governo espanhol reúne-se hoje em sessão para aprovar uma declaração política que se espera apele para reconciliação nacional e poderá prometer uma amnistia aos presos políticos.

A sessão especial do gabiente efectua-se apenas dois dias antes do quadragésimo aniversário da Guerra Civil espanhola em 1936-39.

O primeiro-ministro Adolfo Suares Gonzalez deverá traçar as linhas-mestras da política do seu Governo, no Poder há nove dias, e círculos políticos disseram que referências a uma amnistia a adversários do falecido generalíssimo Franco estariam em lugar cimeiro numa lista de prioridades.

Centenas de presos políticos foram libertados devido a uma amnistia parcial quando o rei Juan Carlos sucedeu ao Caudilho, em Novembro.

Contudo, a Espanha ainda tem mais de 600 presos políticos. As mesmas fontes notaram que o Governo só não perdoará aos culpados de actos de terrorismo, ou seja mais de um terço do total.

Manifestações contra o Governo, por vezes violentas, realizaram-se em toda a Espanha, na semana passada, em apoio de pedidos de amnistia.

Suarez, de 43 anos, escolheu um Governo formado principalmente por homens da geração após a guerra civil, e o rei Juan Carlos pediu-lhes para trabalharem pela unidade dos espanhóis, a fim de fortalecerem a monarquia e as instituições do Estado.

Há dois dias, o novo Governo conseguiu dificilmente nas Cortes, o Plarmento direitista, uma revisão do Código Penal do generalíssimo Franco, levantando os obstáculos legais que impediam a política hartidária desde o fim da guerra civil, embora os comunistas, anarquistas e separatistas continuem proibidos.

A oposição, que vai desde os democratas-cristãos e liberais, da esquerda, a socialistas e comunistas, considera uma amnistia aos presos políticos e exilados como o ponto de partida para a reconciliação e a condição primária para qualquer forma de colaboração com o Governo.

Pressionando contra medidas para agradar à esquerda, que apela para reconciliação, encontram-se os franquistas intransigentes entrincheirados nas Cortes — um Parlamento em que somente um quinto dos deputados é eleito por sufrágio directo. Esses ultras quase que obtiveram êxito na sua tentativa de bloquear reformas ao Código Penal.

Círculos governamentais disseram ontem que o programa político do gabinete poderia também incluir referências ao adiantamento da data de eleições gerais democráticas, na próxima Primavera, que reduziriam inevitavelmente a presença direitista nas Cortes.

Entretanto, anunciou-se em Madrid que o rei Juan Carlos comunicou ao Papa Paulo VI a sua intenção de renunciar ao privilégio de nomeação de bispos.

Esta decisão foi ontem comunicada ao Papa no Vaticano pelo chefe da Casa Real, marquês de Mondejar, o qual entregou ao Sumo Pontífice uma mensagem do monarca espanhol.

O rei recomendou ao Governo a instrumentalização jurídica de tal propósito, dentro do conjunto das novas relações do Estado espanhol com a Santa Sé.

A actual Concordata entre a Espanha e o Vaticano permitia ao chefe do Estado espanhol a apresentação dos nomes de três eclesiásticos, entre os quais a Santa Sé escolhia um.

Pensa-se que esta renúncia voluntária do rei ao privilégio favorecerá as conversações para negociar uma nova Concordata.

Quis atingir a pé a ilha de Maiorca

SITGES (CATALUNHA), 16 — (F.P.) — Completamente vestido, calçado e de gravata ao pescoço, com uma mala na mão, um homem caminhou resolutamente para o mar e desapareceu a pouco e pouco sob as ondas que rebentam na praia catalã de Sitges, próximo de Barcelona.

Segundo se soube, o homem pretendia atingir Maiorca caminhando sobre as águas mas o milagre não chegou a verificar-se e quando se tornou evidente, para os banhistas, que este turista desconhecido nada mais levava de anfíbio consigo para além do chapéu, nadadores-salvadores lançaram-se em seu socorro e conseguiram trazê-lo para terra, meio-asfixiado.

Segundo o médico que o auscultou, o desconhecido encontrava-se drogado e em estado de embriaguês. Trata-se de um estrangeiro que não levava quaisquer documentos de identidade e que, pouco depois de ter recuperado um pouco de fôlego, abalou da praia — desta vez sempre em direcção a terra firme —, sem fornecer quaisquer explicações.

Caleidoscópio

■ PARIS, 17 (R) — A Plícia francesa investiga hoje a possibilidade de um antigo nazi, que ordenou, em tempos, a execução de 71 prisioneiros de guerra norte-americanos, fosse assassinado por um pelotão vingador, vindo da Itália.

Uma autópsia poderia confirmar hoje as suspeitas da Polícia de que o corpo carbonizado e crivado de balas descoberto dentro da casa incendiada de uma herdade, no leste da França, na quarta-feira, era o do antigo coronel das SS Joachim Peiper.

Um grupo antinazi, denominando-se «Os Vingadores», assumiu ontem a responsabilidade pelo assassínio de Peiper, de 61, outrora membro do estado-maior de Henrich Himmler, o comandante das SS.

■ CIDADE DO MÉXICO, 16 (FP) — As recentes inundações no México causaram perto de 100 mortos e mais de 150.000 sinistrados — escrevem os jornais mexicanos ao apresentarem novo balanço da catástrofe.

■ MADRID, 16 (ANOP — Valentina Tereshkova, a primeira mulher cosmonauta do Mundo, «é minha filha» — afirma Valentin Gonzalez, «el Campeino», ex-general do Exército republicano espanhol, numa entrevista publicada pela revista «Gaceta Ilustrada».

«El Campesino», a quem se deu como morto por várias vezes, vive actualmente na cidade francesa de Metz.

■ NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 16 (FP) — Em virtude da insistência do grupo áraba, o Sudão desistiu do debate da sua queixa contra a Líbia no Conselho de Segurança, queixa que acusa este país de haver promovido o golpe de Estado abortado de Cartum em 2 do corrente — revelou uma fonte árabe.

■ Certos países fizeram notar ao representante sudanês que lhe seria difícil fornecer provas concretas de uma intervenção líbia e fazer aprovar uma moção pelo Conselho de Segurnaça.

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECÇÕES

Av. João XXI, 5-D—R. Infantaria 16, 55-C—LISBOA

Nacional

Bragança vista das alturas com os problemas na terras

Um bimotor da TAP, com cinco lugares, viagem a um conto e duzentos, aproxima em questão de hora e meia Lisboa e Bragança. Vê-se das alturas boa parte do País. Não se descobrem à vista as estradas que escasseiam, as aldeias onde as comunicações são raras e deficientes. Mas nota-se, mesmo do alto, que os rios vão secos e que molhos de trigo como pontos de amarelo ténue se alinham sobre o restolho. Já decidido o bimotor para a aterragem vêem-se manchas brancas imóveis com faixas pretas — Bragança, o Nordeste, a encostar-se à Espanha.

Bragança tem uma população que ronda pelos 20 mil habitantes, dois mil dos quais são retornados. Os problemas mais imediatos, que um dia quente de Julho eram tema de café e de reuniões, são o quotidiano deste País — o aumento do gasóleo, a falta de água e as restrições no consumo da energia eléctrica, os exames e, de âmbito regional, os prejuízos de milhares de contos em culturas (batata, cereais e azeitona) provocados pelas enxurradas.

No dia em que cheguei a Bragança, dia de mercado, havia uma reunião de agricultores e camionistas. Os agricultores lutam com falta de apoios, as culturas estão em perigo; os camionistas com o aumento do gasóleo interrogam-se. Tudo vai subir, pensaram ainda em manifestar-se. Mas a realidade mais comezinha toca o dia a dia das conversas em qualquer lado que se esteja: uma telha custa 10 escudos, o cimento trepa que trepa, e agora o gasóleo vai aumentar o preço da batata, do trigo, de tudo.

Camião que pare tem dificuldade em conseguir peças novas. Um guarda-lamas de camião de razoável tonelagem atinge os 10 contos, uma porta vai para os 20. Como chegar-lhe? Camião parado, são os impostos e contribuições que continuam, é o motorista que não pode deixar de receber o ordenado. E não falo de frotas de camiões que as não há. A empresa na generalidade resume-se a um camião ou dois, a um empregado ou dois. O desencanto é muito; as dificuldades avolumaram-se. Entretanto, uma equipa da Televisão filmava «aspectos» de Bragança para o concurso «Terra a Terra Minha Gente».

A CIDADE EM EXAMES

Um certo silêncio caiu sobre a cidade abrasada pelo calor. Mas os cafés estão cheios. Um tempo que dói a passar. Entretanto os retornados tentam refazer-se destes duros meses.

Tomam iniciativas. Traumatizados embora, recomeçam. A pequena indústria do tijolo prolifera. Surgem aviários. Abrem-se mais restaurantes. «Em Bragança daqui a pouco ninguém come em casa» — resmunga o passageiro de uma carreira que vai atravessando lentamente aldeias.

Para lá das construções que aumentam, para retornados e não só, mas com falta de electricistas e de outra mão-de-obra especializada (quem quer vir para Bragança? «Os estudantes acabam o curso do Industrial mas não aceitam o trabalho de electricista»), Bragança está em época de exames. É um facto que se nota. Os cafés de manhã com a luz cortada das 10.30 às 12 horas acolhem grupos de estudantes. Os problemas são idênticos aos de outros meios pequenos. Para os mais velhos os estudantes são «essa pouca vergonha», «já fazem o Liceu sem irem ao liceu», é a droga que começa a ser falada, primeiro, sussurro; depois, mais nuvem que Juno. Politicamente, os estudantes não diferem do resto da cidade. As raparigas passeiam em grupos pelas ruas. Mais um filme pornográfico é publicitado; tem muita gente nova na sua clientela.

Começam a ver-se os primeiros emigrantes. «Aveques» como aqui lhe chamam. Virão compensar a ausência dos estudantes que durante quase nove meses caracterizam uma cidade como Bragança, sem indústria, com muito comércio e jovens a estudar, todos já conformados ao «ram-ram» de uma existência de certa forma distante do calor que tem marcado estes dois anos.

OS BOINAS PRETAS

Para lá destas reais dificuldades de uma cidade real, os «boinas pretas» dão de Bragança uma imagem em que ela não se pode reconhecer. Com efeito, os «boinas pretas» são a caricatura de um «comando» que embora sem ser citado já teve honras de jornal aquando da expulsão da cidade de Bragança de dois elementos do Sindicato da Construção Civil. Por outro lado, os «boinas pretas» tentam ou têm tentado condicionar os movimentos dos habitantes considerados progressistas. Ninguém diz os seus nomes. Estamos a crê-los envoltos num mundo de cumplicidades. Num café do centro da cidade alguém nos aponta um que pacatamente de boné azul como jogador de golfe toma a bica ao balcão.

Por outro lado faz-se sentir a ausência de uma verdadeira Imprensa regional, com o «Mensageiro de Bragança» a sustentar-se de mediocridade e de um clero de sinal conservador que lentamente (é óbvio) vai perdendo influência. Tal Imprensa também não ajudará que Bragança se descubra como território legítimo de um País que cada vez mais terá de abandonar o monopólio dos centros de decisão em Lisboa, cidade agora de barcas velhas.

AUSÊNCIA DE INFRA-ESTRUTURAS

Bragança tem já uma regular carreira aérea. O campo de aviação tem pista razoável, reconhece o comandante do bimotor. Quanto ao resto é um descampado a nove quilómetros da cidade. Nem um abrigo sequer para os passageiros enquanto esperam, faça Sol, ou chova. Nem um rádio para comunicar com o pequeno avião. A Câmara Municipal já conseguiu que a TAP fosse até ao Nordeste; necessário é agora dar condições para que a carreira se mantenha. Necessário que sejam criadas as infra-estruturas consideradas mínimas. Por outro lado a eficácia da agência de viagens não será a desejável e a necessária. Os voos estão escassamente publicitados. Por seu turno, Mirandela começa a falar. E apresenta razões geográficas, mais central, mais capaz de servir todo o distrito.

Da viagem fica a nota da viabilidade, já talvez a médio prazo, de uma carreira que ligue Bragança a Lisboa. Neste momento, não deve ser economicamente rendável, nem as populações estão suficientemente motivadas para viajar de avião até Lisboa. Se «a priori» é um transporte de elite, «a posteriori» pode desencadear o interesse dos emigrantes que vindos de Paris ou da Alemanha já chegam ao Porto de avião.

Viagem em tudo diferente à que fiz há dois meses para a antestreia do filme «Trás-os-Montes». Se um sinal de civilização, um bimotor para alguns, é bem aceite pela maioria, já a memória de uma «sabedoria», o filme «Trás-os-Montes», continua a ser criticado em Bragança. Muita gente fala dele sem o ter visto, outra, de incomodada, insulta-o. Os ânimos, contudo, serenaram um pouco. Um grupo de brigantinos enviou uma carta ao «Mensageiro de Bragança» alertando-o para que cessem os ataques de que, indiscriminadamente, o filme tem sido alvo naquele órgão regional de informação.

Carreiras regulares da TAP ligam Lisboa a Bragança. Meio de comunicação «último grito» ele contrasta profundamente com as grandes deficiências de comunicação rodoviária, com o transporte mais antigo que se conhece: o homem carregando o fruto do seu trabalho

Do que fica do regresso a Lisboa, passada a fraqueza da memória face a uma geografia sentimental, é a distância entre Lisboa a capital e Bragança, pese ao bimotor por mais rápido e eficiente e sinal de civilização que seja, a distância que se mantém e, escondida algures em pequenas aldeias, uma cultura ancestral que tende a desaparecer. Da capital do Nordeste fica-nos como última nota impressiva o desabafo do velho cauteleiro: «Não há água nem há luz; isto tem sido uma miséria».

R.R.

Carta aberta ao bispo do Porto

Do Secretariado das Intercomissões de Montemor-o-Novo recebemos, com pedido de publicação, a seguinte carta aberta, dirigida a D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto:

«Reverência:

Nós, trabalhadores alentejanos de Montemor-o-Novo, representados pelo Secretariado da nossa Assembleia da Intercomissões de trabalhadores, moradores, sindicatos, cooperativas e unidades colectivas de produção, ao tomarmos conhecimento, através das colunas do «Diário de Lisboa» de 5 do corrente, de uma transcrição da sua homilia no pontifical comemorativo do 13.º aniversário da eleição e coroação do Papa Paulo VI, transcrição visando directamente a Reforma Agrária e a sua área geográfica, o Alentejo, entendemos fazer publicar nos órgãos da Imprensa, esta carta aberta, com o objectivo de esclarecer não só Vossa Reverência mas também as largas camadas do povo português que, através de campanhas orquestradas sabiamente por sectores comprometidos com a exploração, são incitados irracional e irresponsavelmente ao ódio (anticristão) para com concidadãos cujo único crime só poderá ser o do amor e solidariedade, como aquele que uniu os prosélitos das catacumbas, as vítimas dos massacres circenses e das repressões calculadas dos Neros e Calígulas.

Reverência:

— Que harmonia social é possível entre vendilhões do templo e os esfomeados?

— Que conciliação é possível entre os fariseus e a nova mensagem portadora de justiça, amor fraterno e solidariedade entre os humilhados?

— A linguagem de Vossa Reverência é semelhante à dos Neros e Calígulas que em nome da «paz social romana», e de polegar espetado, mandavam para os leões os esbulhados e oprimidos e os acusavam estrategicamente do incêndio de Roma.

— Os trabalhadores alentejanos não são selvagens, estão na vanguarda da civilização e do humanismo colectivista, e não esquecerão jamais a fome a que ps fariseus e publicanos deste País os condenaram durante centenas de anos.

— Os trabalhadores alentejanos não uivam como lobos, eles que foram durante centenas de anos cordeiros-presa dos lobos que hipocritamente enchiam as igrejas deste País num insulto desbragado a essa figura sublime de revolucionário que foi Jesus de Nazaré.

— Os trabalhadores alentejanos não têm caciques que os manejem e foram eles, e só eles, que arrancaram, livres e insubmissos, com a Reforma Agrária.

— Se Vossa Reverência o quiser, serão caciques de si mesmos.

— Os trabalhadores alentejanos, ao tomarem conhecimento das infelizes palavras de Vossa Reverência, recordam a justeza, ontem como hoje, do histórico desabafo de D. Frei Bartolomeu dos Mártires a propósito da necessidade de uma eminentíssima e reverendíssima «reformação» dos bispos.

Em suma:

— Vossa Reverência e os portugueses duvidosos acreditarão na Reforma Agrária quando reconhecerem (como a razão íntima de cada um de vós constantemente segreda) que ela é fruto da luta de classes.

— Entretanto nós, trabalhadores de Montemor-o-Novo, convidamos Vossa Reverência a deslocar-se à nossa terra para ver como é (como S. Tomé), na certeza de que, em presença da realidade, não resistirá a dar a sua ajuda episcopal, nem que seja colhendo uma loira e promissora espiga de trigo — espiga-hóstia do socialismo.»

ATENTADO DE ALVERCA

Reacção do P.C.P. contra a "escandalosa impunidade"

«Os atentados hoje verificados somam-se à longa lista de acções terroristas que têm ocorrido em Portugal, a coberto da mais escandalosa impunidade, ameaçando a democracia portuguesa e a tranquilidade dos portugueses» — denuncia o P. C. P. numa nota distribuída pela sua Secção de Informação e Propaganda a propósito das cargas explosivas ontem accionadas junto a postes de alta tensão, próximo da Central do Carregado zona de Alverca.).

«A terem surtido o efeito pretendido pelos seus autores — diz a nota — tais atentados atingiriam não apenas a situação democrática mas também a difícil situação económica do nosso país, já que agravariam de forma considerável as causas próximas que determinaram as recentes medidas de poupança de energia».

E a nota da SIP do P. C. P. prossegue denunciando ser tais especulações levantadas em torno do assunto:

«Da mesma forma que condena estes atentados e o terrorismo em geral, o P. C. P. não pode deixar de denunciar e condenar igualmente as especulações que a respeito dos atentados hoje verificados estão a ser feitas, nomeadamente pela Radiodifusão Portuguesa. A RDP, que nunca se ocupou em historiar e valorizar a resistência heróica do Povo Português contra o regime terrorista dos monopólios, vem agora procurar identificar actos de terrorismo contra a democracia portuguesa com acções revolucionárias verificada em situações históricas completamente diferentes. Desta forma, a RDP está afinal a encobrir a gravidade do terrorismo, procurando conotá-lo com acções de resistência e de luta contra o regime fascista e colonialista, a fazer em suma o jogo que mais interessa aos bombistas e seus cúmplices de todos os quadrantes da reacção.

O P. C. P. pronuncia-se uma vez mais pela necessidade urgente de dar firme, resoluto e decisivo combate aos instigadores e fautores do terrorismo, por forma a que o regime democrático que a Constituição consagra seja uma realidade e uma lei em todo o País. Os actos de terrorismo com que a reacção, derrotada noutros campos, procura impedir a institucionalização da democracia e desacreditar o regime democrático, não podem continuar a ser tolerados assim como não pode continuar a ser subestimada a ameaça que o terrorismo representa.

O P. C. P. volta a reclamar que sejam tomadas enérgicas medidas contra o terrorismo e seus apoios políticos e que o combate às actividades e organizações reaccionárias e fascistas não se fique por declarações de intenção.

Continuando a esperar de todas as forças democráticas a firme condenação do terrorismo e uma actuação consequente contra a reacção o P. C. P. apela para a serenidade e vigilância dos trabalhadores, por forma a desmascarar e denunciar os que por qualquer forma atentem contra a democracia portuguesa.»

Espectáculos

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Lola Montes" de Max Ophuls

FICHA:

Realização: Max Ophüls (França-Alemanha-1955)
Argumento: Max Ophüls, segundo romance de Cécil Saint-Laurent
Fotografia: (cinemascope, e eastmancolor): Christian Matras
Música: Georges Auric
Interpretação: Peter Ustinov, Martine Carol, Anton Walbrook, Ivan Desny, Will Qualdfiez, Oskar Werner, Henri Guisol, Lise Delamare, Hélèna Manson, etc.
Distribuição em Portugal: Animatógrafo
Cinema: S. Luiz
Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos

A falta de uma cinemateca que nos mostrasse e preenchesse os vácuos da memória no que respeita aos clássicos, iniciativas pontuais vão surgindo a colmatar a falha. É o caso desta **Lola Montes** de Max Ophüls que a mão de Cunha Telles e a chancela Animatógrafo exibem sob a organização da Direcção-Geral de Acção Cultural, no S. Luiz. Apenas um senão: tinham-nos prometido a versão integral e original e não cumpriram. O filme ora em exibição, ao que parece versão híbrida entre o filme de Ophüls e a mutilação que lhe fizeram os produtores, não é aquele que foi concebido pelo realizador. Motivos fortíssimos, insuperáveis (o produtor simplesmente não vende a versão de Ophüls).

A **Lola Montes** que ora vemos tem, porém, força bastante para nela se espraiar a nossa atenção.

Filme artificialista, pontado por um evidente acto de representar, **Lola Montes** guarda do cinema esse seu lado magnífico do **fazer-de-conta**, jogo lúdico antinaturalista, de quem sabe ser, na sociedade do espectáculo, o poder o supremo espectáculo. Dai este seu pendor encantado, este longo e eximio «ballet» de uma câmara em estado de graça. Dai a proliferação barroca de um cenário sumptuoso, um humor refinado espelhado em convenções de quase melodrama, um rei que é a exacta representação de uma aristocracia de romance de cordel, um Franz Liszt etéreo de lábios pintados, uma revolução de que só se vêem os sinais últimos, os vidros de um palácio sitiado, um tempo que se sabe em declínio fantástico e doente.

Dai este circo fabuloso, regido por um Peter Ustinov de opereta, rígido e cruel, este sobrepor de cortinas e panos de cena, este sentido do espectáculo dentro do espectáculo, do espectáculo, cobra comendo o rabo num jogo sem saída porque tudo é essa aparência de tintas e perfumes e estuques, azul e ouro de uma História que se sabe levàntada para cá do cenário limite último inultrapassável porque, para lá, é o vazio.

"O Santo Inquérito" da Seiva Trupe

O Teatro Vivo Seiva Trupe continua a apresentar a peça de Dias Gomes «O Santo Inquérito», no Teatro do Grupo dos Modestos, em representações diárias. Antes da partida para férias dos elementos que o compõem, o grupo ainda fará uma digressão para apresentar a peça em vários pontos do País.

Canal da Crítica

Crítico diário de televisão há mais de 12 anos, Mário Castrim tem direito, também ele, a uns breves dias de repouso. É o que vai fazer agora, na convicção de que deve armazenar energias, pois, no que respeita à televisão, noites bem difíceis o esperam.

«Canal da Crítica» regressará ao «Diário de Lisboa» no fim deste mês.

PUB

SINDICATO DA INDÚSTRIA METALÚRGICA DO DISTRITO DO PORTO

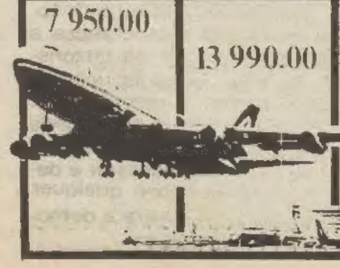
CONVOCATÓRIA

Convocam-se os Delegados Sindicais e Trabalhadores Fundidores, para uma reunião a realizar no dia 17 do corrente pelas 9.30 horas, no Salão do Círculo Católico e Operário do Porto, sito à Rua do Duque de Loulé, 202 — Porto e com a seguinte Ordem de Trabalhos:

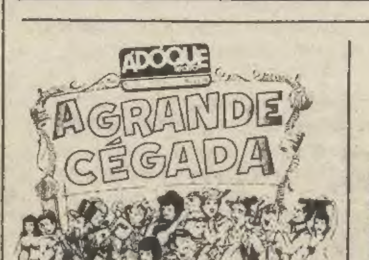
1 — ESCLARECIMENTO A DAR POR TÉCNICOS DO I.A.P.M.E.I.
2 — ESTUDO A FAZER À INDÚSTRIA METALÚRGICA
3 — MEDIDAS A TOMAR

A DIRECÇÃO

ATENAS	T SANTA	EGIPTO	M &L
7 950.00	13 990.00	14 500.00	16 270.00



ADOQUE
A GRANDE CÉGADA
UMA SENSACIONAL REVISTA PLURAL E SINGULAR!

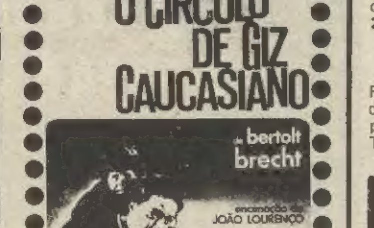


ÊXITO TOTAL!!!
Com:
ERMELINDA DUARTE
NICHOLSON
ANTÓNIO MONTEZ
HENRIQUE VIANA
MAGDA CARDOSO
MARIA TAVARES
FERN. DE OLIVEIRA

Um grande elenco faz um grande êxito!

Hoje às 20.30 e 22.30 h
(Não acons. a men. 18 a.)
4.ª FEIRA, descanso da Companhia

TEATRO ABERTO
P. de ESPANHA metro PALHAVÃ telef. 77 09 69
grupo 4 apresenta
O CIRCULO DE GIZ CAUCASIANO



Todas as noites às 21 e 15
Sábados e domingos às 15 e 30 e 21 e 15
Descanso à 2.ª feira

Hoje

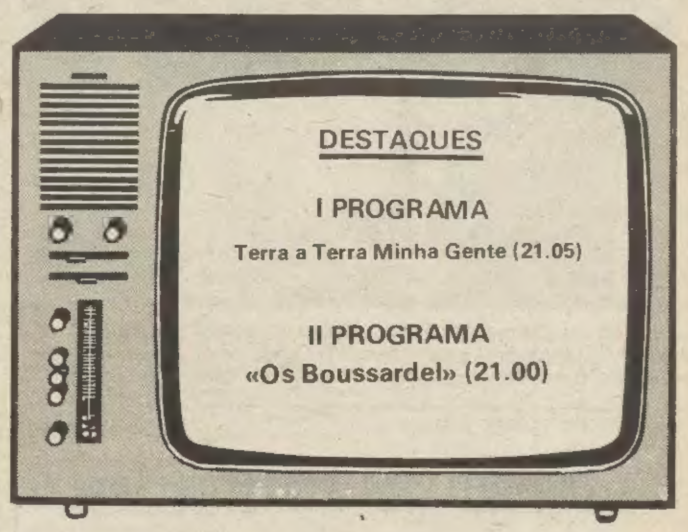
Concurso Terra a Terra Minha Gente — Portalegre

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **«Cavalo Terracota»** — série filmada.
19.25 Azulejaria Portuguesa II — um programa de Arca-Filme sobre as diversas correntes artísticas do século XVIII e a sua influência no Azulejo.
19.50 Momento Desportivo — o desporto em debate.
20.30 Telejornal — 1.ª edição.
21.05 Terra a Terra Minha Gente (concurso) — sessão dedicada ao distrito de Portalegre.
22.35 Cinema 76 — estratos do filme o «Jovem Torless» e entrevista com o realizador deste Schloendos. Um filme sobre o realizador François Trussault. Apresentação de Alfredo Tropa.
23.00 Telejornal — 2.ª edição que inclui o resumo filmado da etapa do dia da Volta à França em Bicicleta.
23.25 Fecho.

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **«Pipi das Meias Altas»** — série filmada.
20.25 Fronteiras do Amanhã.
20.40 Da Saúde e da Vida — Medicina Sanitária.
21.00 «Os Boussardel» — série filmada.
22.00 Telejornal.
22.35 Fecho.



Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **14.00**: Abertura e Telejornal (1.ª edição); **14.15**: Hoje Pode Ver. Cartaz dos programas da RTP; **14.25**: Retrospectiva. Revista dos acontecimentos desportivos da semana no País e no estrangeiro; **14.40**: Culinária. Gaspacho e Esparguete à Bolonhesa; **15.10**: Aconteceu, acontece...; **15.30**: «Jovens Rebeldes». Série de aventuras escrita por Harve Bennett e interpretada por Rick Ely, Los Gossett e Alex Henterloff; **16.15**: Fungagá da Bicharada. Os leões; **16.45**: O Palhaço Ferdinando; **17.10**: Disciplina no Desporto; **17.40**: Da Saúde e da Vida; **18.00**: Stop; **18.15**: Sinfonia Camoneana n.º 2 de Rui Coelho pela Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Portuguesa sob a direcção do maestro Álvaro Cassuto. Pianista Maria Littaner; **19.00**: «Gente do Amanhã». Série filmada; **19.30**: Telejornal (2.ª edição); **19.55**: Eurovisão. Jogos Olímpicos de Verão transmissão directa de Montreal-Canadá das cerimonias de abertura; **22.30**: Telejornal e **23.00**: Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **20.00**: Abertura e Música Antiga da Península Ibérica; **20.35**: Azulejaria Portuguesa II. Um programa de Arca-Filme sobre as diversas correntes artísticas do séc. XVIII e a sua influência no Azulejo; **21.00**: «Zaza». Um filme realizado por George Cukor com Claudette Colbert, Herbert Marshall e Bert Lahr; **22.40**: Telejornal e **23.10**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

FUTEBOL ENSARILHADO EM BUROCRACIA

Competência jogada sem efeito?

O Conselho Superior de Justiça, bastas vezes colocado à prova, está novamente face a um problema difícil: atender o duplo recurso do Conselho de Disciplina Federativo e, por anexo, documento semelhante firmado pelo Grupo Desportivo de Sesimbra. A quem toca, por tabela, neste caso: ao União de Leiria que, a ver resolvido em desfavor próprio o estranho imbróglio do já «célebre» Barreirense-Sesimbra, seria arredado da competência 2.ª/3.ª divisões, passando o seu lugar a ser desempenhado justamente pelo Sesimbra.

Quer dizer: no fim da temporada, é demasiado provável que a famigerada competência secundária dê a alma ao Criador e seja trocada por outros artistas de diferentes emblemas...

BELENENSES

O Belenenses actuou ontem, na Suécia, perante o Trollohattan, sendo batido por 4-5. Pelos portugueses alinharam: Melo; Sambinha, Esmoriz, Freitas e Cardoso; Pincho, Isidro e Pietra; Alfredo, Artur Jorge (José Rocha) e Godinho. Golos belenenses por Isidro, Pietra, Godinho e Alfredo.

BENFICA

O Benfica pretende contratar uma «truta» em realce na temporada prestes a concluír-se: fala-se no belenenses Pietra ou em Rui Lopes (que, por coincidência, os **encarnados** em tempos tinham dispensado para o Vitória de Guimarães...).

BOAVISTA

Jeremias e Caio estão na agenda do Boavista: os dois brasileiros podem já hoje rubricar os respectivos contratos com o clube do Bessa.

Ainda outro reforço para o Bessa: o guarda-redes Barbosa, que alinhou pelo Atlético, já se encontra a treinar sob as ordens de Mário Wilson.

CUF

Juvenal deixa o Desportivo da CUF. Segundo as melhores hipóteses, vai fixar-se no Portimonense.

DINIS

O extremo angolano Dinis, que tinha concluído este ano um contrato com o F. C. do Porto, decidiu radicar-se no seu país natal, embora os portuenses não desistam de ainda conseguir o seu concurso por mais uma época.

LEIXÕES

Barrigana, guarda-redes do Boavista (e sobrinho do antigo «internacional» Frederico Barrigana) transferiu-se para o Leixões.

MONTIJO

O técnico Caraballo foi dispensado pelo Montijo, que já o substituiu por Janos Zorgo.

PAREDES

O brasileiro Jorge Gonçalves, que esteve no Vitória de Guimarães, mudou-se para o Paredes, que igualmente recebe a participação de Bacanhim e Nivaldo.

PORTO

O Lar do Jogador do F. C. do Porto foi extinto. Motivo invocado: ser um (pequeno) centro de má língua...

SETÚBAL

Jacinto João (que esteve ao servico da Portuguesa, de S. Paulo vai regressar ao Vitória de Setúbal de onde, em contrapartida, abandona as hostes o «internacional» José Maria, que vai para o Canadá trabalhar ao lado do irmão (Conceição).

SIMÕES

António Simões, o segundo futebolista mundial a ser eleito deputado pelo seu país (o primeiro foi o húngaro Josef Bozsik, que alinhou no Honved) está já em Lisboa, concluída a temporada de trabalho em terras norte-americanas. O ex-«capitão» do Benfica tem agora, na Legislativa, lugar na bancada do C. D. S.

O Vitória de Guimarães (aqui, alguns dos seus jogadores, na Portela de Sacavém) partiu para a Bélgica, onde amanhã actua perante o Ostende, em jogo a contar para o Torneio Intertoto

PERDEMOS A PRIMEIRA BATALHA

Numa operação militar bem sucedida, os Serviços de Apoio ao Conselho da Revolução, agindo com rapidez, surpreendeu o «Diário de Lisboa», com quilos a mais e craques a menos. O «porta-voz» Sousa e Castro fez dois e Marques Júnior fez um. O outro conselheiro que jogou Costa Neves, guarda redes, levou um susto quando conseguimos mandar uma bola à trave. Mas os 3-0 terão resposta adequada quando algumas das nossas «armas secretas» voltarem das férias. Aí, a marcha será outra

"TOUR"

Thévenet não chegou a Paris

Nota sensacional no «Tour»: a desistência aos 145 quilómetros, de Bernard Thevenet, o vencedor da eleição de 1975. Para além disso, a etapa de ontem disputada entre Saint-Foy-LaGrande e Tulle foi ganha pelo jovem francês Hubert Mathis e pouco mais tem para contar. Tendo lançado a sua ofensiva a 68 quilómetros de Tulle e depois de ter resistido a uma violenta reacção do pelotão. Mathis aproveitou o abrandamento deste, chegando a ter 11 minutos de avanço sobre os seus imediatos perseguidores. Ao cortar a meta, essa vantagem era menos substancial, cifrando-se, mesmo assim, em sete minutos. Mathis alcançou assim a sua primeira vitória de corredor profissional.

Nesta etapa em que o calor apertou, Van Impe, mostrou-se muito vigilante.

O «sprint» do «ponto quente» de Bergerac (24 quilómetros), permitiu a Mintkiewicz, que se adiantou a José Martins e ao francês Genet, consolidar a sua posição na respectiva classificação e mais adiante no cume de Belves (77 quilómetros), Bellini ganhou a contagem, somando mais três pontos ao seu activo no Prémio da Montanha.

Bernard Thevenet, desistiu devido a hepatite virosa.

A classificação final da etapa foi a seguinte: 1.º, Hubert Mathis (Fr.), 6 h. 46 m. (média — 32,430 kms / H); 2.º, Paolini (It.), 6 h. 53 s.; 3.º, Vianen (Hol); 4.º, Passuelo (It.); 5.º, Giuliani IT); 6.º, Menendez (Esp.); 7.º Martos (Esp.); 8.º, Genet (Fr.); 9.º, Torres (Esp.); 10.º, Martin (Fr.), todos com o mesmo tempo de Paolini; 54.º, José Martins, 6 h. 54 m. 24 s..

Após esta 19.ª etapa, a tabela ficou assim:

1.º, Van Impe (Belg), 103 h. 06 m. 20 s.; 2.º, Zoetemelk (Hold), a 4 m. 33 s.; 3.º, Deslisle (Fr.) a 11.25; 4.º, Poulidor (Fr.), a 11.55; 5.º, Riccomi (It.), a 11.57; 6.º, Pollentier (Belg), a 13.03; 7.º, Maertens (Belg), a 13.28; 8.º, Galdos (Esp.), a 14.20; 9.º, Bertoglio (It.), a 14.24; 10.º, Pesarrodona (Esp.), a 15.46; 11.º, Lopez Carril (Esp.), a 17.41; 12.º, Panizza (It.), a 17.49; 13.º, Martins a 18.07; 14.º, Ocaña (Esp.), a 19.56; 15.º, Bellini (It.), a 22.23.

Por pontos: 1.º, Maertens 250 pontos; 2.º, Esclassan 113; 3.º, Gavazzi, 110; 4.º, Paolini, 104; 5.º, «ex aequo», Pollentier e Karstens, 84 pontos.

Montanha: 1.º, Bellini, 159 pontos; 2.º, Van Impe; 153; 3.º, Zoetemelk, 97; 4.º, Galdos, 71; 5.º, Poulidor, 67; 11.ºs, «ex aequo», Betoglio e Martins, 44.

PORTUGAL

ATLETISMO

Portugal-Itália, em Atletismo, este fim-de-semana, no Jamor. Escusado recordar que a ausência dos seis melhores valores da nossa representação (actualmente em Montreal) desequilibra imediatamente o cotejo, ainda que os italianos convocados para o passeio tenham a idade máxima de 23 anos...

BASQUETEBOL

Nova «finalissima» para atribuição do título nacional de basquetebol: 4.ª, feira, no pavilhão de Embra (Marinha Grande).

CASA PIA

Hoje (20 e 30) assembleia geral dos associados do Casa Pia, para eleição dos futuros corpos gerentes.

HÓQUEI EM PATINS

Quarta jornada do campeonato nacional de juniores, em hóquei patinado: Cascais,3-Sporting,2 e Porto,2-Sanjoanense,0. Tabela pontual: Porto,10; Cascais,9;, Sanjoanense,8 e Sporting,5.

LÁ FORA

BRASIL

O Botafogo mantem-se líder do campeonato fluminense (Rio de Janeiro) de futebol, ao empatar (a zero bolas) com o Volta Redonda, em jogo da 6.ª jornada do segundo turno do certame.

XADREZ

As Olimpíadas de xadrez realizam-se em Israel, de 24 de Outubro a 11 de Novembro, confirmou a Federação Internacional de Xadrez (FIDE).

O presidente da Federação (Max Euwe) enviou uma carta ao presidente da zona árabe de xadrez (Kadhi Belkadi) confirmando-lhe a validade da decisão tomada para o efeito no Congresso extraordinário reunido em Bergen (Holanda) em Março passado, de que se celebrassem em Israel as Olimpíadas (masculinas e femininas) assim como o congresso da fide correspondente a 1976.

Na mesma carta faz-se constar que a participação às **contra-Olimpíadas** organizadas pela Líbia, **seria uma violação flagrante dos estatutos da FIDE.**

Recorda-se a propósito que a URSS (que possui actualmente o título olímpico) e depois, sucessivamente, Brasil, Hungria e Bulgária deram a conhecer oficialmente a sua decisão de não participar nas Olimpíadas de xadrez, convocadas em Israel.

ESPANHA

O Real Madrid, campeão da Liga Espanhola, conseguiu a transferência do «internacional» dinamarquês Henning Jensen, o ponta-de-lança do «Borussia Moenchengladbach», campeão da República Federal alemã, por uma verba de 40 milhões de pesetas (mais de 20 000 contos).

Jensen (26 anos) que jogou perante o Real Madrid quando o clube espanhol venceu o Borussia, nos quartos de final da «Taça dos Campeões Europeus» da época passada, substituirá Gunther Netzer, outro antigo jogador do «Borussia» dispensado pelo clube madrileno, no mês passado.

A COMERCIANTES E PARTICULARES

IMPORTANTE

LEILÃO

DE MOBILIÁRIO, ADORNOS, QUADROS, PRATAS, ANTIGUIDADES, OBJECTOS D'ARTE, PORCELANAS, CRISTAIS, UTILIDADES, ETC., ETC.

Por ordem do Ex.mo Locatário que retira, venderemos pela maior oferta, os restantes lotes que guarnecem ainda as 12 divisões da

RUA CASTILHO, 64, 4.º, Dt.º (tem elevador)

HOJE, DAS 21 ÀS 24 HS.

CONFORME ANÚNCIO DESCRIMINATIVO DE ONTEM NESTE JORNAL

SOC. DE LEILÕES AV. DUQUE DE LOULÉ, Nº 1 Telfs. P.P.C. (8 Linhas) 532929 · 51478 · 47018/9 AFRAFILHOS, Lda

SÃO LUIZ 2.ª SEMANA

HOJE — Às 18.30 h. — «MADAME DE...»
Um filme de MAX OPHULS
(Entradas livres)

HOJE, APÓS A SESSÃO DAS 21.30 H., HAVERÁ UM COLÓQUIO ORIENTADO PELO DR. JOÃO BÉNARD DA COSTA

Desporto

AMANHÃ: TIRO DE PARTIDA

Formosa alinha, Leonard desiste

O primeiro-ministro canadiano, Pierre Trudeau, anunciou que, os atletas da Formosa podem usar a sua bandeira e o seu hino nos Jogos Olímpicos de Montreal, desde que concordem em não utilizar a designação de «República da China.

«Podem ostentar a bandeira que quiserem e tocarem o hino que quiserem, desde que não se intitulem representantes da China» — **declarou Trudeau à Imprensa, ao entrar para uma reunião do Governo.**

Trudeau considerou a proposta como a oferta final do seu Governo para resolução da disputa relativa à Formosa, que tem ameaçado fazer naufragar os Jogos.

IMPASSE?

A Formosa rejeitou a proposta do governo canadiano que a autorizava a participar nos Jogos Olímpicos com a sua bandeira, o seu hino nacional, mas com o nome de Formosa e não de República da China, soube-se de fonte segura no CIO.

Sendo assim a Formosa exclui-se a si própria dos Jogos Olímpicos — declarou um membro importante do CIO.

Douglas Roby (membro americano do CIO) tinha dito que as propostas canadianas eram aceitáveis. Frisou que continuava a haver uma possibilidade dos Estados Undiso se retirarem por causa da Fomosa.

Porém dada a situação **posso afirmar que é muito pouco provável que tal aconteça. Afirmou.**

RENÚNCIA

Entretanto, uma baixa: o «sprinter» cubano Silvio Leonard, pretendente a uma medalha olímpica na prova de atletismo de 100 metros, não participará nos Jogos. Leonard sofreu um acidente na sua habitação da Aldeia Olímpica, tendo fracturado a clavícula e sendo ontem de manhã submetido a uma intervenção cirúrgica.

O atleta cubano acabava de demonstrar a sua perfeita forma, depois de longa retirada causada por uma distensão muscular sofrida nos Jogos Pan-Americanos, ao correr por duas vezes, na semana transacta, os 100 metros em 10 segundos.

NEGÓCIO

Julian Roosevelt, um dos dois membros americanos do C. I. O., declarou que as Televisões americanas denunciariam o seu contrato com a Comissão Organizadora dos J. O. se os atletas americanos se retirassem. «Isto significaria» (precisou) «24 milhões de dólares a menos nas caixas da C. O. J. O.»

HÁ TV

Foi hoje alcançado, em princípio um acordo na disputa laboral que ameaçara suspender a transmissão televisiva para todo o mundo das Olimpíadas: o acordo foi anunciado pelo Sindicato Canadiano das Telecomunicações para o estrangeiro, cujos membros são responsáveis pela transmissão directa pela Televisão dos Jogos para todo o Mundo, excepto os Estados Unidos. A cobertura televisiva nos Estados Unidos não fora ameaçada.

CANCELAMENTO

As meias finais das competições femininas de remo dos Jogos, marcadas para o dia 22, foram canceladas, porque apenas metade do número de equipas inscritas enviou representantes.

O custo do transporte das embarcações constitui uma das razões pela qual alguns países não participam nas provas. Todavia, os remadores constituem a terceira maior categoria de atletas presentes nas Olimpíadas, com 704 pessoas (459 homens e 245 senhoras).

AMEAÇA

Dezasseis países africanos ameaçaram ontem, à noite, retirarem-se dos Jogos Olímpicos, a não ser que o Comité Olímpico Internacional proíba a Nova Zelândia de participar nas Olimpíadas. A ameaça estava contida numa carta enviada ao presidente do C. O. I. («Lord» Killanin) após uma conferência entre delegados das nações africanas representantes em Montreal, que durou até altas horas da noite.

A carta prosseguia: «Se o C. O. I. não atende este apelo humanitário os respectivos Comités Olímpicos Nacionais de África reservam-se o direito de reconsiderar a sua participação nas Olimpíadas.» A carta estava assinada por representantes do Chad, Gana, Quénia, Alto Volta, Costa do Marfim, Nigéria, Togo, Mali, Camarões, Marrocos, Senegal, Níger, Zâmbia, República do Congo, Etiópia e Uganda.

A Tanzânia, Maurícias e o Senegal anunciaram antes que não participariam nos Jogos Olímpicos por causa da presença da equipa da Nova Zelândia.

PRESENÇA

O número definitivo de atletas que participará nos Jogos Olímpicos é de 7309. As provas de atletismo reúnem o maior contingente, com 1369 atletas (975 homens e 394 mulheres) seguidas das de natação (com 716 atletas: 459 homens e 257 mulheres).

CHAMA

A chama olímpica, símbolo da paz e fraternidade, chegou ontem a Otava, transmitida por «Raio Laser», enquanto o início das 21.ªs Olimpíadas continua prejudicado por alterações políticas.

Todavia o advento da chama, transportada de Atenas por meio de impulsos transmitidos por satélite, constituiu espectáculo emotivo para as 2000 pessoas reunidas nos jardins do complexo do Parlamento.

Houve aclamações e lágrimas quando o primeiro-ministro, Pierre Trudeau, ergueu no ar a primeira tocha e 12 corredores (em representação das 10 províncias e dois territórios canadianos) iniciaram a marcha de dois dias, rumo a Montreal.

Virtualmente, não houve medidas de segurança durante a cerimónia de uma hora. Crianças descalças e adolescentes em «shorts» subiram livremente ao «podium» oficial, enquanto um único helicóptero do Exército sobrevoava o local.

Membros do corpo diplomático chegaram em mangas de camisa e o primeiro-ministro deu o tom de descontração quando informou os convidados de honra durante o seu discurso «é melhor sentarem-se».

A multidão presenciou pela Televisão, em directo, a chegada da chama ao Estádio de Atenas. Uma fracção de segundos mais tarde a chama foi enviada para um sensor na capital grega e ganhou vida numa urna de metal, quando foi transmitida electronicamente.

CONCORRENTE

Mais um concorrente para Lopes: o etíope Merus Yifter fez ontem, num treino, os 5000 metros no segundo tempo mais rápido deste ano: 13.24,0 minutos — onze segundos mais do que o recorde mundial.

Yifter fez a prova numa pista fora do principal estádio olímpico, onde o «sprinter» norte-americano Dwayne Evans conseguiu também um tempo de valor nos 200 metros: 20,6 segundos.

«RECORDS»

Por aí fora, entretanto, continuam a tombar os máximos mundiais. Em foco, neste aspecto, atletas da Europa Oriental: o russo Barishnikov lança o peso a 22 metros de distância, Ruth Fuchs (RDA) arremessou o dardo a 69,12 metros, uma checa (Helena Fibingerova) chegou com o peso a 21,62 metros. E, em matéria de «records» nacionais, o soviético Vladimir Trofemenko ultrapassou 5,57 metros no salto com vara.

«AMADORISMO»

Os jogadores de futebol guatemaltecos exigiram dinheiro para participar nas Olimpíadas de Montreal.

Numa reunião com a comissão organizadora da participação olímpica guatemalteca, os jogadores exigiram **ajudas de custo** idênticas aos dirigentes da delegação olímpica do país. **Se não houver uma quantia** (fixada por eles) **para cada um e a entregar antes da viagem não participaremos** — declararam os futebolistas.

CRÍTICA

Israel criticou indirectamente o Canadá por aplicar condições políticas à participação da Formosa, nas Olimpíadas de Montreal. Aharon Yadlin, Ministro da Educação e Cultura e responsável pelo programa dos desportos israelitas, afirmou que **as considerações políticas inseridas no desporto são um perigo ruinoso** e acrescentou: **devem ser feitos todos os esforços para unir todas as nações do Mundo, sem discriminação por serem diferentes os tipos de Governo.**

OPINIÃO

O senador Barry Goldwater exortou o Comité Olímpico Norte-Americano a retirar o seu apoio aos Jogos. O republicano do Arizona, comentou: **o Governo do Canadá perdeu muito prestigio e muitos amigos nos Estados Unidos e em todo o Mundo com a sua estúpida atitude e os seus transparentes esforços a favor da China comunista.**

MODERNISMO

Desta vez, se um «sprinter» olímpico arrancar no instante em que o tiro é disparado, o juiz de partida fá-lo-á voltar para trás e o atleta terá motivo para amaldiçoar a nova tecnologia.

O comité organizador dos Jogos vai apresentar tacos de partida equipados com membranas pneumáticas, que registam o momento em que o atleta dá o impulso para o seu «sprint».

Afirma-se que este sistema (uma das várias inovações tecnológicas reveladas pelo comité), reage numa fracção mínima de tempo de um décimo de segundo.

ANEDOTAS

A estação do «Metro» da Aldeia Olímpica chama-se «Assunção» e está a 85 degraus da superfície, mas como as escadas rolantes se avariam frequentemente, a subida é amiude um treino suplementar para os atletas.

A venda de chapéus de chuva com os símbolos olímpicos está a correr muito bem especialmente quando o mau tempo persiste na cidade de Montreal e a prudência manda andar de guarda-chuva na mão. De um modo geral, tudo o que se relaciona com os Jogos Olímpicos está a ter boa saída.

O australiano Bill Roycfroft (que conta 60 anos e cinco participações nos Jogos Olímpicos) é sem dúvida alguma, o concorrente mais velho destas olimpíadas. Acontece que nelas participam também dois dos seus filhos: Wayne (de 30 anos) e Barry (de 32) fazendo todos eles parte da equipa australiana de equitação.

Dois fotógrafos que queriam tirar a mesma fotografia na Aldeia Olímpica **chegaram a vias de factos** obrigando a Polícia a intervir. Um deles ficou com um profundo golpe na cara: a Polícia está em todos os lados vigiando tudo e todos...

Um atleta árabe que chegou à Aldeia Olímpica com uma mala cheia de maços de notas de mil dólares, admirando uma das quatro meias-pirâmedes que servem de alojamento aos desportistas, perguntou com a maior seriedade do mundo a uma funcionária. «Quanto custa?» Com muitos atletas como este, as Olimpíadas não teriam problemas económicos.

O temp chuvoso dos últimos dias tem prejudicado os treinos de várias equipas concorrentes aos Jogos. Algumas improvisaram meios para não ficarem de todo paradas.

A de tiro ao arco dos Estados Unidos (por exemplo) fabricou com as tábuas de um caixote um alvo, instalado num dos seus alojamentos d da Aldeia Olímpica.

Os atletas da colômbia fazem corridas nos corredores da Aldeia, não só por causa da chuva mas também do frio a que não estavam habituados.

A equipa paquistanesa de hóquei em campo tem insistido em treinar ao ar livre, mas com o campo ensopado não conseguem grande coisa.

Os concorrentes que parecem menos preocupados com o estado do tempo sao os neozelandezes: **Nós vimos de um país muito duro. Podemos treinar em quaiquer condições à chuva à neve ao frio, tudo** — disse um dos técnicos desta equipa.

Oleg Blokhine: o «craque» máximo da turma futebolística do Dinamo de Kiev, apresenta-se na formação soviética amadora que vai competir nos Jogos Olímpicos. Blokhine («Futebolista do ano» em 1975) está nesta imagem, à direita, entre troféus, fotos evocatias de uma bela carreira e familiares contemplativos

OLIMPÍADAS TEM "GUIA-TV"

Especialmente dedicado aos telespectadores portugueses que acompanham as Olimpíadas de Montreal através das transmissões da RTP, acaba de ser lançado o «Guia TV dos Jogos Olímpicos, um pequeno livro de 160 páginas (com capa a cores) contendo as respostas que a maioria dos apaixonados pelo Desporto poderá necessitar, para «assistir», nos pequenos vídeos, a um dos maiores acontecimentos desportivos da nossa época.

Com direcção de edição de Avelãs Coelho («Diário de Notícias») supervisão técnica de Neves de Sousa («Diário de Lisboa»), e textos destes dois jornalistas e de Rodrigues Costa (Rádio Clube de Sá da Bandeira) e colaboração especial de José Galvão (Telejornal Desportivo) este «Guia» contém numerosas rubricas cujo enunciado genérico é, só por si, o melhor cartaz para motivação e interesse que, certamente, vai disfrutar junto do grande público: programa geral dos J.O. (com todas as horas de todas as provas); programa das transmissões da RTP; as regras, símbolos e cerimonial principais das Olimpíadas; as regras, locais de disputa, forma de participação, termos usuais e origens das modalidades olímpicas; os vencedores de todos os tempos, bem como todos os recordes e possíveis favoritos; história dos Jogos Olímpicos até 1976; historial da presença portuguesa (tudo sobre a selecção olímpica deste ano, através da biografia dos nossos 20 representantes e os seus «palmarés» Mais: em quadros especialmente concebidos para o efeito, os leitores poderão ir anotando as proezas dos «medalhas» do Candá, à medida que eles forem conquistando o seu jus à glória.

O «Guia» é distribuído em todo o País pela VASP, sendo o seu preço apesar do apuro gráfico (interior a duas cores) verdadeiramente popular (50$00). O «Guia TV dos Jogos Olímpicos» é um lançamento da novíssima editora «Edicria».

Geral

"Os meses quentes da ofensiva da direita"

Num artigo recentement4 publicado nas páginas centrais do nosso jornal, «Os Meses Quentes da Ofesniva da Direita», o subtítulo «O Atentato às Instalações do SAAL/Norte» indicava, por lapso, a arquitecta Maria Margarida Santos Coelho como a autora do depoimento ali transcrito. Desculpas são-lhe devidas, e bem assim aos leitores.

Feira do Artesanato abriu em Cascais

Em Cascais houve ontem a inauguração conjunta do II Festival de Muśsica da Costa do Sol, e da Feira do Artesanato, realizações da Comissão Administrativa da Junta de Turismo da Costa do Sol. Trata-se de iniciativas às quais foi conferido um cunho de autenticidade que não tinham no passado atendendo a que se destinam a uma zona turística de características muito especiais.

No decorrer do beberete oferecido para assinalar a inauguração e que teve a presença do subsecretário de Estado do Turismo, dr. Luis Filipe Madeira, usou da palavra Vasconcelos de Abreu, presidente da Comissão Administrativa da Comissão de Turismo, que assinalou que a Feira se caracteriza por, em seu entender «uma manifestação mais autêntica do artesanato (pridução individualizada) que, em face da sociedade de consumo e criação em série alia a produção artistica às verdadeiras raizes culturais do nosso povo».

«Manifestação hoje das áreas rurais e urbanas — acrescentou — prova o desenvolvimento das potencialidades criativas do nosso povo, que tanto serve para a produção do artista autóctone como para o deleite do turista que nos visita».

Revelou depois que tentaram este ano oPAPANHAR a maior parte do País, e daí que o número de expositores tivesse aumentado, tendo atraído os próprios artesãos. A Feira foi ambém alargada como centro de apoio à exportação de produtos vitais da nossa economia, como o vinho do Porto, conservas e vinho verde.

«Esta Feira disse mais adiante Vasconcelos de Abreu para além do centro de animação popular, vai também ser centro de animação cultural, tendo em vista a possibilidade de projecção das sociedades recreativas locais e do folclore desta zona e de outras. Além disso, procura contribuir para a ajuda e desenvolvimento das colectividades da região, designadamente bombeiros, ao atribuir-lhes um dia de receita da Feira:.»

Aproveitou também a oportuniade para anunciar o Festival de Muśsica da Costa do Sol, patrocinado pela Junta. até Setembro vão realizar-se uma série de concertos, que, pela qualidade dos músicos convidados procurará ultrapassar as fronteiras do País.

No entender dos responsáveis da Junta de Turismo, a região tem de ser conhecida «até pela qualidade da animação que nela existe».

rádio

1.º PROGRAMA

15.00: Noticiário — Porto 76; **16.00**: Música na tarde; **18.00**: Resumo do programa — Música portuguesa; **19.00**: «A agricultura que nós temos»; **19.45**: Música variada; **20.00**: «Jornal da noite»; **20.30**: Conjuntos instrumentais; **21.00**: Contraponto; **23.30**: Desporto no mundo; **00.00**: «Último jornal» — As olimpíadas através dos tempos; **00.30**: Jazz; **01.00**: Música na noite.

2.º PROGRAMA

16.15: Conjuntos de câmara — Sonata imperial, de François Couperin — Sonata para violino e piano, de Franck; **17.00**: Música coral-sinfónica — Missa de requiem, de Verdi; **18.40**Solos de cravo — Partida em si menor, bwv 831, de Bach; **19.15**: Música do século XX — Música para fita magnética e oboé, de Dobrowolski — Y entonces compendio, de Luigi Nono; **20.00**: Música de bailado — alegria pariseense, de Offenbach — Petrushka, de Stravinsky; **21.10**: Música de tecla — FANTASIAEMFÁSUSTENIDOMENOR;[illegible] Mendelssohn — Sonata n.º 1 em fá sustenido menor, de Schumann; **22.00**: Concerto «Adimus» pelos «Segreis de Lisboa»; **22.30**: Trio em ré maior, op. 70 n.º 1, de Beethoven; **23.00**: Intercâmbio musical, em gravações cedidas pela Rádio Sul da Alemanha. 1.ª PARTE — Variações para orquestra (1975), de Aribert Reimann — «Exsultate jubilate» — moteto para soprano e orquestra, k. 165, de Mozart. Intervalo: Solos de piano — «Gaspard de la Nuit», de Ravel. 2.ª Parte — Sinfonia n.º 4 em sol maior, com solo de soprano no 4.º andamento, de Mahler; **01.00**: Fecho.

3.º PROGRAMA-Nacional e Regional (294 m)

16.00: «Variante»; **16.15**: Casos ao acaso; **17.10**: Vamos ao médico; **17.30**: Teatro em Variante; **18.00**: Contacto; **21.00**: Música para meditar; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.05**: A música e as vozes.

3.º PROGRAMA-Local (187.5 m)

18.00: Entardecer — De vez em quando; **19.30**: Romance duma cidade; **20.00**: Cartas a ninguém; **21.00**: Fecho

4.º PROGRAMA

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditorio; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

RADIO RENASCENÇA

16.00: Noticiário; **16.05**: Sequência da tarde; **18.00**: Trechos seleccionados; **18.15**: Palavra do dia; **18.30**: Transmissão do Terço; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos da Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **21.05**: Programa da Liga dos Amigos da Rádio Renascença; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas Vivos; **23.05**: Trifónico; **23.30**: Dicionário de Economia; **02.00**: Encerramento da Estação.

Repatriamento de angolanos começa imediatamente

Coordenado por uma comissão luso-angolana, vai iniciar-se dentro de alguns dias o recenseamento dos angolanos que se encontram actualmente em Portugal. Definem-se por angolanos todos os indivíduos naturais de Angola, que, neste caso, não tenham optado pela nacionalidade portuguesa.

A operação de recenseamento constitui a primeira fase do plano de repatriamento voluntário dos angolanos que se encontram em Portugal.

O fretamento de meios aéreos e navais indispensáveis ao repatriamento, será feito em função dos resultados do levantamento a que agora se vai proceder.

As conversações que reuniram em Lisboa delegações de Portugal e de Angola, esta chefiada por Paulo Jorge, terminaram ontem.

As informações sobre as conversações são escassas tal como sobre o recenseamento que se vai seguir. Em todo o lado se tem encontrado ordem de discrição absoluta sobre o assunto e o mais renitente silêncio sobre os passos dados pela delegação chefiada por Paulo Jorge, funcionário superior do Ministério dos Assuntos Exteriores da R.P.A. No entanto, pode acrescentar-se que o recenseamento terá por base e ponto de partida as listas de cidadãos angolanos, alguns mesmo filiados no M.P.L.A., existentes no Órgão Coordenador para a Europa e na Associação Portugal-Angola.

Muitos destes angolanos aguardavam apenas a abertura de operação de repatriamento que esteve dependente de questões internas da R.P.A. nomeadamente de financiamentos pois a operação, julga-se, poderá abranger até umas 60 mil pessoas.

NETO EM CUBA

HAVANA, 16 (R.) — O presidente Agostinho Neto, de Angola, visita Cuba ainda este mês para agradecer ao povo cubano a sua assistência militar e técnica durante a guerra civil na antiga colónia portuguesa, anunciaram circulos informados.

A visita do «líder» angolano ainda não foi oficialmente confirmada mas espera-se que seja convidado de honra do Primeiro-Ministro Fidel Castro nas celebrações do Dia Nacional, no próximo dia 26, em Pinar del Rio, 175 quilómetros a Ocidente de Havana.

Os dois «líderes» reuniram-se em Março em Conakry, capital da Guiné, onde exigiram a retirada de tropas sul-africanas do Sul de Angola.

Funcionários cubanos afirmaram que uma média de 200 soldados cubanos está a abandonar diariamente. Está agora a ser dado ênfase à assistência civil, como médicos e peritos agrícolas e industriais.

CAMINHO-DE-FERRO DE BENGUELA

Luanda, 16 (F.P.) — Iniciaram-se ontem as obras de reconstrução da ponte sobre o rio «Luau», a 12 quilómetros de «Teixeira de Sousa» na fronteira com o Zaire, para a reabertura ao tráfego internacional do Cominho-de-Ferro de Benguela (CFB) segundo declarou Manuel Pacavira, director-geral dos Portos e Caminhos-de-Ferro de Angola.

Nas suas declarações ao jornal «Diário de Luanda» Manuel Pacavira relata as conversações entre as autoridades dos dois países, levadas a cabo, primeiro em Kinshassa, depois na zona fronteiriça, tendo os zairenses concordado em garantir toda a colaboração contra a infiltração de inimigos no território angolano, por aquela via.

As obras de reparação da ponte sobre o rio «Luau» Decorrerão sob a protecção conjunta de forças militares dos dois países não tendo indicado qual o tempo previsto para a sua conclusão.

Actualmente a circulação no Caminho-de-Ferro de Benguela, faz-se diária e normalmente, com comboios de carga e passageiros, entre o Lobito e a cidade do Bié, (ex-Silva Porto) e segundo as necessidades a partir do Bié

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continenta muito nublado, o vento era fraco e chuviscava a Norte do Rio Tejo.

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA

Máxima 33,6º

MONTALEGRE

Mínima 9,5º

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado em especial a Norte do Tejo; vento fraco; chuvisco no Litoral, melhoria das rtir da madrugada com céu pouco nublado e vento fraco de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

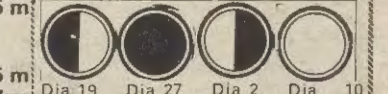
PORTO	20º
COIMBRA	18º
PORTALEGRE	19º
LISBOA	21º
FARO	26º
FUNCHAL	24º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.20	3,6 m	0.31	1,1 m
19.35	3.8 m	12.42	1,3 m
DIA 17			
8.02	3,5 m	1.14	1,3 m
20.18	3,6 m	13.27	1,5 m
DIA 18			
8.49	3,3 m	2.01	1,5 m
21.08	3,4 m	14.20	1,7 m

AMANHÃ

NASCER AS 6.25
OCASO AS 21.00


Dia 19 Dia 27 Dia 2 Dia 10

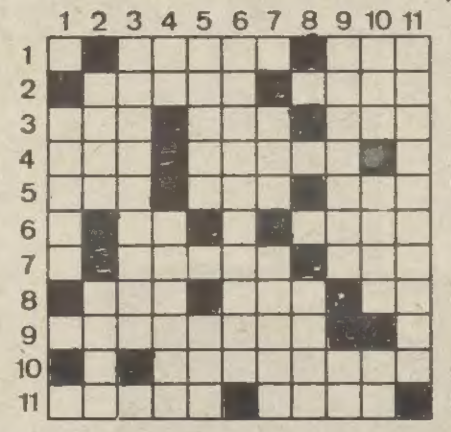
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11 419

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Antiquado. Ébrio (Gir. Bras).
2 Mamífero roedor. Ninho (inv).
3 Bigorna de ourives. Procedi. Página.
4 Vã. Zeloso.
5 Medida agrária inglesa. Preposição e artigo definido (pl). Rio de França.
6 Antes de Cristo. Fendi.
7 Amofinou. Em as (inv).
8 Unidade monetária do Japão. Grande. Interjeição que exprime admiração.
9 Avocavas.
10 Esboçar.
11 Taças. Pegas.



VERTICAIS:

1 Compensação. Artigo definido.
2 Torno. Pronome demonstrativo.
3 Freguesia do concelho de Baião.
4 Preposição. Nome de vários reis da Dinamarca, da Inglaterra e da Suécia.
5 Invólucro de palha em que se metem os objectos frágeis para que se não partam durante os transportes. Abreviatura da palavra inglesa mistress.
6 Tratado da vida dos santos.
7 Uma das Cíclades. Vinho de cachos da palmeira da Ásia.
8 Campeões.
9 Cidade de Itália. Neste momento.
10 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Cidade da Argélia. Campeão.
11 Andar de gatas.

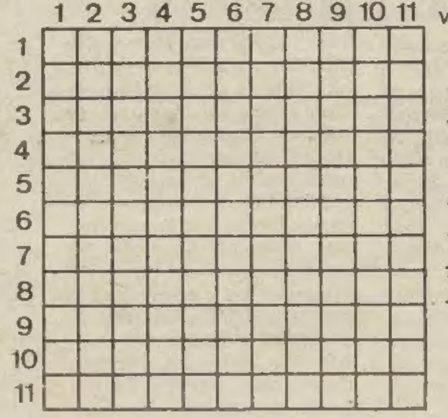
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7579

HORIZONTAIS:

« Quantidade suficiente (abrev. médica). Pássaro do Brasil. Ruim.
2 Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ahloh! Unidade monetária do Japão. Grande quantidade.
3 Encolerizas. Desmonto.
4 Ressoa. Aniversário.
5 Seguias. Medida de superfície.
6 Primeiro rei dos Hebreus. Chupo.
7 Fecha as asas para descer mais depressa. Nome de jogo.
8 Antes de Cristo. Energia. Basta.
9 Pés de animais. Armadilhas.
10 Impulso. Papão (pop).
11 Moves os remos. Sugar o leite materno.



VERTICAIS:

1 Serra do estado de Pernambuco. Comer.
2 Foras para fora. Canal.
3 Furiosas. Teor.
4 Autores. Dera uivos.
5 Suspiros. Içais.
6 Berilo (s.q). Senhor.
7 Ilha do estado da Baia. A fina flor.
8 Utensílio doméstico. Rainha de Portugal.
9 Mudo de partido. Preposição.
10 Antiga medida equivalente a sessenta alqueiros. Covil.
11 Freguesia do concelho de Guimarães. Unir por casamento.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 418

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 GRANDE. Sais.	1 GRANDE. Sica.
2 Rau. CALMA.	2 Para. Mascar.
3 Arrás. Araós.	3 Aurora. Asa.
4 Não. Aí. Orla.	4 Mm.
5 FReno. Gao.	5 Desanimara.
6 Ema. Ira. Ar.	6 Tormenta.
7 MMMD. Ras.	7 Ca. Ad. Rs.
8 SS. Mãe. Rama	8 Saro. Rias.
9 Iça. Rn. Im.	9 Alargaram.
10 Cãs. Atra. Ag.	10 Imolaram. Al.
11 Arão. Assolo.	11 Sasão. Salgo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7578

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Aaz. Sob. Osa.	1 Acareai. Cãs.
2 Cru. Alearem.	2 Arearam.
3 Aero. Amparo.	3 Zurrar. Aram.
4 Raros. Ao.	4 Oó. Barro.
5 Era. Isar. Ba.	5 Sa. Sina. Eça.
6 Aar. Nas. Par.	6 Oia. Sal. Man.
7 Im. Bali. Rir.	7 Bem. Ásia. Ro.
8 Aa. Acolá.	8 Apar. Cu.
9 Correm. Uvas.	9 Orão. Provam.
10 Arcar. Ara.	10 Ser. Bailara.
11 Samoano. Mar.	11 Amo. Arrasar.

PROVERBIO: GRANDE CALMA, GRANDE TORMENTA

farmácias de serviço

LISBOA

TODA A NOITE

ALVALADE
Belo, Avenida de Roma, 53-A (Tel. 776314).
AVENIDAS NOVAS
Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45-49 (Tel. 773043).
BAIRRO ALTO
Gonçalves, Rua da Rosa, 176-178 (Tel. 362687).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ancenso, Praça Norte, 11-A (Tele. 311216).
BAIXA
Simões Pires, Rua da Prata, 115 (Tel. 362350).
BENFICA
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (Tel. 703697).
CAMPOLIDE
Imparcial, Rua General Taborda, 28 (Tel. 680931).
westrela
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 660955).
GRAÇA
Mourão, Largo da Graça, 63 (Tel. 860700).
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B (Tel. 791131).
SANTO AMARO
Teles, Rua João de Barros, 2, frente (tel. 638176).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (Tel. 48642).

TURNO E-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALTO DE S. JOÃO
Vitalis, Rua Morais Soares, 69 (Tel. 841779).
ANJOS
Guerra, Rua Andrade, 32-36 (Tel. 845513).
ALVALADE
Marbel, Avenida de Roma, 131-A (Tel. 776235).
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Galinheiras-Charneca) (Tel. 790969).
ANJOS
Magalhães, Avenida Almirante Reis, 4-D/F (Tel. 49479).
AREEIRO
Garantia, Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A/B (à Praça do Areeiro) (Tel. 727300).
AVENIDAS NOVAS
Saldanha, Avenida Praia da Vitória, 53 (Tel. 43938).
BENFICA
S. João, Estrada da Luz, 124-A (Tel. 783179).
CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua Cruz de Santa Apolónia, 90 (Tel. 847019).
ESTRELA
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo, 66-B (Tel. 666971).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140 A/C (Tel. 720703-728395).
OLIVAIS SUL
Antunes Rosa, Praça da Cidade, do Luso, lote 199 (Tel. 313610).
REGO
Universitário, Rua Alfredo Roque G:AMEIRO; »($D (ao Hospital de Santa Maria) (Tel. 778953).
RESTELO
Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo, próximo dos Moinhos) (Tel. 611814).
S. PAULO
Central, Rua de S. Paulo, 108 (Tel. 320389).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Telf. 2112048).
CARCAVELOS
Central, Toda a noite.
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (Telf. 260085) Até às 22 horas
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (Telf. 2432034) Toda a noite
NOVA OEIRAS
Leal, Até às 22 horas.
OEIRAS
Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (Telf. 2432039) Até às 22 horas.
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Telf. 2471204) Toda a noite.
S. PEDRO DO ESTORIL
Amoreira, Toda a noite; **S. João**, Quinta da Carreira, 29-A (Telf. 261186) Toda a noite.
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telf. 280078) Até às 22 horas; **Nova**, Est. de Alvide-Fontainhas (Telf. 281044) Toda a noite.

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I, 9-B (Telf. 932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (Telf. 932210); **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Telf. 937740); **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, 120-Reboleira (Telf. 938424).
DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telf. 970461).
QUELUZ
Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Telf. 951841).
CACEM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Telf. 2940034).
MEM MARTINS
Quimia, Est. Mem Martins, 285 (Telf. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telf. 980456).
SINTRA
Simões, Estefânia (Telf. 2930832).
COLARES
Abreja (Telf. 299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telf. 234100).
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telf. 204020).
ALMADA
Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (Telf. 2760565).
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 178-B (Telf. 2040302).
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (Telf. 2073207).
COVA DA PIEDADE
Garcia Reis, R. dr. Alberto Araújo, 19-A
MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Telf. 239025).
MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 50 (Telf. 2310032)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (Telf. 2233471).
Setúbal
Rosado Pinto, P. do Bocage (Telf. 22484); **Nova**, R. General Gomes Freire (Telf. 22052).
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telf. 2218560)

PORTO

TURNO 3

ATÉ AS 22 HORAS

Contumil, R. de Contumil, 540 **Vaz Teixeira**, R. de Heroismo, 56 **Birra**, P. da Liberdade, 125 **Costa Lima**, Av. da Boavista, 855 **Marques de Mendonca**, R. do Ameal, 251 **Monte Cativo**, R. do Monte Cativo, 444 **Cardona dos Santos**, R. de D. Manuel II, 90 **Oriental**, R. do Bonjardim, 727

TODA A NOITE

Pasteleira, R. Andre de Rezende, 92 **Almeida Cunha**, R. Formosa, 327 **Sampaio**, R. de Cedofeita, 636 **São Jerónimo**, R. de Santos Pousada, 622

COIMBRA

Dias Ferreira, Rua do Brasil, 70 (Tel. 26046; **Higiene**, Rua Fernandes Tomás, 41, (Tel. 22634; **Santa Cruz**, Rua das Padeiras, 34 (Tel. 23569.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADÓQUE
20.30 e 22.45 (18 anos) «A Grande Cegada»
LAURA ALVES
21.45 (18 anos) «Vamos trocar de mulheres»
TEATRO ABERTO
21.15 (15 anos) «O Círculo de Giz Caucasiano»
A.B.C.
20.30 e 22.45 (6 anos) «A Vida é Boa»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.15 (18 anos) «O Curandeiro de Alcova»
EUROPA
21.30 e 24 (10 anos) «A Estrela»
CINEBOLSO
21.30 e 24 (18 anos) «Relações escaldantes»
SATÉLITE
21.30 (18 anos) «A Mulher Casada»
JARDIM
21.30 (18 anos) «Assassino de Saias»
PROMOTORA
21.15 (18 anos) «AVingançadohomemCalmo»
SALÃO IDEIAL
21.30 (14 anos) «O Último Comboio»
LUMIAR
21.15 (18 anos) «Agulhas de Ouro»
LUMIAR
21.15 (18 anos) «O Dia dos 7 Lobos»
ARCO IRIS
21.15 (18 anos) «Escravos»
PALÁCIO FOZ
21.00 (18 anos) «A Mãe e a Puta»

LINHA DE CASCAIS

PAREDE
Royal
21.15 (18 anos) «Decameron»
CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos) «Noitadas de Paris»
ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos) «As confidências de um leito muito acolhedor»
CASCAIS
S. José
21.15 (18 anos) «Listomania»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos) «A violência do leopardo»
SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (10 anos) «A Túnica»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos) «Sinos de morte»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos) «Sete mortos nos olhos do Gato»

PORTO/Teatros

GRUPO OS MODESTOS
21.30 (13 anos) «O Santo Inquérito»
ANTONIO PEDRO
21.00 (13 anos) «As Artimanhas de Scapino»

PORTO/Cinemas

COLISEU
21.30 (18 anos) «Clube Privado»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos) «Chove em Santiago»
JÚLIO DINIZ
21.15 (18 anos) «Como caçar um Marido»
RIVOLI
21.15 (18 anos) «Melody»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos) «Big Boss»
TRINDADE
21.15 (18 anos) «Emanuelle AntiVirgem»
ESTÚDIO
21.15 (18 anos) «A Principal Testemunha»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos) «Ana e os Lobos»
BATALHA
21.15 (18 anos) «Os canhões de Navarone»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos) «A Revolta de um Cidadão»
S. JOÃO
21.15 (13 anos) «Quo Vadis»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos) «Os Homens que contam»
VALE FORMOSO
21.15 (18 anos) «Assassinato em Hong-Kong»
BATALHA-BÉBÉ
22.00 (13 anos) «Benilde ou a Virgem Mãe»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (18 anos) «Mete o teu diabo no meu inferno»
GIL VICENTE
21.15 (10 anos) «A Linha Geral»
AVENIDA
21.15 (13 anos) «A Injustiça da Justiça»
S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos) «Fim de semana alucinante»

cinemas

CASTIL
T. 530194 — 17.00, 19.00 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Sylvia Kristel a 3.ª semana
EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM
um filme de Francis Giacobetti
Aviso ao público: este filme contém cenas eventualmente chocantes
Sábado às 24 horas, antestreia
AMORES SEM FREIO (L'amour a la bouche)

IMPÉRIO
T. 555134/5 — 17.00, 21.15
M/ 10 anos
MY FAIR LADY
Aundrey Hepburn, Rex Harrison
70 mm — Ecran gigante
Sábado e domingo 15.15, 18.30, 21.15 **MY FAIR LADY**

POLITEAMA
T. 326305 — 13.15, 17.15, 19.15, 21.30
O vampirismo em total alucinação
CERIMÓNIA SANGRENTA
Insaciável sede de snague virgem
(Col.) — Interdito a men. de 18 a.

VOX
Tel 720808 — 13.45, 17.15, 21.15
A VIDA POR VEZES É DURA
Não acons. menores 13 anos
com Tomas Millan

CARLOS MANUEL Sintra
Tel 2930394 — 21.15
Grupo B (10 anos)
A TUNICA

D. JOÃO V Damaia
Tel 971794 — 21.15
Não ac. men. 18 anos
POR UMA MÃO CHEIA DE DIAMANTES
com Telly Savalas e Peter Fonda
AVENTURAS

S. LUIS
Maiores de 18 anos
21.30
MADAME DE...
de Max Oohuls
Após a sessão das 21,30, haverá colóquio orientado pelo dr. João Bernard da Costa

PALÁCIO FOZ
15 de Julho — 18.00 e 21.00
A MÃE E A PUTA («La Mama et la Putain»
Realização: Jean Eustache (França, 1973)
Intérpretes: Bernardette Lafont e Jean-Pierre Léaud
Análise psicológica e especulação moral numa história de amor louco
Interdito a menores de 18 anos

CINE-TEATRO LIDO
Lido 21.15
(Int m. 18 anos)
EMANUELE NEGRA

CINESTUDIO
15.30, 21.30
Não acons. m. 13 anos)
BOBBY
2.ª semana

BARES · BOITES · RESTAURANTES TÍPICOS · DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13; (Tel. 364859, 368197). Marta Mónica Stripteaseuse.
CASINO DO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 264621/264946.

CALEIDOSCÓPIO
18.00, 21.15
Um dos maiores filmes da história do cinema
QUO VADIS
com Robert Taylor, Deborah Kerr, Peter Ustinov, Leo Genn. Um filme de Melvin LeRoy
Não aconselhável a menores de 13 anos
7.ª semana

EDEN
T. 320768 — 13.45, 17.15, 19.15, 21.30
A suprema violência das Artes Marciais
O INVENCÍVEL
com Bruce Lee
Grupo C 914 anos)

ODEON
T. 326283 — 17.15, 19.15, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
3.ª semana enchentes
se todas as mulheres fossem como
A MINHA INSACIÁVEL CUNHADINHA
Tinha saído a «sorte grande» a todos os homens

APOLO 70
T. 763319 — 13.45, 17.15, 19.15, 21.15
Jerry Lewis é
O HERÓI DO REGIMENTO
um filme de George Marshall
Para todos
6.ª semana
Hoje às 24 horas: a comédia
TEMPOS MODERNOS
de Charlie Chaplin
Grupo D (18 anos)

CASINO ESTORIL
T. 264521 — 17 e 21.15
Interdito a menores 18 anos
AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO MUITO ACOLHEDOR
com Olga Georges Picot e Michel le Royer

S. JORGE
T. 554153/4 — 17.30, 19.30, 21.30
Para todos
A alegre comédia musical
«TRÊS RAPARIGAS PARA A FRENTE»
com dezenas de actores ingleses

AVIS
T. 47163 — 17, 19, 21.15
Não acons. menores de 13 anos
TRINITÁ COW-BOY INSOLENTE
2.ª semana
com Terence Hill, Bud Spencer

ESTÚDIO
T. 555134 — 15, 17, 19, 21.15
Não acons. a m[illegible]
INSÓLITO DESTINO
Um filme de Lina Wertmuller
5.ª semana

ESTÚDIO 444
T. 779095 — 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
MENINAS BEM
4.ª semana

MUNDIAL
T. 538743 — 17, 19.15 e 21.30
Não acons. m. 13 anos
AVENTURA É AVENTURA
com Lino Ventura e Aldo Maccionne
O maior êxito de Claude Lelouch

ROMA
T. 727778 — 17.00, 19.00 e 21.15
Int. men. 18 anos
EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM
c/ Silvia Kristel
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

RESTELO
T. 610375 — 15.00, 21.00
Não acons. a men. 13 anos
O LEÃO E O VENTO

UNIVERSAL
Tel. 774492 — 21 h.
1430 e 20.30 (não ac. m. 10 anos) AS LUZES DA RIBALTA
17.00 e 22.30 (não ac. m. 10 anos) O GRANDE DITADOR
Ságado as 00.30 (para todos) LUZES DA CIDADE

CONDES
T. 322523 — 13.15, 17.15, 19.15, 21.30
Não acons. men. 18 anos
SOLDADO AZUL
um acontecimento fora de série
c/ andice Bergen, Peter Strauss

BERNA
T. 77609[illegible] — 13.45, 17.15, 19.15, 21.15
Para todos
Os grandes sarilhos de um polícia em Saint-Tropez
O GENDARME EM FÉRIAS
5.ª semana
C/Luis de Funes

LONDRES
T. 801313 — 13.15, 17.15, 19.15, 21.30
Não acons. men. 13 anos
PÃO COM LARANJA
c/ M[illegible]
Ugo Tognazzi
Hoje às 24 h (18 anos)
A NOITE DOS MIL OLHOS

ROXY
T. 48560 — Estreia às 21.30
Interdito menores 18 anos
Annie Belle no papel de
LAURA
idealizado, escrito e interpretado por Emmamelle Assan
Amanhã às 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

TIVOLI
T. 570595 — 17.15, 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
Uma história imortal!
Um filme eterno!
E TUDO O VENTO LEVOU
6.ª semana
Com Clark Gable, Vivien Leigh

ALVALADE
T. 897480 — Estreia às 21.30
Interdito menores 18 anos
amor... acção... aventura
CARAVANA PARA A AVENTURA
com Charlotte Ramplina
Aamanhã às 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

PATHÉ
T. 821933 — 13.30, 17.15, 19.15, 21.15
EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM
3.ª semana
com Sylvia Kristel
Interdito a men. de 18 anos
Este filme contem cenas eventualmente chocantes
Hoje às 24 h
EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM

NIMAS
T. 574313
Não acons. menores 18 anos
O Chile de Allende e Pinochet
CHOVE EM SANTIAGO
2.ª Semana

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Resultado visível da explosão: escombros

Explosão na Graça feriu seis pessoas

Ao acender uma lamparina ao seu santo protector, às 6.30 desta manhã, uma moradora da Rua de S. Vicente à Graça, provocou, sem querer, uma explosão que levou à derrocada do prédio, que habitava. Uma torneira de gás mal fechada durante a noite esteve na origem do incidente, que causou ferimentos em seis pessoas. O gás espalhara-se pela casa e ao contacto com o fogo deu lugar à forte explosão que trouxe pânico aos moradores e vizinhos.

A Polícia e os bombeiros chegaram minutos depois. Os feridos começaram a ser transportados para o hospital de S. José: Luís Alves, Barbosa, 53 anos, marceneiro e a sua mulher, Irene Lopes de Oliveira Marques, 37 anos; José Baptista da Silva, 58, sapateiro; Esteves da Silva, 55; eng.º Azevedo Coutinho, 64 e sua mulher, Maria Carolina Coutinho, de 62.

Este último casal habitava no terceiro e último andar do edifício onde se deu a explosão. O soalhoabateu e eles vieram cair no primeiro andar. Aliás, o prédio ficou bastante danificado. Um casal que na altura passava na rua ainda foi atingido.

Apesar de ser uma rua muito estreita, tem imenso movimento. «Do mal o menos. Se tem sido de dia poderia haver mais feridos» — disse-nos um dos moradores dum prédio vizinho. «Estive na guerra e habituado a ouvir explosões. Mas esta, talvez pela rua ser muito estreita, pareceu muito forte».

"DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

João Gomes sucede a Vítor Cunha Rego?

O jornalista João Gomes, actual chefe de redacção de «A Luta», é o nome mais insistentemente referido em círculos socialistas para suceder a Vítor Cunha Rego na direcção do «Diário de Notícias».

Antigo redactor (e mais tarde subchefe de redacção) do nosso jornal, João Gomes, que tem um curso de jornalismo tirado em França, trabalhou de 1972 a 1975 na «República», onde chegou a ser chefe de redacção. Actualmente, e para além das funções profissionais, é deputado socialista pela segunda vez consecutiva.

A sucessão de Vítor Cunha Rego abriu-se quando o antigo chefe de Gabinete de Mário Soares nas Necessidades decidiu abandonar o «Diário de Notícias» para ocupar eventualmente um lugar no próximo Governo, que se admite seja o de secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro. Interinamente a direcção foi cometida a Mário Mesquita, outra figura de proa do P.S. que havia sido director-adjunto com Cunha Rego.

Entre os nomes citados para assumir a direcção do «Diário de Notícias» figuraram, nos últimos dias, precisamente o de Mário Mesquita e ainda os de Alberto Arons de Carvalho, Manuel Ramos e José Carlos de Vasconcelos, este adiantado por alguns sectores técnicos da empresa. Um ponto está, porém, assente: a direcção do «D.N.» é para um membro do P.S., o que não colhia no caso de José Carlos de Vasconcelos.

A prisão de "Corrécio"

Continuação da pág. 1

indivíduos suspeitos, a bordo de uma viatura conduzida por António Marques da Costa, residente no lugar do Barreiro, daquela freguesia. Nessa altura, foi ainda detido João Pinto Monteiro, de 20 anos, vendedor de electrodomésticos. Levados, ontem, a tribunal, estes indivíduos recolheram à cadeia da Comarca de Guimarães, uma vez que na sua viatura foram encontradas matracas e uma bala com calibre de guerra.

Prosseguindo calmamente a sua «actividade» de pistoleiro na via pública, insultando e agredindo pessoas, com particular preferência por individualidades progressistas e antifascistas, o Eduardo era considerado um cidadão «normal», não incomodado pelas autoridades de Braga, apesar dos mandatos de captura e do conhecimento do local habitual de sua permanência: o «Café S. João».

Ainda na semana passada, conforme noticiámos, o Eduardo «Corrécio» logrou escapar, disparando tiros, a uma tentativa de prisão levada a efeito por elementos da P. J. do Porto.

A prisão dos irmãos «Corrécios» surge, assim, ao cabo de cerca de um ano de actividades criminosas praticadas na mais completa impunidade, não obstante as declarações de testemunhas oculares tornadas públicas pela Imprensa. Inclusivamente, conforme se tem noticiado, algumas das actividades dos «Corrécios» foram presenciadas por elementos das forças policiais. Estão neste caso, nomeadamente, os tiros dados na rua num domingo do passado Verão, após um desafio de futebol em Braga, e a entrada (e saída...) na esquadra da P. S. P. com armas na mão, já não falando no seu conhecido automóvel vermelho que galgava passeios e fazia corridas nas ruas de Braga.

CLIMA DE INTIMIDAÇÃO

As forças progressistas do distrito, em comunicados tornados públicos desde há mais de um ano, denunciaram igualmente as agressões praticadas por tais cadastrados e as suas estreitas e notórias ligações com grupos de intervenção constituídos por elementos dos partidos da direita e organizações da extrema-direita. Denunciaram, igualmente, a participação activa dos «Corrécios» nos atentados terroristas que assolaram a cidade e a região, e as agressões que fizeram a conhecidos militantes antifascistas, como foi o caso mais recente do dr. Humberto Soeiro.

Com a cobertura dada pelo ambiente de impunidade de que os «Corrécios» e seus acompanhantes sempre beneficiaram foi possível assistir, na via pública, a provocações, insultos, ameaças e tentativas de atropelamento, dando livre curso a um clima de intimidação a que não teria sido difícil pôr cobro, dada a notoriedade e a publicidade dos actos praticados. Ouvir tiros de noite, em Braga, provocava imediatamente exclamações como: «São os 'Corrécios'», «Lá andam os 'Corrécios' aos tiros».

Segundo outras informações, o grupo terrorista chefiado pelo Eduardo é constituído por uns vinte ou trinta marginais, na sua maioria com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos, considerados como «suicidas, arrojados e capazes de tudo». Por outro lado, as informações sobre as actividades destes marginais e as suas ligações faziam com que em Braga se dissessem coisas perfeitamente sintomáticas: «Se forem presos pouco tempo lá ficam, haverá quem os liberte depressa». Esta convicção generalizada, expressa deste modo, dava uma ideia do campo de manobra que tais marginais sempre tiveram ao longo de meses e meses de desencadeada violência contra forças progressistas, organizações de trabalhadores e simples cidadãos de passado coerentemente antifascista.

Fala-se, inclusivamente, em «protecção a níveis elevados» e em viaturas preparadas e postas à disposição de grupos terroristas em que os «Corrécios» igualmente interferiam. A convicção das suas ligações ao E. L. P. / M. D. L. P. também não era ocultada por largas camadas da população bracarense. Aliás, afirma-se abertamente em diversos círculos da cidade, metralhadoras nas mãos destes indivíduos «não são novidades para ninguém». E acrescenta-se: «Só não sabe euem não quer ou quem, de uma maneira ou de outra, tira proveito das actividades terroristas que tais indivíduos impunemente têem desenvolvido».

A prisão dos «Corrécios» foi sentida com alívio por parte de muita gente que, inclusivamente, vê neste facto a possibilidade de finalmente averiguar e pedir responsabilidades pelas actividades terroristas dos «Corrécios» e de quam lhes dá ordens e apoios.

Novo Governo

Continuação da pág. 1

geral exerce sobre os trabalhadores da cidade e das fábricas, e em pormenor relatei-lhe o que era a vida de um operário numa grande fábrica. Ele disse que gostaria de aprofundar essa questão, que os dados dele eram diferentes dos nossos.»

«O sr. Presidente da República manifestou o desejo de voltarmos a discutir noutra ocasião mais aprofundadamente, sobreturo como resolver a crise económica neste momento.»

APREENSÕES DO P. C. P.

Álvaro Cunhal chefiou a delegação do P. C. P., que incluía ainda Octávio Pato, Carlos Brito é Blanqui Teixeira. Disse que o encontro não fora apenas um encontro realizado formalmente nos termos da Constituição e que a troca de impressões fora bastante útil para «melhor aclarar a situação e se encontrarem caminhos correctos para as soluções».

Revelou que o P. C. P. expressou ao Presidente da República a opinião conhecida do partido quanto ao futuro Governo a constituir.

«Temos muitas apreensões acerca de um Governo constituído apenas pelo Partido Socialista. Pensamos por um lado que é um Governo minoritário, que não tem uma base de apoio na Assembleia nem uma base de apoio popular necessárias para a política que neste momento se pode impor em relação à situação geral do nosso país. Além do mais por tudo quanto conhecemos, ainda que o programa esteja por anunciar, por tudo quanto conhecemos da política do Partido Socialista nos últimos tepos, temos bastante receio que as soluções adoptadas não respondam às necessidades que neste momento existem no nosso país para resolver os problemas militares, políticos, diplomáticos, económicos e sociais.

As conversações prosseguiram com delegações do C. D. S., P. P. P. e P. S. Foi durante este último encontro que o general Eanes convidou oficialmente Mário Soares a formar Governo.

GOVERNO SOCIALISTA: QUE HIPÓTESES?

O Partido Socialista reafirmou a sua intenção de formar Governo sem recurso a outros partidos, considerando que no actual momento não há «qualquer outra alternativa de esquerda e que só um Governo P. S. pode garantir a defesa das conquistas do 25 de Abril».

No comunicado final da reunião da Comissão Nacional do Partido Socialista, distribuido esta madrugada, afirma-se que o Governo a formar por aquele Partido não será «transitório», mas sim «para durar, e para cumprir a sua missão, sempre no respeito pelas regras democráticas».

Mais adiante, o comunicado refere que «com o P. S. no Governo os trabalhadores terão a certeza de que os seus direitos serão garantidos».

Em relação à decisão do Presidente da República, general Ramalho Eanes, de convidar Mário Soares para Primeiro-Ministro, a Comissão Nacional do P. S. manifestou a sua «total confiança» ao secretário-geral assegurando-lhe «o apoio firme e determinado» do Partido, «considerando que Mário Soares na chefia do Governo é garantia «de que a democracia e o socialismo vencerão».

O encontro de ontem das cúpulas do P. S. teve como agenda a análise do actual momento político na perspectiva do futuro Governo e a mobilização do Partido para o apoio que lhe deve ser concedido.

À entrada para a reunião da Comissão Nacional do P. S., Mário Soares, em declarações aos órgãos de Informação, afirmou que se pretende que o próximo Governo socialista tenha o concurso de independentes e um apoio que vá muito além do próprio Partido.

A despeito das constantes afirmações de Mário Soares quanto à «homegeneidade» do seu Governo, corre com insistência nos bastidores políticos que uma aliança tácita P. S./P. P. D. tem grandes hipóteses de concretização, o que é desde já indicado por algumas das votações registadas nas últimas sessões da Assembleia da República e pelo encontro que em S. Bento ocorreu entre Mário Soares e Sá Carneiro, antes de se avançar com as anunciadas consultas oficiais aos restantes quatro partidos parlamentares.

De notar, no entanto, que o P. S. desmente formalmente esta versão, insistindo em que o seu Governo será de esquerda (a única alternativa de esquerda, acentua).

tome nota

GABAROLICE

.Durante os comes e bebes em Rio Maior dos que a si mesmos se consideram «agricultores livres», um destes gabou-se dos bloqueamentos dos acessos a Lisboa em 24-25 de Novembro e doutras conhecidas aventuras. A televisão estava lá, atenta, veneradora e obrigada. Evidentemente!

ESQUECERAM A ESTRATÉGIA

O semanário de Pinto Balsemão insere hoje esta curiosa notícia: «À hora de encerrarmos a nossa edição fomos contactados por uma personalidade política que nos disse haver encontrado num conhecido bar lisboeta, um documento que continha a estratégia de um importante partido para as eleições das autarquias locais. O documento foi deixado, por distracção, certamente, por outra personalidade política, indigitada para membro do próximo Governo».

INDEPENDÊNCIA NACIONAL

Enquanto o general Galvão de Figueiredo, vice-chefe do Estado-Maior do Exército, e Frank Carlucci, embaixador americano, se deslocam hoje a Santa Margarida, base da recém-nascida Brigada da N. A. T. O., um matutino dá conta de protestos do brigadeiro Franco Charais, num dos últimos Conselhos da Revolução, contra a visita de conselheiros militares norte-americanos a unidades situadas na área da sua jurisdição, sem que lhe fosse dado conhecimento.

Registe-se que a base militar de Santa Margarida foi recentemente equipada com cinco carros de combate e 20 viaturas blindadas de transporte de pessoal de oferta norte-americana. A instrução é ministrada, também, por norte-americanos.

O grupo de oficiais do Pentágono (E.U.A.) acima referido visitou várias unidades militares, com a missão — diz o «Expresso» — de «avaliar as necessidades de dotação de equipamento moderno».

Pinochet liberta Fanny Zulema

Fanny Zulema, antifascista chilena detida em Santiago desde Setembro do ano findo, foi posta em liberdade no último dia de Junho. A notícia chega-nos através da AEPPA, que cita, a propósito, a Ancha (Agência Noticiosa Chilena Antifascista), considerando a libertação daquela militante revolucionária como «mais uma vitória dos antifascistas de todo o mundo na luta contra a ditadura de Pinochet».

Refere ainda a Associação dos Ex-Presos Políticos Antifascistas a sua disposição em continuar a luta pela libertação do povo chileno.